

INÉDITO

Maigret

Simenon

Os escrúpulos
de Maigret



L&PM POCKET

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Georges Simenon

Os escrúpulos de Maigret

Tradução de PAULO NEVES

www.lpm.com.br

L&PM POCKET

CAPÍTULO I

O VISITANTE DA MANHÃ DE TERÇA-FEIRA

ISTO RARAMENTE acontece mais de uma vez ou duas por ano no Quai des Orfèvres, e às vezes dura tão pouco que nem se tem tempo de perceber: de repente, após um período febril, durante o qual os casos se sucedem sem descanso, quando não chegam a três ou quatro simultaneamente, deixando todo o pessoal exausto a ponto de os inspetores, por falta de sono, terem os olhos vermelhos e esgazeados, de repente é a calma completa, o vazio, apenas pontuado por alguns telefonemas sem importância.

Isso acontecera na véspera, uma segunda-feira, é verdade, dia mais parado que os outros, e tal era ainda a atmosfera às onze horas da manhã de terça-feira. No vasto corredor apenas circulavam, pouco à vontade, dois ou três informantes de aparência miserável que vinham fazer sua denúncia, e, na sala dos inspetores, todos estavam em seus postos, com exceção dos gripados.

Se em situações de urgência Maigret geralmente carecia de efetivos e tinha a maior dificuldade para designar homens suficientes a um caso, hoje ele teria podido dispor de sua equipe quase completa.

É verdade que o mesmo acontecia um pouco em toda parte em Paris. Era 10 de janeiro. As pessoas, depois das festas, viviam em ritmo lento, com um resto de ressaca na boca, a perspectiva do vencimento das contas e das declarações de impostos.

O céu, como as consciências e os humores, era de um cinza neutro, quase o mesmo cinza das calçadas. Fazia frio, não o bastante para que fosse pitoresco e se falasse dele nos jornais, um frio apenas desagradável, que se sentia após ter andado por um certo tempo nas ruas.

Os radiadores, nas salas, estavam ardentes, agravando ainda mais o peso da atmosfera, de tempos em tempos com gorgolejos na tubulação, ruídos misteriosos que vinham da caldeira.

Como escolares em sala de aula depois dos exames, uns e outros se ocupavam daqueles afazeres miúdos que se costuma deixar para mais tarde, descobrindo nas gavetas relatórios esquecidos, estatísticas a estabelecer, tristes tarefas administrativas.

As pessoas de que os jornais falavam estavam quase todas na Côte d'Azur ou nos esportes de inverno.

Se Maigret ainda tivesse seu aquecedor a carvão, que por muito tempo lhe fora deixado após a instalação do aquecimento central, mas que acabaram por retirar, ele teria ido de quando em quando recarregá-lo, atiçando o fogo e fazendo cair uma chuva de cinzas vermelhas.

Ele não estava de mau humor; tampouco estava bem disposto, e havia se perguntado, no ônibus que o trazia do Boulevard Richard-Lenoir, se não estava com uma gripe incubada.

Era talvez sua mulher que o preocupava? Na véspera, seu amigo Pardon, o médico da Rue Picpus, lhe dera um telefonema inesperado.

– Alô, Maigret... Não diga à sra. Maigret que eu pus você a par...

– A par de quê?

– Ela veio me ver há pouco e insistiu para que eu não lhe falasse...

Não havia um ano que o comissário também fora ver Pardon, igualmente recomendando-lhe nada dizer sobre a visita à sua mulher.

– Sobretudo não se preocupe. Eu a examinei com cuidado. Não é nada grave...

Maigret sentia-se tão pesado, na véspera, quando recebera esse telefonema, quanto esta manhã, tendo à frente o mesmo relatório administrativo por concluir.

– De que ela se queixa?

– De um tempo para cá fica ofegante ao subir a escada e, principalmente de manhã, sente as pernas pesadas. Nada de preocupante, repito. Apenas sua circulação não está exatamente como deveria. Receitei comprimidos a serem tomados a cada refeição. Também informo a você, a fim de que não se surpreenda, que impus a ela um regime. Gostaria que ela perdesse cinco ou seis quilos, o que aliviaria o coração.

– Tem certeza de que...

– Juro que não há absolutamente nada de perigoso, mas achei preferível colocá-lo a par. Se confia em mim, finja nada perceber. O que mais a assusta é que você tenha preocupações por causa dela...

Como ele conhecia sua mulher, ela certamente fora comprar no primeiro farmacêutico o medicamento prescrito. O telefonema fora de manhã. Ao meio-dia ele espiou a sra. Maigret, que não tomou nenhum comprimido diante dele. À noite também não. Ele procurou um frasco, ou uma caixa, nas gavetas do aparador, depois, como quem não quer nada, na cozinha.

Onde ela escondera o medicamento? Havia comido menos, dispensara a sobremesa, ela que adorava tanto.

– Acho que vou tentar emagrecer um pouco – ela dissera, gracejando. – Já não estou cabendo nos meus vestidos...

Ele tinha confiança em Pardon, não estava aflito. Mesmo assim aquilo o atormentava, ou, mais exatamente, o deixava melancólico.

Primeiro ele, no ano anterior, com repouso completo de três semanas. Sua mulher, agora. Isto significava que eles muito suavemente haviam atingido a idade dos pequenos aborrecimentos, dos pequenos reparos necessários, um pouco como os automóveis que, depois de um certo tempo, precisam dar uma passada quase todas as semanas na oficina.

Só que, para os automóveis, compram-se peças de reposição. Pode-se até mesmo instalar um novo motor.

No momento em que o contínuo bateu à porta, que ele abriu, como de hábito, sem esperar resposta, Maigret não estava consciente dessas cogitações. Levantou a cabeça de seu relatório, fitou o velho Joseph com olhos vagos e como que entorpecidos.

– O que é?

– Alguém que insiste em vê-lo pessoalmente.

E Joseph, que não fazia ruído algum ao andar, pôs uma ficha de papel no canto da escrivaninha.

Maigret leu um nome traçado a lápis, mas, como esse nome nada lhe dizia, não prestou atenção. Haveria apenas de lembrar que era um nome de duas sílabas, que começava provavelmente por um M. Só o prenome lhe ficou na memória, Xavier, por ser o de seu primeiro chefe no Quai des Orfèvres, o velho Xavier Guichard.

Sob as palavras impressas “Objetivo da visita”, havia algo como: “Necessidade urgente de conversar com o comissário Maigret”.

Joseph esperava, impassível. Estava bastante escuro na sala para que se acendessem as lâmpadas, mas o comissário não pensara nisso.

– O senhor vai recebê-lo?

Ele fez que sim com um movimento de cabeça, alçando ligeiramente os ombros. Por que não? Um instante depois, entrava ali um visitante de uns quarenta anos, cujo aspecto nada tinha de especial e que podia ser qualquer um dos milhares de homens que se vêem, às seis da tarde, andar a passos apressados em direção ao metrô mais próximo.

– Peço perdão por perturbá-lo, sr. comissário...

– Sente-se.

Seu interlocutor estava um pouco nervoso, mas não excessivamente, antes um tanto inquieto, como muitos outros que penetravam naquela mesma sala. Vestia um sobretudo escuro que desabotoou antes de sentar-se, conservando o chapéu primeiro sobre os joelhos para depois colocá-lo a seus pés, sobre o tapete.

Sorriu então de um modo mecânico, sinal de timidez, sem dúvida. Tossiu brevemente e disse:

– O mais difícil é começar, não é? Claro, como todo o mundo, repeti não sei quantas vezes em minha cabeça o que vou lhe dizer, mas, na hora, a coisa se embrulha...

Novo sorriso, que buscava uma aprovação ou um encorajamento do comissário. Neste, porém, o interesse não

despertara. O homem chegava num mau momento, quando ele tinha o espírito adormecido.

– O senhor deve receber quantidades de visitas do mesmo tipo, pessoas que vêm lhe falar de seus pequenos problemas, convencidas de que são interessantes.

Era moreno, não tinha má aparência, apesar do nariz um pouco torto e do lábio inferior excessivamente carnudo.

– Posso lhe afirmar que não é o meu caso, e que hesitei muito tempo em vir perturbar um homem tão ocupado como o senhor.

Ele devia estar esperando um escritório atulhado de pastas, com dois ou três telefones tocando ao mesmo tempo, inspetores entrando e saindo, testemunhas ou suspeitos arriados nas cadeiras. Aliás, é o que teria encontrado num outro dia, mas seu desencantamento não fez sorrir o comissário, que dava a impressão de não pensar em nada.

Em realidade, este observava o terno de seu interlocutor, diria-se que era de boa qualidade e que devia ter sido cortado por um bom alfaiate. Terno de um cinza quase escuro. Sapatos pretos. Uma gravata neutra.

– Quero lhe assegurar, sr. comissário, que não estou louco. Não sei se o senhor conhece o dr. Steiner, na Place Denfert-Rochereau. É um neurologista, o que é mais ou menos, acho eu, sinônimo de psiquiatra, e ele testemunhou várias vezes como perito em processos judiciais.

As grossas sobrancelhas de Maigret se ergueram um pouco, mas não exageradamente.

– O senhor foi ver Steiner?

– Fui pedir-lhe uma consulta, sim, e observo, de passagem, que suas consultas duram uma hora e que nada é deixado ao acaso. Ele não encontrou nada. Considera-me perfeitamente normal. Quanto à minha mulher, que ele não viu...

Deteve-se, pois seu monólogo não era exatamente o que havia preparado, e ele procurava recuperar as palavras tais e quais. Com um gesto automático, tirou do bolso um maço de cigarros, sem ousar pedir a permissão de fumar.

– Pode fumar – disse Maigret.

– Eu lhe agradeço.

Seus dedos tremiam um pouco, ele estava nervoso.

– Peço perdão. Eu deveria me dominar melhor, não consigo evitar minha emoção. É a primeira vez que o vejo em carne e osso, repentinamente, em seu escritório, com seus cachimbos...

– Posso perguntar qual é sua profissão?

– Eu devia ter começado por aí. Não é uma profissão muito comum e, como tanta gente, talvez o senhor ache graça. Trabalho no Grande Magazine do Louvre, na Rue de Rivoli. Oficialmente, meu cargo é primeiro vendedor da seção de brinquedos. O que vale dizer que, nas festas de fim de ano, estive muito atarefado. Em realidade, tenho uma especialidade que ocupa a maior parte do meu tempo: sou eu que vendo trens elétricos.

Parecia que ele esquecia o objetivo da visita, o lugar onde estava, para passar a falar de seu assunto favorito.

– O senhor passou, em dezembro, diante do Magazine do Louvre?

Maigret não disse nem sim nem não. Ele não lembrava. Recordava vagamente um grande luminoso na fachada, mas não poderia dizer o que as figuras em movimento e multicoloridas representavam.

– Se passou, deve ter visto, na terceira vitrine da Rue de Rivoli, uma reconstituição exata da Gare Saint-Lazare, com todas as vias, os trens diretos e de periferia, os sinais, o sistema de agulhas. Isto me exigiu três meses de trabalho, e tive de ir à Suíça e à Alemanha para comprar parte do material. Pode parecer infantil, mas se eu lhe dissesse o volume de negócios que fazemos apenas com os trens elétricos... E não pense que nossa clientela é composta somente de crianças. Pessoas adultas, entre as quais homens com uma posição importante, se apaixonam pelos trens elétricos e me chamam com freqüência a mansões particulares para...

Ele se interrompeu outra vez.

– Estou lhe aborrecendo?

– Não.

– O senhor está me escutando?

Maigret fez sinal que sim. O visitante devia ter de quarenta a 45 anos, e usava uma aliança de ouro, larga e achatada, quase igual à do comissário. Usava também um alfinete de gravata em forma de sinal ferroviário.

– Não sei mais onde estava. Obviamente não foi para falar de trens elétricos que vim procurá-lo, e me dou conta de que estou lhe fazendo perder tempo. No entanto é necessário que o senhor possa me situar, não é mesmo? Devo dizer ainda que resido na Avenue de Châtillon, perto da igreja Saint-Pierre de Montrouge, no XIV^o *arrondissement*, e que ocupo o mesmo imóvel há dezoito anos. Não: dezenove... Enfim, fará dezenove anos em março... Sou casado...

Ele se afligia por não ser mais claro, por ter detalhes demais a fornecer. Percebia-se que, à medida que as idéias lhe vinham, ele as pesava, perguntando-se se eram importantes ou não, se devia exprimi-las ou rejeitá-las.

Olhou seu relógio de pulso.

– É justamente porque sou casado...

Sorriu para desculpar-se.

– Seria mais fácil se o senhor fizesse as perguntas, mas não pode, pois ignora do que se trata...

Maigret começava a se reprovar por estar tão estático. Não era culpa sua. Era algo físico. Ele tinha dificuldade de interessar-se pelo que lhe estava sendo contado e lamentava ter deixado Joseph introduzir o visitante.

– Estou lhe ouvindo...

Encheu o cachimbo, para se ocupar; lançou um olhar à janela atrás da qual havia apenas um cinza pálido, como um pano de fundo já usado num teatro de cidade do interior.

– Antes de tudo devo sublinhar que não estou fazendo nenhuma acusação, sr. comissário. Amo minha mulher. Estamos casados há quinze anos, Gisele e eu, e, por assim dizer, nunca brigamos. Falei disso ao dr. Steiner, depois que me examinou, e ele me respondeu, preocupado:

“– Eu gostaria muito que trouxesse sua esposa até aqui.

“Mas a que pretexto posso pedir a Gisele que me acompanhe a um neurologista? Não posso sequer afirmar que ela é louca, pois faz seu trabalho sem que ninguém se queixe.

“Como o senhor percebe, não sou particularmente instruído. Sou filho da Assistência Pública e tive de educar a mim mesmo. O que sei, aprendi nos livros, após o trabalho. Interesse-me por tudo, não apenas por trens elétricos, como poderiam supor, e considero que o conhecimento é o bem mais precioso do homem.

“Peço perdão por falar assim. Mas é para lhe dizer que, quando Gisele começou a mostrar, em relação a mim, um comportamento diferente, fui às bibliotecas, inclusive à Biblioteca Nacional, consultar livros que teriam me custado caro. Além disso, minha mulher teria se inquietado se os encontrasse em casa...”

A prova de que Maigret seguia mais ou menos esse discurso é que ele perguntou:

– Livros de psiquiatria?

– Sim. Não afirmo ter compreendido tudo. Em sua maior parte são escritos numa linguagem muito erudita para mim. Contudo, encontrei livros sobre neuroses e psicoses que me fizeram refletir. Suponho que conhece a diferença entre neuroses e psicoses... Estudei também a esquizofrenia, mas acredito, realmente, que a coisa não vai tão longe...

Maigret pensou em sua mulher, em Pardon, observou uma pequena verruga castanha no canto do lábio do seu visitante.

– Se compreendo bem, o senhor suspeita que sua mulher não se encontra num estado normal?

O momento chegara, e o homem empalideceu um pouco, engoliu a saliva duas ou três vezes antes de declarar, como quem busca as palavras e pesa seu sentido:

– Estou convencido de que, há vários meses, cinco ou seis meses pelo menos, minha mulher tem a intenção de me matar. Eis por que, sr. comissário, vim vê-lo pessoalmente. Não tenho provas formais, caso contrário teria começado por aí. Estou pronto a fornecer-lhe os indícios que possuo e que são de dois tipos. Indícios morais, em primeiro lugar, os mais difíceis de expor, como deve

compreender, pois são sobretudo insignificâncias sem gravidade em si, mas cujo acúmulo acaba por adquirir um sentido.

“Quanto aos indícios materiais, há um que eu lhe trouxe, e que é o mais perturbador...”

Abriu o sobretudo, o casaco, pegou a carteira no bolso interno, dela tirando um papel dobrado como aqueles nos quais alguns farmacêuticos colocam ainda medicamentos em pó para dor de cabeça.

O papel continha uma grande quantidade de pó, de um branco sujo.

– Deixo-lhe esta amostra, que o senhor pode mandar analisar. Antes de procurá-lo, solicitei uma análise a um vendedor do Louvre, apaixonado pela química e que possui um verdadeiro laboratório. Ele foi categórico. Trata-se de fosforito branco. Não fósforo, como se poderia supor, mas fosforito, como verifiquei no dicionário. Não me contentei com o Larousse. Consultei também tratados de química. O fosforito branco é um pó mais ou menos incolor, extremamente tóxico. Era empregado outrora, em doses infinitesimais, como remédio em certas doenças, e é justamente por causa de sua toxicidade que acabou sendo abandonado.

Ele fez uma pausa, um pouco desorientado diante de um Maigret que continuava impassível e como que ausente.

– Minha mulher não trabalha com química. Não segue nenhum tratamento médico. Não tem nenhuma das doenças para as quais se poderia, a rigor, prescrever fosforito de zinco. Ora, não foram poucos gramas que encontrei em casa, mas um frasco contendo pelo menos cinqüenta gramas. Aliás, descobri por acaso. Tenho, no andar térreo, uma espécie de ateliê onde trabalho nas maquetes de minhas vitrines e onde realizo pequenas pesquisas de mecânica. Trata-se apenas de brinquedos, é verdade, mas, como eu lhe disse, os brinquedos representam...

– Eu sei.

– Um dia, quando minha mulher estava ausente, derrubei um pote de cola sobre minha bancada de trabalho. Abri o armário onde são guardadas as vassouras e os produtos de limpeza. Ao procurar

um detergente, pus a mão, por acaso, num frasco sem etiqueta cuja forma me pareceu curiosa.

“Pois bem, se o senhor aproximar essa descoberta do fato de que nos últimos meses percebi, pela primeira vez na vida, alguns distúrbios que descrevi ao dr. Steiner...”

A campainha do telefone ressoou na sala, e Maigret atendeu, reconhecendo a voz do diretor da Polícia Judiciária.

– É você, Maigret? Tem alguns minutos? Gostaria de apresentar-lhe um criminologista americano que está na minha sala e deseja muito apertar a sua mão...

Pondo de volta o telefone no gancho, Maigret olhou ao redor. Nada de confidencial se passava no escritório. Seu visitante não parecia ser um homem perigoso.

– Permite? É só por alguns minutos.

– Fique à vontade.

À porta, porém, teve um reflexo e atravessou novamente o escritório para abrir, como de hábito, a porta da sala dos inspetores. Mas não deu a estes nenhuma instrução especial, não pensou nisso.

Alguns instantes depois, empurrava a porta acolchoada do escritório do chefe. Um rapagão de cabelos ruivos se levantou de uma poltrona e apertou-lhe vigorosamente a mão, dizendo em francês, com uma ponta de sotaque:

– É uma grande alegria para mim vê-lo em carne e osso, sr. Maigret. Quando estive no meu país, não pude vê-lo, pois eu estava em San Francisco e o senhor não foi até lá. Meu amigo Fred Ward, que o recebeu em Nova York e o acompanhou a Washington, contou-me coisas apaixonantes a seu respeito.

O diretor fez sinal a Maigret para sentar-se.

– Espero não estar perturbando o senhor em meio a um desses interrogatórios que parecem tão curiosos a nós, americanos.

O comissário o tranqüilizou. O hóspede do chefe ofereceu-lhe cigarros, mas logo reconsiderou.

– Esqueço que o senhor é um fanático do cachimbo...

Isto acontecia periodicamente e eram sempre as mesmas frases, as mesmas perguntas, a mesma admiração exagerada e incômoda. Maigret, que tinha horror de ser examinado como se

fosse um fenômeno, fazia um esforço por resignar-se e, nesses momentos, tinha um sorriso especial que muito divertia seu chefe.

Uma pergunta levou a outra. Falou-se de técnica, depois foram evocados casos célebres, sobre os quais ele precisou dar sua opinião.

Fatalmente foram mencionados seus métodos, o que sempre o impacientava, pois, como repetia, sem no entanto conseguir destruir as lendas, ele nunca tivera métodos.

Para livrá-lo, o diretor levantou-se, dizendo:

– E agora, se quiser visitar nosso museu...

Isso fazia parte de todas as visitas do gênero, e Maigret pôde, após ter as mãos novamente esmagadas por um punho mais vigoroso que o dele, voltar a seu escritório.

Ao entrar deteve-se, surpreso, pois não havia mais ninguém na poltrona que designara a seu vendedor de trens elétricos. A sala estava vazia, somente com a fumaça de cigarro que flutuava ainda a meia altura do teto.

Dirigiu-se até a sala dos inspetores.

– Ele foi embora?

– Quem?

Janvier e Lucas jogavam cartas, o que acontecia três vezes ao ano, a não ser quando deviam montar guarda a noite toda.

– Nada... Não tem importância...

Foi até o corredor, onde o velho Joseph lia o jornal.

– Meu cliente partiu?

– Não faz muito tempo. Saiu do seu escritório e me disse que não podia mais esperar, que precisava voltar à loja, onde o esperavam. Será que eu devia ter...?

– Não, não tem importância.

O homem tinha a liberdade de ir embora, pois ninguém lhe pedira para vir.

Foi nesse momento que Maigret percebeu que havia esquecido seu nome.

– Por acaso, Joseph, sabe como ele se chama?

– Confesso, sr. comissário, que não olhei a sua ficha.

Maigret voltou a seu lugar na sala, mergulhou novamente em seu relatório, que nada tinha de apaixonante. Provavelmente a caldeira estava desregulada, pois o radiador nunca havia ficado tão quente, emitindo ruídos inquietantes. Quase se levantou para desligá-lo, mas não teve coragem. Estendeu a mão em direção ao telefone.

Sua intenção era ligar para o Magazine do Louvre e informar-se acerca do chefe da seção de brinquedos. Mas, se o fizesse, não iriam perguntar por que a polícia se interessava por um dos funcionários? Não havia o risco de Maigret prejudicar seu visitante?

Ele trabalhou um pouco mais, depois voltou a pegar quase maquinalmente o telefone.

– Tente me colocar em contato com um certo dr. Steiner, Place Denfert-Rochereau.

Menos de dois minutos mais tarde, o telefone tocou.

– O dr. Steiner está na linha.

– Desculpe-me incomodá-lo, doutor... Quem fala é Maigret... O comissário da Polícia Judiciária, sim... Acho que o senhor teve recentemente um paciente cujo nome é Xavier e cujo sobrenome de família me escapa...

O médico, na outra ponta do fio, não parecia se lembrar.

– Ele trabalha com brinquedos... Especialmente trens elétricos... Parece que foi vê-lo para certificar-se de que não está louco e, a seguir, teria falado ao senhor sobre a mulher dele...

– Um instante, por favor. Preciso consultar minhas fichas.

Maigret o ouviu dizer a alguém:

– Srta. Berthe, pode fazer o favor...

Deve ter se afastado do aparelho, pois nada mais se ouviu e o silêncio durou um longo tempo, tanto que Maigret achou que a ligação tivesse sido cortada.

A julgar pela voz, Steiner era um homem frio, certamente orgulhoso, no mínimo consciente da própria importância.

– Posso perguntar-lhe, comissário, por que razão me ligou?

– Porque este senhor esteve há pouco em meu escritório e partiu antes que nossa conversa tivesse terminado. Infelizmente,

enquanto o escutava, rasguei em pedaços a ficha na qual ele escrevera seu nome.

– O senhor o havia intimado?

– Não.

– De que ele é suspeito?

– De nada. Ele veio espontaneamente me contar sua história.

– Aconteceu alguma coisa?

– Creio que não. Ele me falou de alguns temores que, penso eu, comunicou ao senhor.

De cada cem médicos, há somente um que se mostre tão pouco cooperativo, e Maigret havia topado com este.

– Suponho que o senhor saiba – disse Steiner – que o segredo profissional me proíbe de...

– Doutor, não estou pedindo para trair o segredo profissional. Peço apenas o sobrenome desse Xavier. Eu poderia descobrir telefonando para o Magazine do Louvre, onde ele trabalha, mas pensei que, agindo assim, eu correria o risco de prejudicá-lo aos olhos de seus chefes.

– De fato, é provável.

– Sei também que ele mora na Avenue de Châtillon e meus homens, se interrogassem os porteiros, chegariam ao mesmo resultado. Mas desse modo também causaríamos, talvez, um prejuízo ao seu cliente, provocando mexericos.

– Compreendo.

– E então?

– Ele se chama Marton, Xavier Marton – pronunciou o neurologista, contra a vontade.

– Quando é que ele foi procurá-lo?

– Acho que posso responder também a essa pergunta. Há cerca de três semanas, em 21 de dezembro exatamente...

– Foi então no momento em que ele estava mais ocupado devido às festas de Natal. Por acaso estava muito nervoso?

– Por que quer saber?

– Escute, doutor, uma vez mais, não estou pedindo que revele nenhum segredo. Temos, como sabe, meios rápidos para obter informações.

Silêncio na outra ponta do fio, um silêncio reprovador, Maigret teria jurado. O dr. Steiner não devia gostar da polícia.

– Xavier Marton, já que eu sei que é Marton – prosseguiu Maigret – comportou-se em meu escritório como homem normal. No entanto...

O médico repetiu:

– No entanto?

– Não sou psiquiatra e, depois de tê-lo escutado, gostaria de saber se estou lidando com um desequilibrado ou se...

– O que o senhor chama um desequilibrado?

Maigret estava vermelho de raiva e segurava o receptor com uma mão apertada e ameaçadora.

– Se o senhor tem responsabilidades, doutor, e se apegar a um segredo profissional que não procuro de modo algum fazê-lo infringir, nós também temos responsabilidades. Para mim é desagradável pensar que deixei partir um homem que amanhã poderia...

– Eu também o deixei sair do meu consultório.

– Então não o considera louco?

Silêncio mais uma vez.

– O que pensa do que ele lhe disse sobre a mulher? Aqui não tivemos tempo de ir até o fim da história...

– Não examinei a mulher dele.

– E, de acordo com o que ele lhe contou, não tem alguma idéia de...

– Alguma idéia?

– Não tem nada a acrescentar?

– Nada, lamento. E agora peço licença, tenho um cliente à minha espera.

Maigret desligou o aparelho como se quisesse quebrá-lo na cabeça do médico.

Depois, quase instantaneamente, a cólera cedeu, ele ergueu os ombros e chegou até mesmo a sorrir.

– Janvier! – chamou de modo a ser ouvido na peça vizinha.

– Sim, chefe.

– Vá até o Grande Magazine do Louvre, suba ao andar dos brinquedos. Aja como um cliente. Procure um homem que deve ser o chefe da seção, entre quarenta e 45 anos de idade, moreno, com uma verruga à esquerda do lábio, à esquerda.

– O que pergunto a ele?

– Nada. Se o chefe da seção corresponde a essa descrição, ele se chama Xavier Marton e é tudo que desejo saber. Na verdade, enquanto estiver lá, demonstre interesse pelos trens elétricos de modo a fazê-lo falar. Observe-o. Só isso.

– É a respeito dele que o senhor conversava há pouco no telefone?

– Sim. Você ouviu?

– Quer saber se ele é louco?

Maigret limitou-se a erguer os ombros. Se fosse outro dia, talvez não tivesse se preocupado mais que alguns minutos com a visita de Marton. Na Polícia Judiciária, é comum receber loucos e semiloucos, lunáticos, inventores, indivíduos do sexo masculino e feminino que se crêem chamados a salvar o mundo da perdição, outros, convencidos de que inimigos misteriosos querem sua vida ou seus segredos.

A Brigada Especial, a “Criminal”, como dizem correntemente, não é um hospital psiquiátrico e, se ela se ocupa desses clientes, é somente quando acabam por infringir as leis, o que felizmente não acontece de maneira súbita.

Não faltava muito para o meio-dia. Ele pensou em telefonar a Pardon, disse a si mesmo que não valia a pena e que, na visita da manhã, não tinha havido nada de mais inquietante do que em cem visitas do mesmo gênero que recebera.

Por que pensou nos comprimidos que sua mulher devia tomar a cada refeição? Por causa do fosforito de zinco, que Xavier Marton dizia ter descoberto no armário das vassouras. Onde a sra. Maigret, a fim de não inquietar o marido, escondia os comprimidos?

Intrigado, prometeu a si mesmo procurar por toda parte. Ela deve ter refletido sobre isso longamente, achar um esconderijo astucioso no qual ele não pensaria.

É o que se veria. Enquanto isso, ele tornava a guardar a pasta, ia enfim fechar pela metade o radiador, hesitando em deixar a janela aberta durante a hora do almoço.

No momento de sair, percebeu o envelope com pó branco sobre a escrivaninha e foi levá-lo a Lucas.

– Leve isso ao laboratório. Que me informem hoje à tarde do que se trata.

Na rua, o frio o surpreendeu, e ele levantou a gola do sobretudo, enfiou as mãos nos bolsos e dirigiu-se até a parada de ônibus.

Não gostava nem um pouco do dr. Steiner, e era nele que pensava, bem mais do que no especialista em trens elétricos.

CAPÍTULO II

O AGENTE DE SEGUROS

COMO NOS OUTROS dias durante tantos e tantos anos, não precisou bater à porta, que se abriu no momento em que punha os pés no capacho, e ele não se lembrava de ter usado a campainha.

– Está de volta cedo – observou sua mulher.

E ela logo franziu imperceptivelmente as sobrancelhas, como quando o via preocupado. Também isto nunca deixava de acontecer. Ela percebia a menor mudança no seu humor e, se não lhe fazia perguntas diretas, tentava mesmo assim adivinhar o que o atormentava.

Mas naquele momento não era a visita do homem dos trens elétricos. Talvez houvesse pensado nele no ônibus, mas o que lhe dava agora um ar de preocupação, ou mesmo de leve melancolia, era uma lembrança que viera à tona quando fizera uma pausa no patamar do segundo andar. No inverno anterior, a velha que morava no apartamento acima do deles lhe dissera, quando se cruzaram diante do cubículo da portaria e ele a saudou tocando o chapéu.

– Deveria procurar um médico, sr. Maigret.

– Acha que estou com cara de doente?

– Não, nem prestei atenção nisso. É seu jeito de andar na escada. De uns tempos para cá, é mais pesado e, a cada quatro ou cinco degraus, percebe-se uma hesitação.

Não foi por causa dela que ele fora ver Pardon algumas semanas mais tarde, mesmo assim a velha tinha razão. Como explicar à sua mulher que era por causa dessa lembrança que ele parecia estar com o pensamento tão distante?

Ela ainda não pusera a mesa. Como de hábito, ele ficou dando voltas na sala de estar e na copa e, quase inconscientemente, pôs-se a abrir gavetas, a levantar a tampa do estojo de costura, de uma caixa em laca vermelha onde ela guardava objetos miúdos.

– Está procurando alguma coisa?

– Não.

Ele procurava o medicamento. Aquilo o intrigava, e ele se perguntava se acabaria por descobrir o esconderijo.

E afinal, ora essa, era verdade que ele não estava em seu estado de animação habitual! Mas não tinha o direito, como os outros, num dia de inverno cinzento e frio, de ser rabugento? Estivera assim desde a manhã, e não era assim tão desagradável. Pode-se muito bem estar mal-humorado sem estar infeliz.

Ele não gostava de que sua mulher o observasse por olhares furtivos. Isso lhe dava uma sensação de culpa, ao passo que ele não era culpado de nada. Que poderia ter dito a ela para tranqüilizá-la? Que Pardon o informara de sua visita?

No fundo, e ele apenas começava a se dar conta disso, estava vexado, ou mesmo um pouco triste. Por causa do cliente da manhã. São esses pequenos segredos íntimos que não confiamos a ninguém e que não gostamos de confessar a nós mesmos.

Aquele homem, por mais que fosse um especialista em trens elétricos, não era um chato, como tantos que desfilam no Quai des Orfèvres. Tinha um problema. Havia escolhido expô-lo francamente a Maigret. Não a um policial qualquer: a Maigret.

Ora, quando este voltou ao escritório depois de ter ido até o chefe para conhecer o americano, Xavier Marton não estava mais lá.

Tinha partido sem terminar suas confidências. Por quê? Estava apressado? Não seria antes porque ficara decepcionado?

Antes de vir, ele formara uma idéia determinada do comissário. Por certo esperava contar com a compreensão, com um contato humano imediato. E encontrara um homem pesado, entorpecido pelo calor do radiador superaquecido, que o olhava sem transmitir nenhum encorajamento, com um ar abatido ou entediado.

Está bem, não era nada. Apenas uma sombra passageira. Dali a pouco Maigret não pensaria mais nisso. E, à mesa, decidiu falar de outra coisa.

– Não acha que seria o momento de contratarmos uma empregada? Temos, no sexto andar, um quarto que nunca serviu...

– E o que ela faria?

– O trabalho, ora essa! Digamos, o trabalho pesado.

Teria sido mais sensato não entrar nesse assunto.

– O almoço não está bom?

– Claro que sim. Só que você se cansa.

– Tenho uma faxineira duas manhãs por semana para a limpeza. Se tivesse uma empregada, me diga o que eu faria o dia inteiro?

E era a vez de sua mulher, agora, ficar triste! No espírito dela, era um pouco como se ele quisesse tirar uma de suas prerrogativas, a que ela mais prezava.

– Acha que estou envelhecendo?

– Todos envelhecemos. Não é o que quero dizer. Apenas me parece que...

Há dias assim, em que se faz tudo errado, com a melhor boa vontade do mundo. Terminado o almoço, ele discou um número no telefone. Uma voz familiar atendeu. Ele pronunciou:

– É você, Pardon?

E então percebeu que acabava de cometer, ainda por cima, uma crueldade infantil. A mulher olhou para ele assustada, dizendo para si mesma que seu segredo fora descoberto.

– Aqui é Maigret...

– Alguma coisa não vai bem?

– Não. Estou muito bem...

Apressou-se a acrescentar:

– Minha mulher também... Diga, está muito ocupado?

A resposta de Pardon arrancou-lhe um sorriso. Era engraçado, pois também ele, Maigret, poderia ter dito exatamente a mesma coisa.

– Calmaria total! Em novembro e dezembro, todo o mundo resolveu ficar doente ao mesmo tempo e não passei três noites

inteiras na minha cama. Alguns dias a sala de espera era pequena demais, e o telefone não parava de tocar. Durante as festas, algumas ressacas e algumas doenças de fígado. Agora que as pessoas gastaram seu dinheiro, guardando apenas o estritamente necessário para o vencimento das contas, estão todas curadas...

– Posso passar aí para vê-lo? Gostaria de conversar a respeito de algo que aconteceu esta manhã na Polícia Judiciária.

– Eu o espero.

– Agora?

– Como quiser.

A sra. Maigret perguntou:

– Não é mesmo nada com você? Não está se sentindo doente?

– Juro que não.

Ele a beijou, ia saindo, mas voltou para dar-lhe um tapinha nas bochechas e murmurar:

– Não se preocupe. Acho que hoje me levantei com o pé esquerdo.

Dirigiu-se sem pressa até a Rue Picpus, onde Pardon morava num antigo prédio sem elevador. A empregada, que o conhecia, não o fez passar pela sala de espera, mas pelo corredor e a porta de trás.

– Aguarde um minuto. Assim que o paciente sair, eu o farei entrar.

Encontrou Pardon de avental branco, em seu consultório de vidraças foscas.

– Espero que não tenha dito à sua mulher que o informei. Ela ficaria zangada comigo pelo resto da vida.

– Fico satisfeito que ela tenha decidido cuidar da saúde. É verdade que não há nada de inquietante?

– Nada em absoluto. Dentro de algumas semanas, digamos, uns três meses, quando tiver perdido alguns quilos, ela se sentirá com dez anos menos.

Maigret apontou para a sala de espera.

– Não estou tomando o tempo dos doentes?

– Há somente dois, e que nada têm a fazer.

– Por acaso conhece um certo dr. Steiner?

– O neurologista?

– Sim. Ele mora na Place Denfert-Rochereau.

– Eu o conheci vagamente na faculdade, pois tem mais ou menos a minha idade, depois o perdi de vista. Mas ouvi falar dele por meus colegas. É um dos sujeitos mais brilhantes de sua geração. Depois de passar nos exames com todas as distinções possíveis, foi residente, chefe de serviço no hospital Sainte-Anne. A seguir, fez seu mestrado, e todos esperavam que se tornasse um dos mais jovens professores.

– Que aconteceu?

– Nada. Seu caráter. Talvez tenha uma consciência exagerada do seu valor. É o que ele demonstra, com uma atitude voluntariamente seca, quase arrogante. Ao mesmo tempo, é um atormentado, para quem cada caso coloca problemas morais. Durante a guerra recusou usar a estrela amarela, afirmando que não tinha uma gota de sangue israelita. Os alemães acabaram por provar-lhe o contrário e o enviaram a um campo de concentração. Voltou de lá exasperado e acha que é por causa de suas origens que erguem uma barreira diante dele, o que não é verdade, pois na faculdade há vários professores judeus. Tem assuntos a tratar com ele?

– Telefonei-lhe esta manhã. Desejava obter dele algumas informações, mas compreendo agora que é inútil insistir.

Um pouco como seu cliente da manhã, Maigret não sabia por que ponta começar.

– Embora não seja sua especialidade, gostaria de pedir sua opinião sobre uma história que fiquei sabendo há pouco. Esteve em meu escritório um sujeito de uns quarenta anos, que parece normal e que falou comigo sem excitação, sem exagero, medindo as palavras. Está casado há doze anos, se lembro bem, e mora há mais tempo ainda na Avenue de Châtillon.

Pardon, que acendera um cigarro, escutava com atenção.

– Ocupa-se de trens elétricos.

– É engenheiro da Companhia Ferroviária?

– Não. Refiro-me a brinquedos.

Pardon franziu as sobrancelhas.

– Eu sei – disse Maigret. – Isto também me chamou a atenção. Mas ele não se ocupa disso como amador. É o primeiro vendedor da seção de brinquedos de uma loja e foi ele, entre outras coisas, que montou para as festas o trem elétrico da vitrine. Pelo que pude julgar, é uma pessoa normal.

– Que delito ele cometeu?

– Nenhum. Pelo menos é o que suponho. Contou-me que sua mulher, de uns tempos para cá, tem a intenção de matá-lo.

– Como ele percebeu isso?

– O homem foi embora antes de me dar os detalhes. O que sei é que ele encontrou, escondido num armário de vassouras e produtos de limpeza, um frasco contendo uma quantidade bastante grande de fosforito de zinco.

Pardon mostrou-se mais atento.

– Foi ele que mandou analisar o produto e parece ter estudado tudo o que se relaciona ao fosforito de zinco. Aliás, trouxe-me uma amostra.

– Você quer saber se é um veneno?

– Suponho que seja um produto tóxico.

– Muito tóxico, no campo é utilizado para eliminar as ratazanas. Ele ficou intoxicado?

– Teve indisposições, várias vezes.

– Prestou queixa?

– Não. Desapareceu do meu escritório antes de dizer aonde queria chegar. É justamente o que me atormenta.

– Acho que compreendo... Foi ele que foi ver Steiner?... com a mulher?...

– Não. Sozinho. Resolveu examinar-se, há cerca de um mês, para ter certeza...

– ...de que não está louco?

Maigret assentiu com a cabeça, fez uma pausa para reacender o cachimbo antes de prosseguir:

– Eu poderia chamá-lo a meu escritório, e até mesmo mandar que o examinassem por minha conta, já que Steiner se entrincheira atrás do segredo profissional. Quando digo que poderia, exagero um pouco, na realidade não há nada contra ele. Ele veio me ver de

livre e espontânea vontade. Contou uma história que parece ter fundamento. Nem ele nem ninguém prestou queixa, e a lei não proíbe que alguém possua uma certa quantidade de um produto tóxico. Percebe o problema?

– Percebo.

– É possível que a história dele seja verdadeira. Se eu for procurar os chefes dele para me informar sobre seu comportamento, posso prejudicá-lo, pois nas grandes lojas, assim como na administração pública, desconfiam das pessoas de quem a polícia se ocupa. Se eu interrogar o porteiro ou os vizinhos dele, surgirão boatos...

– Está se dando conta do que me pede, Maigret? Uma opinião sobre um homem que eu nunca vi, que nem você mesmo, por assim dizer, conhece. E sou apenas um médico de bairro, com noções muito vagas de neurologia e de psiquiatria.

– Lembro-me de ter visto, em sua biblioteca, alguns livros sobre...

– Entre interessar-me pelo assunto e formular um diagnóstico, há um abismo. Em suma, o que você gostaria de saber é a razão pela qual ele lhe contou sua história, não é?

– É a primeira questão. Ele continua a viver com a mulher e não parece ter a intenção de se separar. Não me pediu para prendê-la nem para abrir um inquérito a respeito dela. E, quando precisei deixar meu escritório por alguns minutos, porque o chefe me chamou, ele desapareceu, como se não quisesse mais levar adiante suas confidências. Isto não lhe diz nada?

– Pode querer dizer um monte de coisas. Veja, Maigret, na época em que eu fazia meus estudos, essas questões eram mais simples do que hoje. Como toda a medicina, aliás, e como quase todas as ciências. Quando, no tribunal, perguntavam a um perito se um homem era louco ou são de espírito, o perito respondia na maioria das vezes por sim ou por não. Costuma ler as revistas de criminologia?

– Algumas.

– Nesse caso sabe, como eu, que já não é tão fácil fazer uma distinção entre as psicoses, as neuroses, as psiconeuroses e até

mesmo a esquizofrenia. A barreira entre um homem são e um psicopata ou um neuropata é cada vez mais frágil, e, de acordo com alguns estudiosos estrangeiros... Mas não vou entrar numa exposição científica ou pseudocientífica...

– À primeira vista...

– À primeira vista, a resposta à sua pergunta depende do especialista que você interrogar. Por exemplo, essa história de trens elétricos, mesmo sendo a profissão dele – *pois foi ele que escolheu essa profissão* –, pode ser interpretada como um indício de inadaptação ao real, o que apontaria para uma psicose. O fato de ele procurá-lo no Quai des Orfèvres para expor complacentemente sua vida privada faria levantar a orelha a mais de um psiquiatra, como também o fato de, espontaneamente, consultar um neurologista para ter certeza de que é são de espírito.

Maigret não sentia que as coisas estivessem avançando, pois já havia pensado em tudo isso.

– Você está me dizendo que ele é calmo, que falava com sangue-frio, sem emoção aparente, ou pelo menos sem emoção exagerada, e isso pode tanto depor contra ele quanto ser considerado a seu favor, como também o fato de ele ter mandado analisar o fosforito de zinco e ter lido tudo que pôde achar sobre o produto. Ele não afirmou que a mulher estava ficando louca?

– Não exatamente. Não me lembro de cada detalhe. Na verdade, no início eu não prestei muita atenção. A sala estava muito aquecida, eu me sentia entorpecido...

– Se ele suspeita que a mulher está louca, seria ainda um sinal. Mas é bem possível também que seja a mulher que...

Maigret levantou-se da poltrona, pôs-se a andar de um lado a outro.

– Eu faria melhor em não me meter nisso! – murmurou tanto para si mesmo quanto para seu amigo Pardon.

E acrescentou em seguida:

– No entanto, sei que vou me meter.

– Nada impede que tudo só exista na imaginação dele, e que ele próprio tenha comprado o fosforito.

– A venda é livre? – perguntou Maigret.
– Não. Mas a loja onde ele trabalha pode ter obtido uma certa quantidade para acabar com os ratos, por exemplo.
– Suponhamos que seja assim, que Marton pertença à categoria na qual você pensou: trata-se de um homem perigoso?
– Ele pode se tornar a qualquer momento.
– E, supondo que sua mulher tente de fato...
Maigret deteve-se, olhou o médico e resmungou:

– Merda!

Depois sorriu.

– Desculpe. Não é a você que falo assim. Estávamos tranquilos no Quai, como você aqui! O tempo morto, em suma. E eis que essa figura bizarra faz com que me entreguem uma ficha de papel, senta-se em meu escritório e, de uma hora para a outra, joga-me nas costas responsabilidades que...

– Pelas quais você não é responsável.

– Oficialmente, profissionalmente, não. O que não impede que, amanhã ou na semana que vem, se um dos dois, o homem ou a mulher, vier a morrer, estarei convencido de que foi por minha culpa...

– Uma pena, Maigret, não poder ajudá-lo mais. Quer que eu tente um contato com Steiner para pedir a opinião dele?

Maigret disse sim, sem convicção. Pardon ligou para a Place Denfert-Rochereau, depois para a clínica onde Steiner se achava naquela hora. Por mais que Pardon se mostrasse humilde e respeitoso, como obscuro médico de bairro dirigindo-se a um célebre especialista, Maigret compreendeu, por sua fisionomia e pela voz categórica que ouvia vibrar no aparelho, que essa tentativa não teria mais sucesso que a dele.

– Ele me colocou de volta no meu lugar.

– Desculpe.

– Ora, que nada! Era preciso tentar. Não se atormente demais. Se todos os que têm um comportamento bizarro se tornassem assassinos ou vítimas, teríamos mais apartamentos livres do que hoje.

Maigret andou até a Place de la République, onde tomou seu ônibus. No Quai des Orfèvres, Janvier, que estava na sala dos inspetores, logo veio fazer seu relatório, com um ar confuso.

– Ele não chegou a me ver aqui, não é? – observou. – E a minha foto, por assim dizer, nunca apareceu nos jornais. Será que tenho uma tal aparência de tira?

De todo o pessoal da casa, Janvier era o que menos tinha essa aparência.

– Fui até a seção de brinquedos e logo o reconheci, pela indicação que me deu. Lá ele usa um avental cinza, com as iniciais do magazine bordadas em vermelho. Um trem elétrico funcionava e fiquei observando seu movimento. Depois fiz um sinal ao nosso homem e passei a fazer perguntas inocentes, como um pai de família que tem a intenção de comprar um trenzinho a seu garoto. Sei como é, pois comprei um para meu filho dois dias antes do Natal. Ele mal me deixou pronunciar três ou quatro frases. Interrompeu-me, murmurando:

“– Diga ao comissário Maigret que não é elegante da parte dele enviá-lo aqui, e que ele se arrisca a me fazer perder o emprego.

“Falou quase sem mexer os lábios, olhando com inquietação um guarda da loja que nos observava de longe.”

Sobre a mesa do comissário havia uma ficha do laboratório, com esta inscrição em vermelho: *fosforito de zinco*.

Por pouco, Maigret teria abandonado o caso. Como dissera a Pardon, ou como Pardon lhe dissera, ele não se lembrava de nada exatamente; de um ponto de vista estritamente profissional, aquilo não lhe dizia respeito e, se causasse problemas a Xavier Marton, este poderia com razão se queixar e criar aborrecimentos.

– Estou com vontade de enviar você à Avenue de Châtillon para interrogar o porteiro e os vizinhos. Só que ninguém deve suspeitar, no bairro, que a polícia se ocupa do nosso homem. Você poderia se fazer passar por um vendedor, com um aspirador elétrico, por exemplo...

Janvier não pôde evitar uma careta à idéia de levar consigo um aspirador de casa em casa.

– Se preferir, apresente-se como agente de seguros...

Janvier preferia, evidentemente.

– Procure saber como vive o casal, qual a aparência da mulher, o que pensam deles na vizinhança. Se a mulher estiver em casa, toque à campainha e proponha um seguro de vida...

– Farei o melhor possível, chefe.

O tempo continuava cinzento e frio, e o escritório, onde o comissário esquecera de abrir novamente o radiador, estava quase gelado. Ele acionou o mecanismo, pensando por um momento se devia ou não pedir um conselho ao chefe. Se decidiu não fazê-lo, foi por temor de parecer ridículo. Ele percebera, ao contar a história a Pardon, que dispunha de poucos elementos.

Encheu lentamente o cachimbo e mergulhou de novo no relatório que havia abandonado de manhã, e pelo qual não conseguia se interessar. Passou-se uma hora. O ar ficou mais opaco, por causa da fumaça e do crepúsculo. Ele acendeu a lâmpada do abajur verde, levantou-se para regular mais uma vez o radiador que voltava a aquecer demais. Bateram à porta. O velho Joseph murmurou, pondo uma ficha de papel no canto da mesa:

– Uma dama.

Ela deve ter impressionado o velho contínuo para que ele usasse essa palavra.

– Creio que é a mulher do sujeito que veio de manhã.

O nome escrito na ficha recordara-lhe alguma coisa: sra. Marton. Abaixo estava traçada a palavra “pessoal”, na menção do “objetivo da visita”.

– Onde ela está?

– Na sala de espera. Digo para entrar?

Ele quase disse sim, mas reconsiderou.

– Não, eu mesmo me ocuparei disso.

Deu um tempo, atravessou a sala dos inspetores, depois outras duas salas, a fim de só emergir no vasto corredor mais adiante da sala de espera envidraçada. Como ainda não havia anoitecido completamente, as lâmpadas pareciam iluminar menos que de costume, e a atmosfera tinha o tom amarelado e triste de uma pequena estação ferroviária do interior.

Pelo enquadramento de uma porta, ele observava a espécie de aquário no qual havia apenas três pessoas, das quais duas provavelmente estavam ali por conta da Brigada Mundana, pois se tratava de um rufião da Place Pigalle, como se perceberia a uma légua de distância, e de uma mulher opulenta, com o desembaraço de uma freqüentadora habitual.

Os dois lançavam olhares a uma outra mulher que esperava, e que destoava por sua elegância simples mas impecável.

Maigret deu mais um tempo, por fim chegou à porta envidraçada e a abriu.

– Sra. Marton?

Ele havia observado a bolsa de crocodilo combinando com os sapatos, o *tailleur* sob um casaco de pele de castor.

Ela se levantou com o exato grau de confusão que se pode esperar de uma pessoa que nunca compareceu à polícia e de repente se vê diante de um de seus mais famosos representantes.

– Comissário Maigret, não é?

Os outros dois, familiarizados, trocaram olhares. Maigret conduziu-a até seu escritório e fez com que sentasse na poltrona que o marido ocupara de manhã.

– Perdoe-me por perturbá-lo desse modo...

Ela retirou a luva direita, que era de pele macia, e cruzou as pernas.

– Suponho que adivinha por que estou aqui.

Era ela que atacava, e Maigret não gostou disso. Assim, evitou responder.

– Certamente, o senhor também irá me falar de segredo profissional...

Ele reteve, sobretudo, o *senhor também*. Significava que ela tinha ido ver o dr. Steiner?

Não era somente por sua atitude que a sra. Marton o surpreendia.

O marido, por certo, não tinha má aparência e devia ganhar honestamente a vida. Mesmo assim, a sra. Marton era de uma classe diferente. Sua elegância nada tinha de afetado, de vulgar. Sua desenvoltura tampouco.

Já na sala de espera ele havia observado a forma perfeita dos sapatos e o luxo da bolsa de mão. As luvas não eram de menor qualidade, nem o resto do que ela vestia. Nada de agressivo, de chamativo. Tudo o que ela usava provinha de lojas finas.

Também ela parecia ter uns quarenta anos, idade específica das parisienses que se cuidam, e tanto na voz como nas atitudes revelava-se uma pessoa que está à vontade em toda parte e em todas as circunstâncias.

Havia realmente uma falha? Ele acreditava perceber uma, uma pequeníssima nota discordante, mas era incapaz de localizá-la. Era mais uma impressão do que algo observado.

– Creio, sr. comissário, que ganharemos tempo se eu lhe falar francamente. Aliás, seria presunçoso querer usar de artimanhas com um homem como o senhor.

Ele permanecia impassível, sem que essa impassibilidade a perturbasse, ou então ela se controlava maravilhosamente.

– Sei que meu marido veio vê-lo esta manhã.

Ele abriu enfim a boca, esperando desorientá-la.

– Ele lhe disse? – perguntou.

– Não. Eu o vi entrar neste prédio e compreendi que era o senhor que ele vinha procurar. Ele é apaixonado por suas investigações. Há anos fala a seu respeito com entusiasmo, em qualquer ocasião.

– Quer dizer que a senhora seguiu seu marido?

– Sim – ela admitiu simplesmente.

Houve um curto silêncio um pouco constrangido.

– Isso o surpreende, depois de tê-lo visto e ouvido?

– Sabe também o que ele me disse?

– Posso adivinhar sem dificuldade. Há doze anos estamos casados e conheço bem Xavier. É o homem mais honesto, mais corajoso, mais cativante que existe. Talvez já saiba que ele não conheceu seus pais e que foi educado pela Assistência Pública.

Maigret assentiu vagamente com a cabeça.

– Foi educado numa fazenda, em Sologne, onde lhe arrancavam das mãos, para queimá-los, os livros que conseguia obter. Mesmo assim chegou ao que ele é hoje e, na minha opinião,

falta muito para ter a posição que merece. Eu mesma não cesso de me surpreender com a extensão de seus conhecimentos. Ele leu tudo, entende de tudo. E abusam dele, é claro. Ele se mata no trabalho. Seis meses antes das festas, já está preparando a temporada de Natal, que é estafante para ele.

Ela havia aberto a bolsa de mão, hesitava em pegar um estojo de cigarros, prateado.

– Pode fumar – disse ele.

– Obrigada. Tenho este mau hábito. Fumo demais. Espero que minha presença não o impeça de acender seu cachimbo.

Ele distinguia finas rugas no canto das pálpebras, mas isto, em vez de envelhecê-la, dava-lhe um charme a mais. Os olhos cinza-azulados tinham a doçura crepitante dos olhos míopes.

– Devemos parecer ridículos nós dois, quero dizer, meu marido e eu, vindo aqui um depois do outro como se fôssemos ao confessionário. Aliás, é um pouco o que acontece. Há meses meu marido me preocupa. Está esgotado, ansioso, com períodos de abatimento completo durante os quais não me dirige a palavra.

Maigret pensou em Pardon e gostaria que ele estivesse presente, pois talvez o médico tivesse descoberto alguma coisa.

– Já em outubro... sim, no começo de outubro... eu disse a ele que estava neurastênico e que devia consultar um médico...

– Foi a senhora que lhe falou de neurastenia?

– Sim. Não devia ter falado?

– Continue.

– Observei-o bastante. Começou por se queixar de um de seus chefes de serviço de quem ele nunca gostou. Mas, pela primeira vez, falava de uma espécie de conspiração. Depois desentendeu-se com um jovem vendedor...

– A propósito de quê?

– Pode parecer ridículo, mas compreendo um pouco as reações de Xavier. Não exagero ao dizer que ele é, na França, o maior especialista em trens elétricos. Espero que isto não lhe provoque risos. Ninguém zomba, por exemplo, de uma pessoa que passa a vida a desenhar sutiãs ou cintas elásticas de emagrecimento.

Sem saber por que, ele perguntou:

– A senhora se ocupa de sutiãs e de cintas elásticas?

Ela sorriu.

– Vendo esses produtos. Mas não é de mim que estou falando. O novo vendedor, como eu dizia, passou a observar meu marido, a surrupiar-lhe pequenos truques, a desenhar circuitos... Em suma, deu-lhe a impressão de que estava querendo tomar seu lugar... Só passei a me inquietar realmente quando vi que as suspeitas de Xavier se estendiam a mim...

– Ele suspeitou de quê?

– Suponho que ele lhe disse. Começou uma noite quando, ao me olhar com atenção, murmurou:

“– Você daria uma bela viúva, não é mesmo?”

“Essa palavra voltou com freqüência em nossas conversas. Por exemplo:

“– Todas as mulheres são feitas para serem viúvas. Aliás, as estatísticas demonstram...

“O senhor entendeu. Daí a dizer-me que, sem ele, eu teria uma vida mais confortável, que ele era o único obstáculo à minha ascensão...”

Ela não vacilava, apesar do olhar sem expressão que Maigret propositalmente lhe dirigia.

– O senhor sabe o resto. Ele está convencido de que decidi me livrar dele. À mesa, chega a trocar seu copo pelo meu, sem dissimular, fitando-me, ao contrário, com um olhar zombeteiro. Para comer, espera que eu tenha engolido uma primeira porção. Às vezes, quando chego em casa depois dele, encontro-o vasculhando em todos os cantos da cozinha. – Ignoro o que o dr. Steiner disse a ele...

– A senhora o acompanhou a esse médico?

– Não. Xavier me anunciou que ia consultá-lo. Era também, da parte dele, uma espécie de desafio. Ele me disse:

“– Sei que está querendo me convencer de que estou louco. E faz isso habilidosamente, gota a gota, por assim dizer. Veremos o que dirá um especialista..”

– Ele comunicou à senhora o resultado da consulta?

– Não me disse nada, mas de um mês para cá me olha com uma ironia protetora. Não sei se compreende o que quero dizer. Me olha como um homem que tem um segredo e se deleita com ele. Me segue com os olhos. Sempre tenho a impressão de que está pensando:

“– Ande, minha cara! Faça o que quiser. Não atingirá seus objetivos, pois estou prevenido...”

Maigret deu uma tragada no cachimbo, perguntou:

– E esta manhã a senhora o seguiu. Tem o hábito de segui-lo?

– Não todos os dias, pois também tenho meu trabalho.

Geralmente saímos juntos, às oito e meia da manhã, da Avenue Châtillon e pegamos o mesmo ônibus até a Rue des Pyramides. Vou então para minha loja, na Rue Sainte-Honoré, enquanto ele continua pela Rue de Rivoli até o Magazine do Louvre. Mas já há algum tempo, como eu lhe disse, o nome do senhor retorna com frequência em nossas conversas. Há dois dias ele me falou, de um modo sardônico e ameaçador ao mesmo tempo:

“– Não importa o que você fizer de maligno, haverá alguém que saberá.”

Ela acrescentou:

– Compreendi que era ao senhor que ele se referia. Já ontem o segui até o Louvre e fiquei um certo tempo a vigiar a entrada do pessoal, para me certificar de que ele não tornava a sair. Esta manhã fiz a mesma coisa...

– E então o seguiu até aqui?

Ela disse sim, francamente, inclinando-se para esmagar seu cigarro no cinzeiro de vidro.

– Tentei dar ao senhor uma idéia da situação. Agora estou pronta a responder a suas perguntas.

Apenas suas mãos, juntas sobre a bolsa de crocodilo, traíam um certo nervosismo.

CAPÍTULO III

A IRMÃ DA AMÉRICA

SE DE MANHÃ ele se mostrara pesado e como que ausente diante do vendedor de trens elétricos, isto havia sido um comportamento involuntário, que se devia antes ao torpor, a uma espécie de sonolência. O contato não se estabelecera, em suma; ou, mais exatamente, se estabelecera muito tarde.

Agora, com a sra. Marton, era sua lentidão profissional que ele recuperava, a que adotara outrora, quando ainda era tímido, para desorientar seus interlocutores, e que se tornara um reflexo quase inconsciente.

Ela não parecia impressionada com isso e continuava a olhá-lo como uma criança olha um grande urso que não lhe mete medo, mas que mesmo assim vigia com o canto do olho.

Não fora ela que, até esse momento, dirigira a conversa, para terminar com uma frase que Maigret raramente ouvira pronunciar nesse mesmo escritório?

– Agora espero suas perguntas...

Ele a fez esperar um certo tempo, deixando pousar o silêncio, de propósito, dando tragadas no seu cachimbo, pronunciando enfim, com o ar de quem não sabe muito bem onde está:

– Por que razão exatamente veio me contar tudo isso?

E a pergunta, de fato, a desconcertou. Ela começou:

– Mas...

Pôs-se a piscar como os míopes, não encontrava nada para dizer, sorria ligeiramente para indicar que a resposta era evidente.

Ele continuou, como homem que dá pouca importância ao caso, como funcionário que cumpre seu ofício:

– É a internação de seu marido que está pedindo?

Dessa vez o rosto corou instantaneamente, os olhos brilharam e o lábio estremeceu de cólera.

– Creio que eu não disse nada que possa fazê-lo supor...

O golpe a atingira a ponto de ela fazer menção de levantar-se para pôr fim à conversa.

– Sente-se, por favor. Acalme-se. Não vejo por que essa pergunta tão natural a perturba desse jeito. Em suma, o que veio me dizer? Não esqueça que estamos aqui na Polícia Judiciária, onde nos ocupamos de crimes e delitos, seja para prender seus autores, seja, mais raramente, para preveni-los. Em primeiro lugar, a senhora me contou que, de uns meses para cá, seu marido parecia acometido de neurastenia...

– Eu disse...

– A senhora disse neurastenia. E o comportamento dele a inquietou de tal maneira que o enviou a um neurologista...

– Eu o aconselhei...

– Digamos que o aconselhou a consultar um neurologista.

Esperava que este aconselhasse a internação dele?

Com uma expressão mais dura e a voz alterada, ela retorquiu:

– Eu esperava que ele se medicasse.

– Bem, e acha que ele fez isso?

– Não tenho como saber.

– A senhora telefonou ao dr. Steiner, ou foi até seu consultório, e ele se recolheu em seu segredo profissional.

Ela o olhava com uma atenção ininterrupta, os nervos tensos, como para adivinhar qual seria o próximo ataque.

– Desde a visita ao doutor, seu marido toma medicamentos?

– Não que eu saiba.

– A atitude dele se modificou?

– Ele me parece continuar deprimido.

– Deprimido, mas não excitado?

– Não sei. Não percebo aonde quer chegar.

– De que a senhora tem medo?

Desta vez foi ela que fez uma pausa, perguntando-se a que se relacionava a pergunta.

– O senhor está me perguntando se tenho medo do meu marido?

– Sim.

– Tenho medo *por* ele. Não tenho medo *dele*.

– Por quê?

– Porque, não importa o que aconteça, sou capaz de me defender.

– Nesse caso, volto ao que lhe perguntei no começo. Por que veio me ver hoje à tarde?

– Porque ele veio vê-lo esta manhã.

Eles não tinham a mesma lógica, ele e ela. Ou será que ela não queria ter a mesma lógica que o comissário?

– A senhora sabia o que ele me diria?

– Se soubesse, eu...

Ela mordeu o lábio, como quem hesita em continuar.

– ...não teria tido a necessidade de vir até aqui.

Maigret não teve tempo de refletir, pois o telefone tocou em sua mesa. Ele atendeu.

– Alô, chefe... É Janvier... Estou na sala ao lado... Disseram-me com quem o senhor estava e preferi não me mostrar... Gostaria de falar com o senhor um instante...

– Estou indo...

Levantou-se, desculpando-se.

– Dá licença? Estão me solicitando para um outro caso. Não demoro.

Na sala dos inspetores, ele disse a Lucas:

– Vá até o corredor e, se ela tentar ir embora, como o marido, não deixe.

Fechou a porta de comunicação. Torrence havia mandado subir um copo de cerveja e, maquinalmente, Maigret o bebeu com satisfação.

– Quais as novidades?

– Fui até lá. O senhor conhece a Avenue de Châtillon. A gente imagina que está numa cidade do interior, apesar da Avenue d'Orléans muito próxima. O número 17, onde eles moram, é um prédio novo, de seis andares, em tijolos amarelos, cujos locatários

são em sua maior parte empregados de escritório e representantes de comércio.

“Deve-se ouvir tudo de um apartamento a outro, e há crianças em todos os andares.

“Os Marton não moram no prédio propriamente dito. No lugar deste, havia outrora uma espécie de mansão particular que foi demolida. O pátio foi conservado, com uma árvore no meio e uma casa nos fundos, de um andar.

“Uma escada externa conduz a esse andar, onde há apenas dois quartos e um banheiro.

“Há dezoito anos, quando Xavier Marton, ainda solteiro, alugou essa moradia, o andar térreo, com a fachada inteiramente envidraçada, era uma oficina de carpintaria.

“Mais tarde o carpinteiro foi embora. Marton alugou o andar de baixo e fez dele uma peça agradável, em parte ateliê, em parte *living-room*.

“O conjunto é interessante, imprevisto, elegante. Não é uma moradia como as outras. Primeiro propus um seguro de vida à mulher da portaria, que escutou minha lengalenga sem me interromper, para declarar enfim que não precisava, pois um dia teria seu seguro-velhice. Perguntei sobre locatários que poderiam vir a ser clientes. Ela me citou alguns nomes.

“– Todos são da previdência social – acrescentou. – O senhor não terá muitas chances...

“– Não há um sr. Marton?

“– Sim, no fundo do pátio... Aqueles talvez... Estão bem de vida... No ano passado compraram um carro... Tente...

“– Será que encontrarei alguém em casa?

“– Acho que sim.

“Como vê, chefe, não foi muito difícil. Bati à porta do ateliê. Uma mulher bastante jovem me atendeu.

“– Sra. Marton? – perguntei.

“– Não. Minha irmã só voltará pelas sete da noite.”

Maigret franziu as sobrancelhas.

– Como é a irmã?

– Uma mulher para quem os homens provavelmente voltam o olhar na rua. De minha parte...

– Ficou impressionado?

– É difícil descrevê-la. Deve ter no máximo 35 anos. Não que seja bonita, ou deslumbrante. Tampouco me impressionou pela elegância, pois vestia um robe preto de lã e estava mal penteada – como uma mulher que se ocupa da casa. Só que...

– Sim?

– Aí está: há nela algo de muito feminino, de comovente. Parece muito doce, um pouco assustada com a vida, e é o tipo de mulher que um homem tem vontade de proteger. Compreende o que quero dizer? Seu corpo também é muito feminino, muito...

Ele corou diante do sorriso divertido de Maigret.

– Ficou muito tempo com ela?

– Uns dez minutos. Primeiro falei de seguros. Ela me respondeu que seu cunhado e sua irmã tinham feito, cada qual, um seguro considerável há cerca de um ano...

– Ela não precisou o valor?

– Não. Sei apenas que foi pela Mutuelle. Ela acrescentou que, de sua parte, não precisa de seguro, pois tem uma pensão. Ao longo de uma das paredes há uma mesa, com um trem elétrico complicado, perto de uma bancada. Conteí que acabara de comprar um trem elétrico para o meu filho. Isso me permitiu ficar mais algum tempo. Ela me perguntou se eu havia comprado o trem no Magazine do Louvre e respondi que sim.

“– Então meu cunhado deve tê-lo atendido...”

– É tudo? – perguntou Maigret.

– Mais ou menos. Falei com dois ou três comerciantes, mas não ousei ser muito direto. Os Marton parecem ser bem-vistos na vizinhança e pagam regularmente.

Somente então Maigret percebeu que era o copo de Torrence que ele havia esvaziado.

– Peço desculpas, meu velho. Mande vir um outro por minha conta...

Acrescentou:

– E mais um para mim. Virei bebê-lo quando tiver terminado a conversa com minha cliente.

Esta, em sua ausência, não saíra da poltrona, mas havia acendido um cigarro.

Ele retomou seu lugar, pondo as mãos espalmadas sobre a mesa.

– Não sei mais onde estávamos. Ah! sim. A senhora me convidou a interrogá-la. Mas não sei muito bem o que posso perguntar. Tem uma empregada, sra. Marton? Pois, se compreendi bem, trabalha o dia inteiro.

– O dia inteiro, sim.

– Por sua conta?

– Não exatamente. Mas meu chefe, sr. Harris, que montou a loja de lingerie na Rue Saint-Honoré, me dá uma porcentagem bastante elevada, pois sou eu principalmente que faço prosperar o negócio.

– De modo que desfruta de uma boa situação?

– Bastante boa, sim.

– Creio que ouvi falar da casa Harris.

– É uma das melhores de Paris para a lingerie fina. Temos uma clientela seleta, incluindo gente famosa.

Ele compreendia melhor alguns detalhes que o haviam impressionado no início, a elegância discreta e no entanto um pouco particular de sua visitante. Como acontece na alta-costura e em algumas lojas, ela adquirira aos poucos os gostos e as atitudes de sua clientela, embora conservando uma certa modéstia, indispensável.

– Seus pais trabalhavam com lingerie?

Ela se acalmava, agora que estavam num terreno mais banal e as perguntas pareciam inocentes.

– Não, nada disso. Meu pai era professor de história, no liceu de Rouen, e minha mãe não fez outra coisa na vida senão ser filha de general.

– Tem irmãos e irmãs?

– Uma irmã, que morou um certo tempo nos Estados Unidos em Green-Village, Nova Jersey, não distante de Nova York, com o marido. Ele era engenheiro numa companhia de refinamento de petróleo.

– A senhora disse: era?

– Morreu há dois anos em consequência de uma explosão nos laboratórios. Minha irmã voltou para a França, tão abalada e desanimada que a acolhemos em casa.

– Perguntei há pouco se tinha uma empregada.

– Não. Minha irmã não trabalha. Nunca trabalhou na vida. É mais moça que eu e casou-se aos vinte anos, quando ainda morava com meus pais. Sempre foi uma menina mimada.

– Ela é que cuida da casa?

– É sua maneira, digamos, de contribuir. Não fomos nós que pedimos isso a ela, foi ela que exigiu.

– A senhora também vivia com seus pais quando conheceu seu marido?

– Não. Ao contrário de Jenny – minha irmã –, não me sentia feita para viver em Rouen, e não me dava muito bem com minha mãe. Assim que completei o ensino médio, vim para Paris.

– Sozinha?

– O que está querendo dizer?

– Tinha um namorado aqui?

– Compreendo onde quer chegar. Como fui eu que o convidei a fazer perguntas, não tenho desculpas para não lhe responder. De fato, vim reencontrar alguém que eu conhecia, um jovem advogado, e vivemos juntos durante alguns meses. O namoro não deu certo e procurei um emprego. Foi então que percebi que o diploma de ensino médio, pelo qual meu pai, que o valorizava ao máximo, me martirizou durante anos, não serve para nada. Tudo o que encontrei, depois de semanas dando voltas por Paris, foi um emprego de vendedora no Magazine do Louvre.

– E ali conheceu Marton.

– Não imediatamente. Não trabalhávamos no mesmo andar. Foi no metrô que acabamos nos conhecendo.

– Ele já era o primeiro vendedor?

– Evidentemente que não.
– Vocês se casaram?
– Foi ele que quis. Eu teria me contentado em viver com ele...
– A senhora o ama?
– Se não fosse assim, por que eu estaria aqui?
– Quando deixou o Magazine?
– Faz... espere... fará cinco anos no mês que vem.
– Portanto, após sete anos de casamento.
– Mais ou menos.
– E naquele momento seu marido já havia se tornado chefe do setor?

– Sim.

– Mas a senhora era ainda uma simples vendedora.

– Não percebo aonde quer chegar.

Ele deu de ombros, sonhador:

– Eu também não. Então a senhora passou a trabalhar com o sr. Harris.

– Não foi exatamente assim que aconteceu. Em primeiro lugar, Harris é o nome da firma. O verdadeiro nome do meu chefe é Maurice Schwob. Ele trabalhava no Magazine do Louvre, onde fazia compras para o setor de lingerie.

– Que idade?

– Agora?

– Sim.

– Quarenta e nove anos. Mas não é o que está pensando.

Nossas relações são puramente comerciais. Desde sempre ele decidira trabalhar por conta própria. Tinha necessidade, na loja, de uma mulher jovem que conhecesse o ramo. Quando se trata de lingerie e de cintas elásticas, as mulheres não gostam de ser atendidas por um homem. Ele havia me observado no Louvre. Essa é toda a história.

– Vocês são praticamente sócios?

– Num certo sentido, embora meus rendimentos no negócio sejam muito menores que os dele, o que é natural, pois ele entrou com capital e é quem desenha os modelos.

– Em suma, até cerca de cinco anos, a situação de seu marido era melhor que a sua. Seus rendimentos também. Mas, de cinco anos para cá, foi o contrário que aconteceu. Correto?

– Sim, correto, mas acredite: eu nem mesmo penso nisso.

– Seu marido também não?

Ela hesitou.

– No começo essa situação não agrada a um homem. Ele se habituou. Continuamos a viver modestamente.

– Vocês têm um carro?

– É verdade, mas o utilizamos apenas nos fins de semana e nas férias.

– A senhora sai de férias com sua irmã?

– Por que não?

– De fato, por que não?

Houve um silêncio bastante prolongado. Maigret tinha o aspecto de um homem constrangido.

– Agora que não tenho mais perguntas, diga-me, sra. Marton, o que quer que eu faça?

Foi o suficiente para colocá-la novamente na defensiva.

– Continuo sem compreender – ela murmurou.

– Quer que vigiemos seu marido?

– Por que vigiá-lo?

– Está disposta a assinar um pedido formal que nos permitiria fazê-lo submeter-se a um exame mental?

– Certamente não.

– Sendo assim, então, é tudo?

– É tudo... Acho...

– Nesse caso, também não vejo por que haveria de retê-la por mais tempo...

Ele se levantou. Ela o imitou, um pouco rígida. No momento em que a conduzia até a porta, ele pareceu mudar de idéia.

– Costuma utilizar fosforito de zinco?

Ela não estremeceu. Devia estar esperando o tempo todo por essa pergunta; quem sabe se não foi para responder a ela que tinha vindo?

– Utilizo, sim.

– Com que finalidade?

– A Rue Sainte-Honoré é uma das mais antigas de Paris e, por trás das lojas de luxo, as casas, em sua maior parte, estão em mau estado; há toda uma rede de pequenos pátios, ruelas, passagens que ninguém suspeita. A proximidade do mercado atrai também um número incrível de ratos, e eles causam danos às mercadorias. Tentamos sem sucesso vários produtos. Alguém sugeriu ao sr. Schwob o fosforito de zinco, que deu excelentes resultados.

“Também na Avenue de Châtillons tínhamos ratos, e meu marido queixava-se deles. Peguei um pouco de fosforito da loja...”

– Sem falar disso a seu marido?

– Não sei mais se falei ou não.

Ela arregalou os olhos, como se uma idéia a atingisse.

– Suponho que ele não imaginou que...

Não concluiu a frase e prosseguiu:

– Se ele lhe falou, é que... Meu Deus! E eu que sofria para adivinhar o que o atormentava... Hoje mesmo à noite explicarei isso ele... Ou melhor... Se eu abordar esse assunto, ele saberá que vim falar com o senhor.

– Esperava ocultar-lhe esta visita?

– Não sei, não sei mais, sr. Maigret. Eu vim... como dizer?... vim de boa-fé, com a idéia ingênua de confidenciar-me com o senhor. Disse-lhe a verdade acerca de Xavier e de minhas inquietações. Em vez de me ajudar, o senhor me fez perguntas que, agora me dou conta, indicam que não acredita em mim, que suspeita de sabe lá quais intenções...

Ela não estava chorando, mesmo assim demonstrava uma certa aflição.

– Azar!... Eu esperava... Agora só me resta fazer o melhor possível...

Ela abriu a porta com a mão enluvada. De pé, no corredor, pronunciou ainda:

– Até mais ver, sr. comissário... Apesar de tudo, obrigada por me receber...

Maigret olhou-a afastar-se a passos regulares, marcados pelos saltos muito altos, encolheu os ombros e voltou para sua sala.

Havia transcorrido um quarto de hora quando tornou a sair. Foi até o escritório do chefe, perguntando a Joseph, de passagem:

– O diretor está?

– Não. Está em reunião com o prefeito e me avisou que provavelmente não voltaria à tarde.

Mesmo assim Maigret entrou na sala do diretor da Polícia Judiciária, acendeu a lâmpada, se pôs a ler os títulos dos livros que enchiam as duas estantes de mogno. Havia livros de estatística que ninguém jamais havia aberto, livros técnicos em várias línguas, que os autores ou os editores enviavam automaticamente. Os tratados de criminologia eram numerosos, assim como os de polícia científica e de medicina legal.

Maigret achou por fim numa prateleira vários livros de psiquiatria e folheou três ou quatro, antes de escolher um que lhe pareceu redigido numa linguagem mais simples e mais acessível que os outros.

Ao anoitecer, levou o livro para sua casa. Depois da janta, calçando pantufas diante do fogo da lareira, com o rádio ligado bem baixinho, pôs-se a ler enquanto a sra. Maigret consertava punhos de camisas.

Ele não tinha a intenção de ler todo o grosso volume, e havia páginas inteiras que, apesar de seus breves estudos de medicina, era incapaz de compreender.

Examinava alguns títulos de CAPÍTULO, algumas palavras que haviam sido pronunciadas durante a conversa com Pardon, palavras cujo sentido todos conhecem mas que, para os profissionais, têm uma ressonância muito diferente...

...Neuroses... Para Adler, o ponto de partida da neurose é um sentimento ameaçador de inferioridade e de insegurança... Uma reação defensiva contra o sentimento do doente leva-o a identificar-se com uma estrutura ideal fictícia...

Ele repetia a meia-voz, o que fazia sua mulher levantar a cabeça.

– ...estrutura ideal fictícia...

...Síndrome física... Os neurastênicos são bem conhecidos dos especialistas de toda ordem... Sem lesão apreciável dos órgãos,

sofrem e sobretudo se inquietam com complicações possíveis; multiplicam as consultas e os exames...

...Síndrome mental... A sensação de incapacidade domina... Fisicamente, o doente se sente pesado, dolorido, fatigado ao menor esforço...

Como Maigret naquela mesma manhã. Ainda agora ele se sentia pesado, talvez dolorido, mas...

Ele virava as páginas, aborrecido.

...Constituição dita paranóica... Hipertrofia do Ego...

...Ao contrário dos sensitivos, esses doentes projetam na vida familiar e principalmente na vida social uma personalidade, um Ego importuno e dominador...

...Nunca se consideram como frágeis e responsáveis... Seu orgulho é característico... Mesmo pouco inteligentes, dominam com freqüência sua família por seu autoritarismo e sua certeza categórica...

Isto se aplicava melhor a Xavier Marton ou à sua mulher? E não podia também servir para descrever a quarta parte da população de Paris?

...Psicose reivindicativa... Perseguidos-perseguidores...

...Trata-se de uma psicose passional típica cuja situação nosológica provocou intermináveis discussões... Com Krapelin e Capgras, considero que ela não entra na classe dos verdadeiros delírios... O doente se considera a vítima de uma injustiça que quer reparar e busca obter satisfação a qualquer preço...

Xavier Marton? A sra. Marton?

Passou das neuroses às psicoses, das psicoses às psiconeuroses, da histeria à paranóia e, assim como as pessoas aplicadas que mergulham num dicionário médico descobrem em si, sucessivamente, todas as doenças, ele encontrava, a cada rubrica, sintomas que se aplicariam tanto a um quanto a outro de seus personagens.

De tempos em tempos resmungava, repetia uma palavra, uma frase, e a sra. Maigret lançava-lhe rápidos olhares ansiosos.

Por fim levantou-se, como um homem que já tivesse ouvido demais, atirou o livro sobre a mesa e, abrindo o aparador da sala

de jantar, pegou a garrafa de licor de ameixa e encheu um dos copinhos de borda dourada.

Era como um protesto do bom senso contra a mixórdia erudita, uma maneira de pôr de novo os dois pés no chão.

Pardon tinha razão: de tanto se investigar as anomalias do comportamento humano, de classificá-las, de subdividi-las, não se sabia mais o que era um homem são de espírito.

Ele próprio o era? Depois do que acabara de ler, não estava mais tão seguro assim.

– Está com um caso difícil? – perguntou timidamente a sra. Maigret, que raramente se ocupava da atividade do marido no Quai des Orfèvres.

Ele se limitou a erguer os ombros e a resmungar:

– Uma história de loucos!

E acrescentou um pouco mais tarde, após ter esvaziado o copo:

– Vamos deitar.

Na manhã seguinte, porém, fez-se anunciar no escritório do diretor alguns minutos antes do relatório, e o chefe percebeu de imediato que ele estava atormentado.

– O que aconteceu, Maigret?

Ele procurou contar a história das duas visitas tão sucintamente quanto possível. A primeira reação do diretor foi olhá-lo com uma certa surpresa.

– Não vejo o que está aborrecendo você. Considerando que não estamos de posse de nenhuma queixa formal...

– Justamente. Cada um veio me contar sua historinha. E cada história, por si só, não é tão inquietante. Mas, quando se tenta sobrepor as duas, percebe-se que algo não fecha... Na verdade, vim devolver seu livro.

Colocou-o sobre a mesa, e o diretor observou o título, para depois fitar o comissário com mais surpresa ainda.

– Compreenda-me bem, chefe. E não pense que me deixei impressionar por este livro. Não estou afirmando que um dos dois seja louco. Mesmo assim há uma coisa desregulada. Não é sem

razão que duas pessoas, marido e mulher, vêm me procurar no mesmo dia com um jeito de quererem se confessar. Se amanhã ou na semana que vem, ou dentro de um mês, ficarmos sabendo de um cadáver, não me sentirei com a consciência tranqüila.

– Acredita nisso?

– Não sei. Acredito sem acreditar. É um pouco como um inquérito às avessas. Em geral temos primeiro um crime, e só depois que este ocorreu é que passamos a investigar seus motivos. Desta vez temos motivos, mas não temos ainda o crime.

– Não acha que há milhares de casos em que os motivos não são acompanhados de um crime?

– Certamente. Só que nesse caso ninguém vem me expor os motivos *antes*.

O chefe refletiu por um momento.

– Começo a compreender.

– No ponto em que estamos, nada posso fazer. Sobretudo depois da recente campanha da imprensa sobre as liberdades tomadas pela polícia com os suspeitos.

– E então?

– Vim pedir sua permissão para falar, haja o que houver, com o procurador geral.

– Para que ele autorize um inquérito?

– Mais ou menos. Pelo menos, para pôr minha consciência em paz.

– Duvido do sucesso.

– Eu também.

– Pode ir, se isso o tranqüiliza.

– Obrigado, chefe.

Ele não dissera exatamente o que pretendia dizer. Certamente porque a coisa era ainda confusa, complicada. Na véspera, à mesma hora, nunca ouvira falar dos Marton, e agora o especialista em trens elétricos ocupava seu pensamento, e também sua mulher elegante que, como admitia, orgulhosamente o enfrentara, quando ele fizera de tudo para perturbá-la.

E havia ainda a cunhada, viúva e comovedora, a acreditar em Janvier, para preocupá-lo, como se a conhecesse desde sempre.

– Alô! Aqui é Maigret. Por favor pergunte ao sr. procurador-geral se pode me conceder alguns minutos... Esta manhã se possível, sim... Alô! Permaneço na linha...

Era também no Palácio da Justiça, no mesmo prédio, mas num mundo diferente, onde as paredes estavam cobertas de lambris esculpidos e onde se falava em voz baixa.

– Agora mesmo?... Sim... Estou indo...

Ele transpôs a porta envidraçada que separava os dois universos, cruzou com alguns juízes em toga preta, avistou, esperando entre dois gendarmes diante de portas anônimas, pessoas que lhe haviam passado pelas mãos algumas semanas ou alguns meses antes. Algumas pareciam felizes de revê-lo e lhe dirigiam um bom-dia quase familiar.

– Se quiser aguardar um instante, o sr. procurador-geral já irá atendê-lo...

Era quase tão impressionante quanto, no ginásio, entrar na sala do diretor.

– Entre, Maigret... Pediu para me ver, não é?... Algum problema?

– Gostaria de lhe apresentar um caso que é quase um caso de consciência...

Relatou a situação muito mal, pior ainda do que para o diretor da Polícia Judiciária.

– Se compreendo bem, você tem a impressão de que um incidente irá ocorrer, talvez um crime.

– É mais ou menos isso.

– Mas essa impressão não se baseia em nada de preciso, a não ser em vagas confidências de um homem e nas explicações que a mulher deste veio em seguida espontaneamente lhe fornecer, não é? Diga-me, Maigret, quantos loucos, semiloucos, maníacos ou simplesmente tipos esquisitos recebe por ano em sua sala?

– Centenas...

– E eu, aqui, recebo milhares de cartas dessas mesmas pessoas.

O procurador o olhava em silêncio, como se tivesse dito tudo.

– Ainda assim eu gostaria de fazer um inquérito – murmurou timidamente o comissário.

– Que tipo de inquérito? Sejamos precisos. Interrogar, sei lá, os vizinhos, os empregadores, a cunhada, os fornecedores? Em primeiro lugar, não vejo aonde isso o levará. Depois, se esses Marton forem pessoas irritáveis, terão todo o direito de se queixar...

– Eu sei...

– Quanto a obrigá-los, tanto um quanto o outro, a se submeterem a exames psiquiátricos, só temos essa possibilidade depois que um dos cônjuges nos tiver feito formalmente o pedido, e olhe lá!...

– Mas se um crime for cometido...

Um curto silêncio. Um ligeiro alçar de ombros.

– Seria lamentável, com certeza, mas não poderíamos evitar. Pelo menos, nesse caso, não teríamos de ir muito longe para achar o culpado.

– O senhor permite, no entanto, que eu mande vigiá-los?

– Com a condição, primeiro, de que isso seja feito muito discretamente para não nos atrair aborrecimentos. Com a condição também de que isto não o obrigue a empregar inspetores que seriam mais úteis noutra parte...

– Estamos num período de calma completa...

– Esses períodos nunca duram muito tempo. Se quiser saber mesmo o que penso, acho que está tendo escrúpulos exagerados, Maigret. No seu lugar, eu não daria importância. Repito que, no ponto em que estão as coisas, não temos nenhum direito de intervir, nenhum meio tampouco. Essas histórias entre marido e mulher que se suspeitam mutuamente, estou convencido de que existem milhares ao nosso redor...

– Mas quando o marido e a mulher me solicitam...

– Eles solicitaram realmente alguma coisa?

Maigret precisou convir que não. Marton não lhe pedira nada, em última instância. A sra. Marton tampouco. A irmã Jenny menos ainda.

– Desculpe por não poder ficar mais tempo com você. Cinco ou seis pessoas me esperam e tenho um encontro no ministério às onze horas.

– Eu é que me desculpo por tê-lo interrompido.

Maigret não estava contente consigo. Tinha a impressão de que defendera mal sua causa. Talvez devesse ter lido mais aprofundadamente, na véspera à noite, o tratado de psiquiatria.

Ele caminhava em direção à porta. No último momento o procurador tornou a chamá-lo e seu tom não era mais o mesmo, a voz de repente estava tão fria como quando pronunciava um de seus famosos requisitórios.

– Está entendido que não lhe dou cobertura e que o proíbo, até que ocorra um novo desdobramento, de ocupar-se desse caso?

– Sim, sr. procurador geral.

E, no corredor, ele murmurava, de cabeça baixa:

– ...novo desdobramento... novo desdobramento...

Quem seria o *novo desdobramento*, isto é, a vítima? Ele ou ela?

Tornou a fechar a porta tão bruscamente que por pouco não fez rachar os vidros.

CAPÍTULO IV

O RESTAURANTE DA RUE COQUILLIÈRE

NÃO ERA A PRIMEIRA vez, nem certamente a última, que Maigret se encolerizava ao sair da Procuradoria, e seus desentendimentos com alguns juízes, como o juiz Comélieu, em particular, que há mais de vinte anos era como que seu inimigo íntimo, eram legendários no Quai des Orfèvres.

Com serenidade, ele não considerava trágico o antagonismo que havia entre os dois meios. De um lado e de outro da porta envidraçada, cada um cumpria mais ou menos conscienciosamente seu ofício. As mesmas pessoas, malfeitores, criminosos, suspeitos e testemunhas passavam-lhes sucessivamente pelas mãos.

A diferença maior, o que criava surdos conflitos, era o ponto de vista de cada lado. Não decorria esse ponto de vista diretamente do recrutamento de uns e de outros? Os homens da Procuradoria, advogados, juízes de instrução pertenciam quase todos às camadas médias ou superiores da burguesia. Seu gênero de vida, após estudos puramente teóricos, raramente os punha em contato, a não ser no gabinete, com aqueles que deviam processar em nome da sociedade.

Daí uma incompreensão quase congênita, neles, de alguns problemas, uma atitude irritante diante de alguns casos que os homens da Polícia Judiciária, vivendo por assim dizer numa intimidade permanente e quase física com o mundo do crime, avaliavam por instinto.

Havia também a tendência, do lado do Palácio da Justiça, a uma certa hipocrisia. Apesar de uma aparente independência, da qual se falava muito, ali havia mais receio do que noutras áreas de um franzir de sobrelhas do ministro, e, se um caso que mexia

com a opinião pública se arrastasse um pouco, pressionava-se a polícia para agir mais depressa. Competia a esta traçar um plano e empregar os meios adequados.

Mas, se os jornais viessem a criticar esses meios, os magistrados da Procuradoria se apressavam a indignar-se com eles.

Não era sem razão que o comissário tinha ido ver o procurador geral. Como acontece periodicamente, havia uma situação difícil. Não por culpa da Polícia Judiciária, felizmente, mas da Segurança Geral da Rue des Saussaies, ocorrera um incidente que se agravara e provocara uma interpelação na Câmara.

Numa casa noturna, o filho de um deputado golpeará com violência um inspetor que, dizia ele, o seguia há vários dias. Houve então um tumulto generalizado. O caso não pôde ser abafado, e a Segurança fora obrigada a admitir que investigava o jovem, suspeito não apenas de consumir heroína, mas de servir de mediador a traficantes.

Com isso mais coisa podre veio à tona. Segundo o deputado, cujo filho provocara o tumulto, um dos traficantes era informante da polícia, e o pai afirmava que fora propositalmente, por ordens do governo, a fim de comprometê-lo enquanto político, que haviam acusado o jovem de toxicômano.

Como por casualidade – esses casos nunca acontecem isolados –, houve, na semana seguinte, uma história de espancamento numa delegacia.

Assim, por um tempo, a polícia estava sendo malvista na imprensa, e Maigret, naquela manhã, preferira tomar suas precauções.

De volta ao escritório, porém, decidiu trapacear com as instruções recebidas, ainda mais que essas instruções nunca são dadas para serem cumpridas ao pé da letra. O procurador simplesmente se eximira, e, se amanhã encontrassem um morto na Avenue de Châtillon, ele seria o primeiro a reprovar ao comissário sua inoperância.

Já que devia trapacear, ele trapaceou, sem entusiasmo. Não podia mais contar com Janvier que, muito curiosamente, Marton

identificara de imediato no Magazine do Louvre, e que já se mostrara na casa dos Marton.

De todos os outros, Lucas é quem mais teria faro e habilidade, mas Lucas tinha um defeito: adivinhava-se sem dificuldade sua profissão.

Ele escolheu o jovem Lapointe, menos treinado, menos experiente, mas que freqüentemente passava por um estudante ou um jovem empregado.

– Escute, meu rapaz...

E deu-lhe longas, minuciosas instruções, tanto mais detalhadas quanto essas instruções, no fundo, eram vagas. Primeiro ir comprar um brinquedo qualquer, sem demorar-se, sem insistir, no Magazine do Louvre, a fim de identificar Marton e de reconhecê-lo a seguir.

Depois, na hora do almoço, ficar nas proximidades da porta do pessoal e acompanhar o especialista em trens elétricos.

Recomeçar no fim do expediente, se necessário. Nesse meio tempo, à tarde, dar uma espiada na boutique de lingerie da Rue Saint-Honoré.

– Nada prova que você não é noivo...

Lapointe corou, pois era quase noivo. Quase, porque o noivado ainda não se oficializara.

– Você pode, por exemplo, comprar uma camisola para sua noiva. Não muito cara, de preferência...

E Lapointe retrucou timidamente:

– O senhor acha que se presenteia a noiva com uma camisola? Não é um pouco íntimo?

Posteriormente dariam um jeito de ficar sabendo mais, sem se revelar, acerca do casal Marton e da jovem cunhada.

Depois que Lapointe partiu, Maigret trabalhou assinando documentos, examinando a correspondência, escutando relatórios de seus inspetores sobre casos pouco importantes. No entanto, Marton e a mulher permaneciam, como um pano de fundo, por trás das preocupações do momento.

Ele tinha uma pequena esperança, na qual não acreditava muito: é que viessem anunciar-lhe que Xavier Marton desejava vê-

lo.

Por que não? Se ele partira na véspera, enquanto Maigret estava com o chefe, não é porque o tempo que se concedera havia transcorrido, porque devia retornar à loja antes de uma certa hora? Nesses estabelecimentos a disciplina é severa. Maigret o sabia por ter feito, no início da carreira, durante cerca de dois anos, a vigilância nos grandes magazines, dos quais conhecia a atmosfera, as engrenagens, as regras e as intrigas.

Ao meio-dia foi almoçar no Boulevard Richard-Lenoir e acabou por reparar que era o terceiro dia que havia grelhados na refeição. Lembrou-se a tempo da visita da mulher a Pardon. Ela devia estar esperando que ele se surpreendesse com o novo cardápio, e certamente preparara uma explicação mais ou menos plausível.

Ele evitou colocá-la nessa situação, mostrou-se terno com ela, talvez um pouco demais, pois ela o observou com uma ponta de inquietude.

Claro que ele não pensava o tempo todo no trio da Avenue de Châtillon. O caso só lhe voltava ao espírito de vez em quando, por pequenos toques, quase inconscientemente.

Era um pouco como um quebra-cabeça, e isso o irritava como um quebra-cabeça ao qual se retorna de má vontade para tentar pôr uma peça no lugar. A diferença é que as peças, no caso, eram de certo modo pedaços de seres humanos.

Teria ele se mostrado duro com Gisele Marton, que, ao deixá-lo, tinha o lábio trêmulo, como se fosse chorar?

Era possível. Não o fizera de propósito. Era sua profissão tentar saber. No fundo, ela lhe parecera até simpática, como o marido, aliás.

Ele simpatizava com os casais, e ficava decepcionado toda vez que o desentendimento se instalava entre um homem e uma mulher que haviam se amado.

E estes deviam ter-se amado, quando trabalhavam ainda juntos no Magazine do Louvre, na época em que dispunham apenas de duas peças sem conforto no andar de cima do ateliê.

Aos poucos haviam melhorado sua moradia. Tendo partido o carpinteiro, ampliaram-na ao alugar o térreo que, segundo Janvier, tornara-se uma peça elegante, e mandaram construir uma escada interna a fim de não precisarem sair para passar de um andar a outro.

Agora os dois possuíam o que se chama uma boa situação, e tinham comprado um carro.

Havia uma falha, era evidente. Mas qual?

Uma idéia passou pela sua cabeça e haveria de voltar várias vezes. A visita de Marton ao dr. Steiner o inquietava, pois, em toda a sua carreira, não se lembrava de ter conhecido um homem que fosse a um neurologista ou psiquiatra para perguntar-lhe:

– O senhor acha que estou louco?

Sua idéia era que, talvez, Marton tivesse lido, por acaso ou não, um tratado de psiquiatria do tipo daquele que o comissário percorrera na véspera à noite.

Ao mesmo tempo em que evocava assim o trio da Avenue de Châtillon, Maigret respondia a telefonemas, recebia uma comerciante que se queixava de um roubo na vitrine e que ele enviou a seu delegado de bairro, ia até a sala dos inspetores onde a completa calma continuava a reinar.

Lapointe não dava sinal de vida, e, por volta das cinco horas, Maigret viu-se em seu escritório, alinhando palavras em uma coluna na capa amarela de uma pasta.

Primeiro escreveu: *frustração*.

Depois, abaixo: *complexo de inferioridade*.

Eram termos que não costumava empregar e dos quais desconfiava. Alguns anos antes ele tivera um inspetor que acabara de sair da universidade e que ficou somente alguns meses no Quai. Devia estar trabalhando agora num departamento jurídico. Esse inspetor havia lido Freud, Adler e alguns outros, e fora tão marcado por eles que pretendia explicar todos os casos pela psicanálise.

Em sua breve passagem pela Polícia Judiciária, enganara-se a todo instante, e seus colegas o apelidaram de inspetor Complexo.

Mesmo assim, o caso de Xavier Marton era curioso, e podia-se dizer que parecia emanar das páginas que Maigret lera na véspera e que ele acabara por fechar com impaciência.

Páginas inteiras do livro tratavam da frustração e de suas conseqüências sobre o comportamento do indivíduo. Eram fornecidos exemplos que poderiam ser o retrato de Marton.

Filho da assistência Pública, ele passara a infância numa fazenda pobre de Sologne, com camponeses grosseiros, brutais, que lhe arrancavam os livros das mãos quando o surpreendiam a ler.

No entanto ele havia devorado as páginas impressas que podia obter, ao acaso, passando de um romance popular a uma obra científica, da mecânica aos poemas, engolindo indiferentemente o bom e o nem tanto.

Dera um primeiro passo ao entrar para um grande magazine onde, no início, confiaram-lhe apenas as mais humildes tarefas.

Um fato característico. Assim que Marton teve a possibilidade, ele deixou os quartos de pensão mais ou menos miseráveis, onde vive a maior parte dos que estréiam em Paris, e buscou sua própria moradia. Eram apenas duas peças no fundo de um pátio; a mobília era sumária, o conforto, inexistente, mas ele sentia-se em casa.

Estava subindo na vida. Já se dava a ilusão de uma existência regular, burguesa, e sua primeira preocupação era, com escassos recursos, melhorar o interior da casa.

Era isto que Maigret colocava sob a rubrica: complexo de inferioridade. Mais exatamente, a reação de Marton a esse complexo.

O homem tinha a necessidade de se consolidar. Tinha também a necessidade de mostrar aos outros que não era um ser inferior, e trabalhava com afinco para ser um ás incontestado em sua especialidade.

Acaso não se considerava, em seu espírito, um pouco como o *Rei do Trem Elétrico*?

Tornou-se alguém. Havia se tornado alguém. E, quando se casou, foi com uma jovem de origem burguesa, filha de um

professor, com diploma de ensino médio, cujas maneiras não eram as mesmas das pequenas vendedoras que o cercavam.

Maigret, hesitando, traçou uma terceira palavra: *humilhação*.

A mulher o ultrapassara. Agora vivia quase por conta própria, num comércio de luxo onde encontrava diariamente mulheres ricas, a alta sociedade, a Paris elegante. Ganhava mais do que ele.

Certas frases da leitura da véspera perduravam em Maigret. Ele não se lembrava textualmente, mas, sem que o quisesse, procurava aplicá-las a seu problema.

Uma, por exemplo, que dizia basicamente que "os psicopatas se encerram num mundo próprio, num mundo de sonho que tem mais importância para eles do que a realidade". Não eram essas as palavras, mas ele não ia cometer o ridículo de entrar na sala do chefe para retomar o livro e consultá-lo de novo.

Aliás, não acreditava nisso. Eram apenas especulações no ar.

Os trens elétricos, não só os da Rue de Rivoli mas também do ateliê da Avenue de Châtillon, correspondiam exatamente a esse "mundo de sonho", a esse "*mundo fechado*"?

Uma outra passagem lhe recordava a calma de Xavier Marton, a conversa no Quai des Orfèvres, a lógica aparente da exposição que fizera de seu caso.

Maigret não lembrava mais se era na rubrica das neuroses, das psicoses ou da paranóia, pois as fronteiras entre esses diferentes domínios não lhe pareciam muito nítidas.

"...partindo de premissas falsas..."

Não. O texto era diferente.

"...sobre premissas falsas ou imaginárias, o doente constrói um raciocínio rigoroso, às vezes sutil e brilhante..."

Havia algo do mesmo gênero a respeito da perseguição, mas aqui "*o perseguido parte de fatos reais, tirando conclusões que têm uma aparência de lógica...*"

O fosforito de zinco era real. E não havia na associação Harris-Gisele Marton, ou melhor, Maurice Schwob-Gisele Marton, um certo equívoco capaz de afetar o marido?

O mais perturbador, nesse caso, é que o comportamento da mulher, examinado de perto e estudado à luz dos mesmos textos,

levava a um diagnóstico quase idêntico.

Também ela era inteligente. Também ela discorria sobre seu caso com uma aparente lógica. Também ela...

Arre!

Maigret procurou uma borracha para apagar as palavras que escrevera na pasta amarela, encheu o cachimbo e foi para junto da janela, para além da qual, na obscuridade, via apenas um pontilhado de luzes.

Quando o jovem Lapointe bateu à porta, meia hora mais tarde, ele tratava diligentemente de preencher um questionário administrativo.

Quanto a Lapointe, ele tinha a vantagem de vir de fora, da vida real, e restava um pouco de ar fresco nas dobras de seu sobretudo; seu nariz estava um pouco avermelhado de frio, e ele esfregava as mãos uma contra a outra para aquecê-las.

– Fiz o que o senhor mandou, chefe...

– Ele desconfiou de alguma coisa?

– Não acho que tenha reparado em mim.

– Conte.

– Primeiro fui à seção de brinquedos e comprei o mais barato que encontrei, um carrinho que nem sequer é mecânico...

Tirou-o do bolso e o pôs na mesa. Era amarelo-canário.

– Cento e dez francos. Logo reconheci Marton pela sua descrição, mas foi uma vendedora que me atendeu. A seguir, enquanto esperava o meio-dia, fui dar uma espiada na Rue Saint-Honoré, sem entrar na loja. Ela não fica distante da Place Vendôme. Uma vitrine estreita, com pouca coisa exposta: um robe, uma combinação em seda preta e um par de chinelas em cetim bordado de ouro. Na vidraça, duas palavras: "Harris, lingerie". O interior se parece mais com uma sala que com uma loja, e percebe-se que é uma boutique de luxo.

– Chegou a vê-la?

– Sim. Falarei disso daqui a pouco. Estava na hora de voltar ao Louvre, onde esperei nas proximidades da porta dos funcionários. Ao meio-dia é um verdadeiro empurra-empurra, como numa saída de escola, e todos se precipitam em direção aos restaurantes das

imediações. Marton saiu, ainda mais apressado que os outros, e pôs-se a andar depressa ao longo da rua do Louvre. Ele olhava ao redor e virou-se duas ou três vezes, sem prestar atenção em mim. Nessa hora há muita circulação, e as calçadas estão repletas.

“Dobrou à esquerda na Rue Coquillière, onde andou uns cem metros antes de entrar num pequeno restaurante chamado *Trou Normand*. A fachada é de cor marron, com letras amarelas, e o cardápio está afixado à esquerda da porta.

“Hesitei, mas alguns instantes depois decidi entrar. Estava cheio. Via-se que se tratava de fregueses habituais e, aliás, numa parede havia uma estante onde os clientes têm seu guardanapo. Fui até o balcão, pedi um aperitivo. Perguntei ao dono:

“– Pode-se almoçar?”

“Ele, de avental azul, examinou a sala onde há somente umas dez mesas.

“– Dentro de alguns minutos haverá uma vaga. A mesa 3 está na sobremesa.

“Marton estava no fundo, perto da porta da cozinha, sozinho diante de uma toalha de papel com um prato e talheres. Havia lugar para mais uma pessoa. Ele disse algo a uma das garçonetes, que parecia conhecê-lo, e ela trouxe mais um prato e talheres.

“Passaram-se alguns minutos. Marton, que havia aberto um jornal, olhava com freqüência por cima dele, em direção à porta.

“De fato, logo entrou uma mulher, fixou de imediato a mesa do fundo e foi sentar-se na cadeira livre como se fosse algo habitual. Não se beijaram, não se apertaram a mão. Limitaram-se a sorrir, e pareceu-me que o sorriso dos dois era um pouco triste, pelo menos um pouco melancólico.”

– Não era a mulher dele? – interrompeu Maigret.

– Não. Esta eu tinha acabado de ver na Rue Saint-Honoré e voltarei a lhe falar disso. Pelo que o senhor me disse, era a cunhada. A idade e o aspecto concordam. Não sei como explicar...

Que curioso! Janvier pronunciara, acerca da mesma mulher, palavras quase idênticas.

– Tem-se a impressão de uma verdadeira mulher, não sei se compreende o que quero dizer, de uma mulher feita para amar um

homem. Não para amar de uma forma ordinária, mas como todos os homens sonham ser amados...

Maigret não pôde deixar de sorrir ao ver Lapointe corar.

– Eu achava que você era quase noivo...

– Estou tentando explicar o efeito que ela deve produzir sobre a maior parte das pessoas. Às vezes aparece, assim, sem mais, uma mulher que faz imediatamente pensar em...

Ele não encontrava mais as palavras.

– Em quê?

– Sem querer a vemos abrigar-se nos braços do companheiro, sentimos quase seu calor... Ao mesmo tempo, sabemos que ela existe apenas para um só, que é uma verdadeira apaixonada, uma autêntica amante... Logo consegui um lugar, a duas mesas deles, e essa impressão me ficou durante toda a refeição... Eles não fizeram o menor gesto equívoco... Não se seguravam as mãos... Acho até que nem se olharam nos olhos... No entanto...

– Acha que eles se amam?

– Não acho, tenho certeza. Mesmo a garçonete de vestido preto e avental branco, uma mulher desengonçada e mal-penteada, não os servia como servia os demais, e dava a impressão de ser cúmplice...

– No entanto você disse, ao começar, que eles pareciam tristes...

– Digamos, graves... Não sei, chefe... Estou certo de que não estão infelizes, porque não se pode estar realmente infeliz quando se...

Maigret sorriu mais uma vez ao se perguntar qual teria sido o relatório de um Lucas, por exemplo, que certamente não teria tido as mesmas reações que o jovem Lapointe.

– Não infelizes, mas tristes então, como amantes que não têm a liberdade de mostrar seu amor...

– Digamos que sim. Num certo momento, ele levantou-se para retirar-lhe o casaco, pois ela voltara os olhos em direção ao aquecedor. É um casaco preto de lã, com um pouco de pele na gola

e nos punhos. Usava um vestido preto também, em jérsei, e fiquei surpreso de ver que ela é quase rechonchuda...

“Ele olhou várias vezes seu relógio. Depois pediu à garçonete para trazer a sobremesa e o café, enquanto sua companheira estava ainda no assado de vitela.

“Ele se levantou quando ela ainda estava comendo e, à maneira de despedida, pôs-lhe a mão sobre o ombro, num gesto ao mesmo tempo simples e terno.

“Ao chegar à porta, virou-se. Ela sorriu-lhe e ele respondeu com um movimento de pálpebras.

“Não sei se fiz bem em ficar. Imaginei que ele retornava ao magazine. Terminei minha refeição quase ao mesmo tempo que a mulher. Marton havia pago a conta antes de partir. Paguei a minha. Saí atrás dela que, sem pressa, foi tomar o ônibus da Porte d’Orléans. Supus que voltava para a Avenue de Châtillon e não a segui. Agi mal?”

– Não, agiu bem. E depois?

– Dei uma volta um pouco antes de ir até a Rue Saint-Honoré, pois as lojas de luxo raramente abrem antes das duas, algumas somente às duas e meia. Não queria chegar muito cedo. Confesso que também estava com um pouco de medo. Enfim, queria conhecer o dono da loja, e algo me dizia que provavelmente era um homem que almoça em restaurantes finos e que não é pressionado pelo tempo.

Maigret olhava Lapointe com uma benevolência um pouco paternal. Ele o tomara sob sua proteção dois anos antes, quando o rapaz entrou para o Quai des Orfèvres, onde fez progressos surpreendentes.

– Vou confessar-lhe uma coisa, chefe. Eu estava tão intimidado com a perspectiva de entrar numa boutique como aquela que primeiro tomei um trago de cachaça.

– Continue.

– Eu ia empurrar a porta envidraçada quando avistei duas velhas senhoras com casaco de vison, sentadas em poltronas diante

da vendedora, e não ousei. Esperei que elas saíssem. Um Rolls-Royce com um motorista as aguardava um pouco mais adiante.

“Então, por temor de que chegasse uma nova cliente, me precipitei.

“No início não olhava nada ao redor, a tal ponto estava impressionado.

“– Queria uma camisola para uma moça... – recitei.”

“Suponho que era a sra. Marton que estava diante de mim. Aliás, quando a observei, um pouco mais tarde, reconheci alguns traços comuns com a mulher do *Trou Normand*. A sra. Marton é um pouco mais alta, bonita também, mas seu corpo parece mais duro, o que chamam um corpo escultural. Entende o que quero dizer?

“– Que tipo de camisola? – ela me perguntou. – Sente-se, por favor...

“Pois não é o tipo de loja onde se fica de pé. Eu disse que esta se assemelha a uma sala. No fundo, cortinas ocultam compartimentos que devem servir para provar roupas, e avistei, num deles, um grande espelho e um banco com assento de palha.

“– Qual é o tamanho da senhorita?

“– Um pouco menor que a senhora, menos larga de ombros...

“Não creio que ela tenha desconfiado. Olhou-me o tempo todo com um ar protetor, e parecia estar me dizendo que eu me enganara de loja.

“– Temos esta, em seda natural, com um rendado verdadeiro. Suponho que é para presente...

“Gaguejei que sim.

“– É o modelo que criamos para o enxoval da princesa Helena da Grécia.

“Eu queria permanecer ali o maior tempo possível. Hesitante, falei:

“– Será que é muito caro?

“Quarenta e cinco mil... É um número 40... Se o tamanho da moça for outro, precisaremos fazer a combinação sob medida, pois só temos esta na loja...

“– A senhora não tem algo menos luxuoso? De nylon, por exemplo?...”

Maigret observou:

– Você parece entendido no assunto, Lapointe. Para quem dizia que não se compra lingerie para uma noiva...

– Eu tinha que jogar o jogo. À palavra nylon, ela mostrou um ar de desdém, afetado.

“– Aqui não trabalhamos com nylon. Somente seda natural e cambraia de linho...”

“A porta se abriu. Foi pelo espelho, primeiro, que vi um homem vestido com um casaco de pele de camelo, a quem a vendedora logo dirigiu um piscar de olhos, e acredito, chefe, que isso queria dizer que ela estava ocupada com um cliente tolo.

“O homem retirou o casaco, o chapéu, contornou o balcão e, puxando uma cortina de seda, entrou num estreito escritório onde pôs suas roupas no cabide. Deixava atrás de si um rasto de perfume. Continuei a espia-lo, debruçado sobre papéis nos quais ele passava um olhar negligente.

“Depois retornou à loja onde, examinando as unhas, depois olhando para nós alternadamente, como alguém que está em sua casa, parecia esperar pacientemente que eu me decidisse.

“Perguntei ao acaso:

“– Tem alguma coisa em branco? Gostaria de uma combinação simples, sem rendados...”

“Eles voltaram a trocar um olhar, e a mulher se inclinou para pegar uma caixa numa gaveta.

“O sr. Harris, ou Schwob, é um homem como se encontram muitos nas imediações da Place Vendôme ou dos Champs Élysées, e poderia se ocupar tanto de cinema quanto de exportação, de quadros ou de antigüidades. O senhor me compreende, não é mesmo? Ele deve passar toda manhã no cabeleireiro fazendo massagem facial. Seu terno tem um corte perfeito, sem um vinco a mais, e seguramente não compra calçados prontos.

“Tem os cabelos escuros, um pouco prateados nas têmporas, a face bronzeada, bem escanhoadada, o olhar distante e irônico.

“– Aqui está o que temos de menos caro...”

“Era uma combinação aparentemente muito simples, apenas com alguns pontos de bordado.

“– Quanto é?

“– Dezoito mil.

“Nova troca de olhares entre eles.

“– Suponho que não é ainda o que procura...

“E ela já abria a caixa para guardar a combinação.

“– Preciso pensar... Eu voltarei...

“– Está bem.

“Quase esqueci meu chapéu sobre o balcão e precisei voltar atrás. Do lado de fora, fechada a porta, voltei-me e vi que os dois riam.

“Percorri uma centena de metros, depois passei para a outra calçada. Não havia mais ninguém na boutique. A cortina do pequeno escritório estava aberta, a mulher, sentada e o Harris, ocupado, diante de um espelho, dando um retoque no penteado...

“É tudo, chefe. Não posso jurar que eles dormem juntos. O certo é que formam um par perfeito e que não precisam se falar para se compreender. Isto se percebe de imediato.

“A sra. Marton não almoça com o marido, embora trabalhem a quinhentos metros um do outro, e a cunhada é que foi encontrar-se com Marton.

“Suponho, enfim, que estes dois devem se esconder. Com efeito, Marton dispõe de pouco tempo para sua refeição do meio-dia. Perto do Magazine do Louvre existe uma quantidade de restaurantes baratos para onde vi os vendedores e as vendedoras se dirigirem.

“No entanto ele se dá o trabalho de ir bastante longe, num bistrô que tem uma clientela diferente e onde ninguém teria a idéia de ir procurá-los.

“A sra. Marton tem o hábito de almoçar com o sr. Harris? Não sei. O fato de ele ter chegado na boutique depois dela não prova nada...”

Maigret levantou-se para regular o radiador que, como na véspera, estava aquecendo demais. Durante todo o dia estava sendo esperada a neve, que já cobria o Norte e a Normandia.

Será que o comissário não tivera razão de mandar às favas os tratados de psiquiatria e todas essas histórias de psicoses e de complexos?

Ele tinha a impressão, enfim, de estar diante de personagens de carne e osso, homens e mulheres com suas paixões e seus interesses.

Ontem tratava-se apenas de um casal.

Hoje já parecia haver dois, e isto fazia uma curiosa diferença.

– Para onde me enviará agora? – perguntou Lapointe, que também estava se apaixonando pelo caso e temia ser afastado.

– Você não pode mais ir à Rue Saint-Honoré nem à Avenue de Châtillon, agora que as duas mulheres o viram...

Além disso, o que ele faria lá? O procurador geral é que parecia ter razão. Nada acontecera. Provavelmente nada aconteceria. A menos que um dos casais, acometido de impaciência...

No momento em que o telefone tocou, Maigret olhava a hora no relógio de mármore preto da lareira, que estava sempre dez minutos adiantado. Marcava vinte para as seis.

– O comissário Maigret, sim...

Por que ele sentiu um pequeno choque ao reconhecer a voz? Seria porque desde a véspera de manhã estava inteiramente preocupado com aquele que falava do outro lado da linha?

Ouviam-se ruídos, vozes no fundo. Maigret teria jurado que seu interlocutor, ansioso, cobria a boca com a mão. Ele falava em voz baixa.

– Desculpe-me por ontem, mas fui obrigado a partir. Desejo apenas saber se estará ainda em seu escritório por volta de quinze para as sete, talvez dez para as sete. Fechamos às seis e meia...

– Hoje?

– Se o senhor puder...

– Eu o espero.

Marton desligou em seguida, depois de balbuciar um obrigado, e Maigret olhou para Lapointe um pouco como a sra. Marton e o sr. Harris se olhavam na boutique de lingerie.

– É ele?

- Sim.
- Ele virá?
- Daqui a uma hora e quinze.

Maigret teve vontade de zombar de si mesmo, de todas as idéias que formara a propósito de um caso que, dentro de uma hora e um quarto, certamente lhe pareceria muito simples.

– Temos tempo de beber uma cerveja na Brasserie Dauphine, murmurou, abrindo o armário para pegar o sobretudo e o chapéu.

CAPÍTULO V

UMA MULHER À ESPREITA

FOI NO MOMENTO DE descer a escada com Lapointe que uma idéia ocorreu a Maigret.

– Já volto. Espere por mim.

E dirigiu-se, ainda hesitante, até a sala dos inspetores. Sua idéia era que um de seus homens fosse atrás de Xavier Marton à saída do Magazine do Louvre. Ele não sabia exatamente por que, aliás. Ou melhor, várias coisas podiam acontecer. Em primeiro lugar, Marton podia mudar de idéia no último momento, como já lhe ocorrera uma primeira vez quando deixou o escritório de Maigret na ausência deste. Ou ainda sua mulher, que confessara tê-lo seguido nos dias precedentes, era capaz de vigiá-lo novamente.

Se ela o abordasse na rua, não iria ele acompanhá-la até a Avenue de Châtillon? Havia outras possibilidades. E, mesmo se nada acontecesse, Maigret gostaria de saber de que maneira o vendedor de trens elétricos se comportaria no momento desse passo importante, se hesitaria, se ia deter-se no caminho, para, por exemplo, encorajar-se bebendo um trago ou dois.

Janvier corria o risco de ser reconhecido. Um outro inspetor agindo sozinho, Lucas, por exemplo, que estava disponível, mas que nunca vira Marton, podia não identificá-lo, com o auxílio de suas indicações, na multidão do pessoal que saía.

– Lucas e Janvier! Vão os dois até o Magazine do Louvre. Quando os empregados estiverem saindo, que Janvier não se mostre, contentando-se em designar Marton a Lucas, que se encarregará, sozinho, de segui-lo.

Lucas, pouco a par do assunto, indagou:

– O senhor acha que vai demorar, que ele irá longe?

– Virá até aqui, provavelmente.

Por pouco não acrescentou:

“Sobretudo, nada de táxis, nada de despesas!”

Pois existem regras administrativas que o público não conhece, mas que, para o pessoal da Polícia Judiciária, têm às vezes uma grande importância. Quando um crime ou um delito é cometido, e quando a polícia, portanto, investiga em virtude de delegações judiciárias, os custos profissionais dos comissários, inspetores e técnicos ficam, em princípio, a cargo do culpado. Se ele não for detido, ou se o tribunal mais tarde reconhecer sua inocência, o ministério da Justiça paga a conta.

Se, ao contrário, for um caso do qual a Polícia Judiciária se ocupa por iniciativa própria e se, afinal, não houver crime nem culpado, as despesas ficam a cargo do governo, isto é, do ministério do Interior.

Ora, para os policiais isso faz uma enorme diferença. A Justiça, que sempre pensa que o criminoso pagará, geralmente não é muito econômica, muito menos com um táxi. O governo, ao contrário, examina minuciosamente as notas, exige prestação de contas para os menores deslocamentos que envolvem o dinheiro público.

No caso, não trabalhava Maigret para que não houvesse nem crime nem culpado?

Isto significava, portanto, ausência de despesas, ou despesas tão modestas quanto possível, e ele sabia que, se nada acontecesse, teria de justificar a utilização de seus homens.

– Vamos lá!

Não havia neve, como fora anunciado no rádio, mas um nevoeiro amarelado e frio. Os dois homens, no ambiente aquecido da Brasserie Dauphine, acharam mais apropriado tomar aperitivos em vez de cerveja. Com os cotovelos apoiados no balcão, não falaram de Marton, conversaram um pouco com o dono do bar e depois, com a gola do sobretudo levantada, voltaram ao Quai.

Maigret havia decidido deixar entreaberta a porta da sala dos inspetores e instalar atrás dessa porta Lapointe, que era um bom estenógrafo. Era uma precaução, para todos os efeitos.

Faltando dez para as sete, ele estava sentado à sua mesa, esperando que o velho Joseph batesse à porta. Cinco minutos depois, continuava esperando, e Lapointe, com um lápis bem apontado à mão, também esperava atrás da porta.

O comissário começava a impacientar-se quando, um minuto antes das sete, finalmente ouviu passos, ruídos familiares, e viu a maçaneta de porcelana branca ser girada.

Era Joseph. Avisado, ele contentou-se em murmurar:

– É o moço que o senhor espera.

– Faça-o entrar.

– Peço perdão por estar um pouco atrasado – disse Marton. – De nada adiantava tomar o metrô a esta hora... Dois ônibus passaram cheios e resolvi vir a pé, crendo que seria mais rápido...

Ele ofegava um pouco, parecia estar com calor por ter corrido.

– Se quiser tirar o casaco...

– Talvez seja melhor. Acho que estou pegando uma gripe...

A arrumação levou um certo tempo. Ele não sabia onde pôr o sobretudo. Primeiro o colocou sobre uma cadeira, mas percebeu que era aquela onde deveria sentar-se para ficar diante do comissário, e o levou à outra extremidade da peça.

Finalmente instalaram-se frente a frente, Maigret fumando seu cachimbo e observando o visitante com mais intensidade do que na véspera. Estava quase decepcionado. Nas últimas 24 horas, seu pensamento girava em torno de Marton, que acabara por tornar-se um personagem extraordinário, e ele tinha à sua frente apenas um homem qualquer, como se encontram às centenas no metrô ou na rua.

Criticava-lhe um pouco por ser tão banal, por comportar-se de uma maneira tão natural.

– Mais uma vez me desculpe por ter deixado o escritório sem avisá-lo. No magazine a disciplina é rigorosa. Obtive autorização para ausentar-me durante uma hora para ir ao dentista, que fica na Rue Saint-Roch, a dois passos do Louvre. Estando aqui, dei-me conta de que o tempo passava, e eu precisava estar às onze horas em meu posto para uma entrega de mercadorias. Quis deixar uma mensagem a seu auxiliar, o velho que me introduziu, mas ele não

estava no corredor. Eu deveria ter telefonado, mas as comunicações particulares nos são proibidas e os aparelhos estão ligados em sua maior parte à central.

– Como fez então hoje à tarde?

– Aproveitei para telefonar ao senhor porque não havia ninguém na sala do chefe do andar, onde há um aparelho direto. O senhor observou que eu tinha pressa de falar e que desliguei bruscamente.

Nada de extraordinário nisso tudo.

– Mas ao meio-dia, quando saiu para almoçar... – objetou o comissário.

– Primeiro achei que o senhor também estaria almoçando. Depois, pareceu-me que não levou muito a sério meu caso...

– E ele é sério?

– Certamente. Foi o senhor que enviou alguém para espiar em minha seção de trabalho, não foi?

Maigret não respondeu. O outro continuou:

– Não está querendo dizer, mas estou certo de que era um inspetor.

Ele devia ter preparado essa conversa como o fizera com a primeira. No entanto tinha momentos de hesitação, espécies de vazios. Hesitou um bom momento antes de perguntar:

– Minha mulher veio vê-lo?

– O que o faz pensar assim?

– Não sei. Conheço-a há muito tempo. Tenho certeza de que ela suspeita de alguma coisa. As mulheres têm antenas. E, com seu caráter, se perceber o menor perigo, ela atacará. Compreende o que quero dizer?

Um silêncio, durante o qual observou Maigret com um ar de censura, como se o criticasse por não jogar abertamente com ele.

– Ela veio?

O comissário hesitou por um momento, avaliando que era uma grande responsabilidade a assumir. Se Marton fosse, num grau qualquer, um doente mental, a resposta podia ter uma influência decisiva sobre seu comportamento futuro.

Um pouco antes, sozinho no escritório, Maigret por pouco não telefonara a seu amigo Pardon, para pedir que estivesse presente na conversa. Mas o médico já não lhe dissera que não conhecia quase nada de psiquiatria?

Xavier Marton estava ali, em sua cadeira, a um metro e meio do comissário, falando, gesticulando como qualquer outro visitante. Talvez fosse um homem normal, que sentia a vida ameaçada e vinha honestamente informar a polícia.

Talvez fosse também um obsessivo, um maníaco de perseguição, que tinha necessidade de ser tranqüilizado.

Talvez fosse um louco.

E talvez fosse, enfim, um homem atormentado por idéias diabólicas, igualmente um desequilibrado, mas desequilibrado lúcido, inteligente, com um minucioso plano traçado que realizaria a todo custo.

Seu rosto nada tinha de especial. Nariz, olhos, boca, orelhas como todo o mundo. Estava um pouco corado por causa do contraste entre o frio de fora e o calor da sala, e talvez fosse isto que fazia brilhar seus olhos, ou ainda a gripe que mencionara.

Será que ele estava realmente se gripando ou só aludira a isso porque sabia que seus olhos iam brilhar?

Maigret sentia-se pouco à vontade. Começou a suspeitar de que o homem viera apenas para fazer a pergunta a respeito da mulher.

Teria ele espionado esta, por sua vez? Sabia que ela viera ao Quai des Orfèvres e esperava tomar conhecimento do que ela dissera?

- Ela veio – admitiu por fim o comissário.
 - O que lhe contou?
 - Aqui, geralmente, as pessoas respondem às perguntas, não as fazem.
 - Peço desculpas.
 - Sua mulher é muito elegante, sr. Marton.
- Ele fez um movimento mecânico com os lábios à maneira de um sorriso, e que tinha um traço de ironia e de amargura.

– Eu sei. Ela sempre sonhou ser elegante. Ela decidiu ser elegante.

Ele acentuou a palavra *decidiu* como, numa carta, a teria sublinhado, e Maigret lembrou que já ocorrera a seu interlocutor colocar assim uma palavra em destaque.

Não havia lido, no tratado de psiquiatria, que o fato de sublinhar as palavras com insistência era com freqüência um índice de...

Mas recusou-se a colocar a conversa nesse plano.

– Ontem de manhã o senhor veio me dizer que temia por sua própria vida. Falou-me da atitude de sua mulher desde algum tempo, de um produto tóxico que descobriu num armário. Disse-me também que várias vezes, após as refeições, sentiu-se indisposto. Nesse ponto fui chamado à sala do diretor e nossa conversa não pôde prosseguir, pois o senhor havia partido. Teria outros detalhes a me comunicar?

Marton esboçou o sorriso um pouco triste de um homem injustamente tratado com aspereza.

– Há uma maneira de fazer as perguntas que torna difícil responder a elas – observou.

Maigret quase se irritou, pois era como se lhe dessem uma lição e ele tivesse a consciência de merecê-la.

– Mas, pelo amor de Deus, não vá me dizer que veio aqui sem um objetivo determinado! Está apresentando uma queixa contra sua mulher?

Marton sacudiu a cabeça.

– Tem uma acusação contra ela?

– De quê? – perguntou Marton.

– Se o que me disse é verdade, pode acusá-la de tentativa de assassinato.

– Acha realmente que isso teria algum resultado? Que prova tenho em mãos? O senhor mesmo não crê em mim. Entreguei-lhe uma amostra de fosforito de zinco, mas poderia eu mesmo tê-lo colocado no armário das vassouras. Do fato de eu ter ido, voluntariamente, ver um neurologista, concluirão que não sou

completamente são de espírito, ou ainda, o que seria igualmente plausível, que procuro fazer acreditar que sou.

Era a primeira vez que Maigret tinha diante de si um cliente como aquele, e não pôde deixar de olhá-lo com estupor.

Cada resposta, cada nova atitude o desorientava. Buscava em vão uma falha e, invariavelmente, era ele que precisava começar tudo de novo.

– Minha mulher certamente lhe falou de minha neurastenia. Deve ter-lhe dito que à noite, quando estou trabalhando, sucede-me bater os pés e ter verdadeiras crises de choro porque não consigo realizar o que tinha em mente...

– Falou disso ao dr. Steiner?

– Conteí tudo. Durante uma hora, ele me fez perguntas que o senhor não teria a idéia de me colocar.

– E aí?

Ele olhou Maigret nos olhos.

– E aí que não estou louco!

– No entanto está convencido de que sua mulher tem a intenção de matá-lo.

– Sim.

– Mas não quer que iniciemos um inquérito.

– De nada serviria.

– Nem para protegê-lo?

– De que maneira?

– Nesse caso, mais uma vez, por que veio até aqui?

– Para que o senhor saiba. Para que, se me acontecer uma desgraça, não pensem em morte natural, como pensariam se o senhor não estivesse avisado. Li muito a respeito de envenenamentos. De acordo com seus próprios peritos, deve-se contar nove envenenamentos criminosos ignorados, portanto impunes, para um envenenamento cujo autor é descoberto.

– Onde leu isso?

– Numa revista da polícia científica.

– É assinante?

– Não. Li numa biblioteca pública. Mas posso dizer ao senhor uma última coisa: não permitirei que façam isso comigo.

Maigret estremeceu, com a impressão de que se chegava enfim ao núcleo do caso.

– Que está querendo dizer exatamente?

– Primeiro, que estou tomando precauções, como lhe disse ontem. Depois, e justamente por causa da estatística que acabo de citar, que não confiarei na justiça e, se tiver tempo, farei justiça eu mesmo.

– Devo compreender que matará sua mulher *antecipadamente*?

– Antes de morrer, é claro, mas não antes que ela tenha conseguido me envenenar. Existem poucos venenos que provocam uma morte fulminante, e quase todos são difíceis de obter. Assim, transcorrerá um certo tempo entre o momento em que saberei que ela teve êxito e o momento em que serei incapaz de agir. Tenho em casa um revólver carregado. Aliás, está devidamente registrado, como poderá verificar na prefeitura. Minha mulher sabe disso, pois há anos que o tenho. Só que ultimamente está escondido num lugar onde ela não o encontrará. Ela procurou. Ela continua...

Havia momentos em que Maigret se perguntava se não seria melhor conduzir seu homem imediatamente à enfermaria especial da prisão provisória.

– Suponhamos que esta noite, meia hora após o jantar, sinta dores no estômago.

– Não se preocupe, sr. Maigret. Sou capaz de fazer a distinção entre um envenenamento e uma simples indigestão. Além disso, sempre tive um excelente estômago.

– Mas, se acreditar que está envenenado, agirá?

– Se eu me *sentir* envenenado, não hesitarei.

– Dará um tiro?

– Sim.

A campainha do telefone ressoou, e ao comissário pareceu que ela fazia um alarido inusitado na peça onde uma atmosfera pesada, tensa, como que malsã, se instalara.

– É o Lucas, chefe...

– Sim...

– Não pude informar antes ao senhor porque eu não queria deixá-la sozinha na rua...

– Quem?

– A mulher... Vou explicar... Tive de esperar que um inspetor passasse e eu lhe confiasse a missão, para eu poder subir e telefonar ao senhor... Foi Torrence que tomou meu lugar...

– Ande, diga logo! Mas não fale alto demais que faz vibrar o receptor.

Marton compreendera que se tratava indiretamente dele?

– Compreendido, chefe... É o seguinte: Janvier me indicou seu homem no momento em que este saía do magazine... Passei a segui-lo, sozinho, enquanto Janvier esperava um ônibus...

– E aí?

– Enquanto andávamos em meio à multidão, muito densa àquela hora, nada observei. Mas, ao atravessar o pátio do Louvre, e ao chegar depois às margens do rio, vi que eu não era o único a segui-lo...

– Continue.

– Havia uma mulher em seu encalço... Acho que não reparou em mim, mas não estou certo disso... Ela o seguiu até o Quai des Orfèvres e ainda está lá, a uns cem metros da entrada...

– Descreva...

– Não é necessário. Quando Torrence passou junto a mim e lhe dei as instruções, subi até aqui e pedi a Janvier que fosse lá embaixo dar uma espiada, já que ele se ocupou do caso... Ele acaba de voltar e está ao meu lado. Quer que eu lhe passe?

– Sim.

– Alô, chefe... É a cunhada, Jenny...

– Tem certeza?

– Nenhuma dúvida.

– Ela o reconheceu?

– Não. Tomei cuidado.

– Obrigado.

– Nenhuma outra instrução?

– Que Torrence continue a vigiá-la.

– E quanto ao homem? Lucas deve continuar a segui-lo quando ele sair?

– Sim.

Ele desligou e deparou com o olhar inquisidor de Marton pregado nele.

– É minha mulher? – perguntou o aficionado em trens elétricos.

– Que está querendo dizer?

– Nada. Eu deveria saber que de todo modo o senhor não me diria a verdade.

– Chegou a ouvir?

– Não. Só que não é difícil compreender, pelo pouco que o senhor mesmo disse. Se for minha mulher...

– Bem, e então?

– Nada. Cometi um erro em vir vê-lo ontem, e ainda mais em retornar hoje. Já que não acredita em mim...

– Tudo o que quero é acreditar. E basta! Se está tão seguro de si mesmo, vou fazer-lhe uma proposta. O dr. Steiner nada quis me dizer, alegando o segredo profissional.

– Quer que eu me submeta a um teste diante de um outro médico?

– Diante do especialista da enfermaria especial da prisão provisória. É um homem íntegro, um professor conhecido no mundo inteiro.

– Quando? Agora mesmo?

Maigret enganou-se? Houve, em seu interlocutor, um instante de pânico?

– Não. A esta hora é impossível consultá-lo. Ele estará em seu serviço amanhã de manhã.

Tranqüilamente, Marton respondeu:

– Se não for cedo demais, terei tempo de avisar o magazine.

– Então aceita?

– Por que razão não aceitaria?

– Aceita também assinar um papel atestando que é com pleno consentimento que fará essa visita?

– Se insiste...

– É um homem curioso, sr. Marton.

– O senhor acha?

– Também está aqui de livre e espontânea vontade, não esqueço. Portanto, não é obrigado a responder às minhas perguntas. Contudo há algumas que eu gostaria de lhe fazer.

– Acreditará em mim?

– Tentarei, e posso afirmar que não tenho nada contra o senhor.

Essa declaração provocou apenas um sorriso de descrédito.

– O senhor ama sua mulher?

– Agora?

– Agora, é claro.

– Então eu diria que não.

– E ela o ama?

– Ela me odeia.

– Essa não é a imagem que fiz do casal que vocês formam quando o senhor saiu daqui ontem de manhã.

– Não tivemos tempo de ir ao fundo da questão e, além do mais, o senhor não parecia disposto a isso.

– Como queira. Posso continuar?

– Por favor.

– Chegou a amá-la?

– Acreditei que sim.

– Explique-me o que entende por isso.

– Até então eu tinha vivido só, sem me permitir a menor distração. Trabalhei muito, como sabe. Tendo começado de baixo como comecei, precisei de muito esforço para chegar onde estou.

– Nunca teve relações com mulheres antes de conhecer a sua?

– Raramente. O tipo de aventuras que o senhor pode imaginar. Eu sentia mais vergonha do que prazer. Então, quando conheci Gisele, fiz dela a mulher ideal e foi essa mulher ideal que amei. Para mim, casal era uma palavra importante. Sonhava com ela. Íamos ser um casal. Eu seria uma das metades de um casal. Não estaria mais sozinho em minha casa, na vida. E um dia teríamos filhos...

– Vocês tiveram?

– Gisele não quer.

- Ela o havia avisado?
- Não. Se me tivesse dito, mesmo assim eu casaria com ela e me contentaria com o casal...
- Ela o amava?
- Pensei que sim.
- E um dia perceberam que haviam se enganado...
- Sim.
- Quando?

Ele não respondeu imediatamente. Parecia achar-se de repente diante de um grave problema de consciência, e refletia. Maigret, por sua vez, não o pressionava.

– Suponho – murmurou por fim Marton – que o senhor iniciou uma investigação. Se enviou alguém para me espiar no magazine, deve ter enviado também um de seus homens à Avenue de Châtillon.

- É exato.
 - Nesse caso, é melhor que eu fale francamente. À pergunta que me fez, respondo: dois anos atrás.
 - Ou seja, foi mais ou menos na época em que sua cunhada veio morar com vocês que o senhor compreendeu que sua mulher não o amava e que nunca o havia amado?
 - Sim.
 - Pode me explicar por quê?
 - É fácil. Antes de conhecer minha cunhada, que vivia na América com o marido, nem sempre eu era feliz em casa, mas dizia-me que era tanto quanto se pode ser. Compreende? Em outras palavras, eu considerava minhas decepções como inevitáveis, imaginando que todos os homens estavam na mesma situação que eu. Em suma, Gisele era uma mulher, e eu passara a acreditar que seus defeitos eram os defeitos inerentes a todas as mulheres.
- Ele continuava sempre buscando as palavras, pronunciando algumas com mais insistência que outras.
- Como todo o mundo, suponho, sonhei com uma certa forma de amor, de união, de fusão, chame como quiser, e, depois de alguns anos ou alguns meses, concluí que isso não existe.
 - Que o amor, então, não existe.

– Aquele amor, pelo menos.

– O que reprova em sua mulher?

– O que o senhor me faz dizer certamente não é elegante, mas se eu não responder sinceramente continuará a tirar conclusões falsas. Sei hoje, por exemplo, que se Gisele abandonou Rouen e a família foi apenas por ambição. Não por amar um homem que na época ela seguiu e que a deixou alguns meses depois, como ela gostaria de fazer acreditar. Esse homem era o primeiro degrau, era Paris. Mesmo se não a tivesse deixado, ela não ficaria muito tempo com ele.

Era curioso ouvi-lo falar assim, sem nervosismo, sem paixão, como se examinasse um caso impessoal, procurando ser claro e preciso.

– Só que ela imaginava que as coisas aconteceriam mais depressa. Era jovem, bonita, desejável. Não esperava ter de andar de um lugar a outro, correr atrás das ofertas de emprego nos jornais, para acabar finalmente na seção de lingerie de um grande magazine.

– O senhor também não é ambicioso?

– Não é a mesma coisa. Mas deixe terminar o caso dela. Ela saía à noite com colegas, sobretudo chefes de seção, mas ou eles eram casados, ou não lhe propunham casamento. Foi nesse momento, quando ela se sentia envelhecer, que entrei em cena. Três ou quatro anos antes, ela teria zombado de mim. A experiência lhe mostrou que eu era um prêmio de consolação aceitável e ela fez o que era preciso.

– Ou seja?

– Deixou-me acreditar que me amava. Durante anos só pensei no casal que formávamos, no que eu chamava nosso ninho e no que chamava também nosso futuro. Eu a achava fria, mas consolava-me dizendo que as mulheres que não aparentam frieza na verdade estão fingindo. Achava-a interesseira, até mesmo avarenta, e logo me persuadia de que todas as mulheres o são.

– Sentia-se infeliz?

– Eu tinha meu trabalho, do qual ela zombava. Chamava-me de maníaco, tinha vergonha, sei agora, de ser casada com um

homem que trabalha com brinquedos de crianças e trens elétricos. Havia encontrado algo melhor.

Maigret estava prevendo o que viria a seguir.

– Que quer dizer?

– Ela conheceu um homem que trabalhou um certo tempo no magazine, um certo Maurice Schwob. Não sei se o ama. É possível. Este, pelo menos, permitiu que ela desse um passo adiante, e um grande passo. Ele casou com uma velha atriz que foi por muito tempo sua amante e que tem muito dinheiro...

– É por essa razão que sua mulher não pediu o divórcio para se casar com Schwob?

– Suponho que sim. O fato é que eles montaram juntos uma boutique com o dinheiro da velha.

– Acredita que são amantes?

– Sei disso.

– Seguiu os dois?

– Sou tão curioso quanto qualquer um.

– Mas o senhor, por que não pediu o divórcio?

Ele não respondeu. Parecia ter chegado a um impasse.

– Essa situação já existia antes da chegada de sua cunhada?

– É provável, mas meus olhos ainda não estavam abertos.

– O senhor disse há pouco que foi desde que sua cunhada veio morar na Avenue de Châtillon que compreendeu. Compreendeu o quê?

– Que há outros tipos de mulheres, mulheres como aquelas com que sempre sonhei.

– O senhor a ama?

– Sim.

– Ela é sua amante?

– Não.

– No entanto se encontra com ela às escondidas de sua mulher...

– Sabe isso também?

– Estou sabendo do pequeno restaurante chamado *Trou Normand*.

– É verdade. Jenny vem seguidamente se encontrar comigo na hora do almoço. Quanto à minha mulher, ela quase sempre acompanha Schwob a restaurantes luxuosos. Não pertence mais a nosso mundo, compreende?

Esta última palavra retornava com frequência, como se Marton temesse que Maigret fosse incapaz de acompanhá-lo.

– Compreende?

– Sua cunhada também o ama?

– Acho que está começando.

– Apenas começando?

– Ela amava realmente o marido. Eles, sim, formavam um verdadeiro casal. Viviam em Nova Jersey, não distante de Nova York, numa bela casa de campo. Edgard morreu num acidente, e Jenny tentou suicidar-se. Abriu o gás, uma noite, foi salva na última hora. Então, não sabendo mais o que fazer, voltou à Europa, e a acolhemos. Estava ainda de luto. Não se habitua a vestir outra cor senão o preto. Minha mulher zomba dela, aconselha-a a sair, a se divertir para arejar as idéias. Eu, ao contrário, procuro muito suavemente devolver-lhe o gosto pela vida...

– E está conseguindo?

Ele corou como um adolescente.

– Acho que sim. Compreende agora por que ela não é minha amante? Eu a amo e a respeito. Não gostaria, por uma satisfação egoísta...

Será que Lapointe estaria estenografando tudo isso? Se esse interrogatório seguisse as vias administrativas, certamente Maigret seria ridicularizado.

– Jenny sabe que sua irmã deseja sua morte?

– Não falei disso a ela.

– Está a par do desentendimento entre vocês?

– Ela vive conosco. Observe que nunca discutimos, minha mulher e eu. Aparentemente, levamos a vida como todos os casais. Gisele é muito inteligente para provocar discussões. Além disso, há dez milhões guardados, que lhe permitiriam participar em igualdade de condições da boutique da Rue Saint-Honoré, com esse Schwob que se faz chamar de Harris.

- Que dez milhões?
- Do seguro.
- Quando fez um seguro? Antes ou depois da chegada de sua cunhada?
- Antes. Há cerca de quatro anos. Gisele já trabalhava com Schwob. Um agente de seguros veio nos visitar, como por acaso, mas compreendi mais tarde que minha mulher é que o chamara. Ele disse o que todos dizem: “Ninguém sabe a hora da morte. É um reconforto para quem parte saber que quem fica...”
- Marton riu, pela primeira vez, de um modo um tanto desagradável.
- Eu ainda era ignorante. Em suma, acabamos por assinar uma apólice de dez milhões.
- Disse *nós*?
- Sim, é um seguro duplo, como eles chamam.
- Ou seja, se sua mulher vier a morrer, o senhor também receberá dez milhões!
- Certamente.
- De modo que tem tanto interesse na morte dela quanto ela na sua!
- Não escondo isso.
- E os dois se odeiam.
- Ela me odeia, sim.
- E o senhor?
- Não a odeio. Apenas tomo minhas precauções.
- No entanto ama sua cunhada.
- Também não escondo.
- E sua mulher é amante de Schwob-Harris.
- É um fato.
- Tem algo mais a me dizer?
- Acho que não. Respondi às suas perguntas. Penso até que fui ao encontro de algumas delas. Estou pronto, amanhã de manhã, para submeter-me ao exame que mencionou. A que horas devo estar aqui?

– Entre dez e meio-dia. Qual é o momento que mais lhe convém?

– Demora muito?

– Mais ou menos como no dr. Steiner.

– Significa então uma hora. Digamos onze horas, se quiser; assim não precisarei voltar ao magazine.

Levantou-se, hesitante, talvez esperando por novas perguntas. Enquanto vestia o sobretudo, Maigret murmurou:

– Sua cunhada o espera lá fora.

Ele ficou um momento com o braço no ar, enfiado na manga pela metade.

– Ah!

– Está surpreso? Ela ignorava sua visita aqui?

Houve um segundo de hesitação, que não escapou a Maigret.

– Com certeza.

Desta vez ele mentia, era evidente. De repente teve pressa de ir embora. Não estava mais tão seguro de si.

– Até amanhã... – ele balbuciou.

E, como havia iniciado maquinalmente um movimento de estender a mão, precisou ir até o fim. Maigret apertou-a, observou seus passos em direção à escada e tornou a fechar a porta, atrás da qual permaneceu por um momento imóvel, respirando profundamente.

– Ufa!... – suspirou, enquanto Lapointe, com o punho dolorido de tanto escrever, se mostrava na moldura da outra porta.

Ele não se lembrava de um interrogatório tão espantoso como aquele.

CAPÍTULO VI

NOITE NO CINEMA

– LUCAS? – interrogou Maigret, com um movimento de cabeça em direção à porta de comunicação entre as duas salas.

Lapointe compreendeu não apenas o sentido da interrogação, mas também que naquele momento o comissário não tinha vontade de formar longas frases.

– Ele foi retomar o lugar de Torrence na rua. Como Torrence não estava informado...

Sem transição, Maigret passou de uma idéia a outra, e, também desta vez, o inspetor o acompanhou sem dificuldade.

– Que pensas disso, tu?

Com exceção de Janvier, que ele sempre tratou com mais intimidade, Maigret só empregava o tu – e somente com alguns – no calor da ação, ou quando estava muito preocupado. Isto agradava a Lapointe, pois era um pouco como se os dois, de repente, se fizessem confidências.

– Não sei, chefe. Eu ouvia sem ver, o que é muito diferente...

Era justamente a razão pela qual o comissário lhe pedia a opinião. Eles tinham ouvido as mesmas palavras. Mas o jovem, atrás da porta, não fora distraído pelo rosto, pelos olhos, pelas mãos, nos quais a atenção se dispersava. Estava de certo modo na situação das arrumadeiras, no teatro, que ouvem a peça dos corredores e para quem as falas pronunciadas têm uma ressonância diferente.

– Ele me deu a impressão de um homem sincero.

– Nem um pouco louco?

– Deve ser difícil explicar-se, tendo alguém como o senhor à frente...

Lapointe hesitara em dizer isso, por receio de ser mal compreendido, embora para ele fosse um elogio.

– O senhor compreenderá melhor meu pensamento ao reler suas réplicas. Somente no final...

– O que, no final?

– ...é que ele provavelmente mentiu. Pelo menos do meu ponto de vista. A cunhada devia saber que ele viria aqui. Ele sabia que ela sabia. O que ignorava é que ela o tivesse seguido, e que o esperava na rua. Acho que isso o enfureceu. Quer que eu datilografe o texto em seguida?

Maigret fez que não com a cabeça, acrescentando:

– Espero que não haja necessidade de datilografar.

Ele começava a se impacientar, perguntando-se por que Lucas não tornava a subir. Não havia nenhuma razão para seguir o casal até a Avenue de Châtillon. O comissário tinha pressa de saber como se produzira o choque, e Lapointe partilhava sua curiosidade.

– Pergunto-me – murmurou o inspetor – por que ele afirmou que a cunhada não estava sabendo.

– Poderia haver uma razão.

– Qual?

– Seu desejo de não comprometê-la, de evitar que um dia ela pudesse ser acusada de cumplicidade.

– Isto só aconteceria se...

Lapointe não disse nada, mas lançou um olhar de surpresa ao chefe. A frase de Maigret supunha que alguma coisa ia acontecer, alguma coisa que colocaria Xavier Marton em maus lençóis. Ele não teve tempo de falar mais, pois ouviram-se passos rápidos e curtos que só podiam ser de Lucas. Este passou pela sala dos inspetores e apareceu na porta de comunicação.

– Posso entrar, chefe?

Continuava vestindo o sobretudo, um sobretudo preto, de lã, no qual se viam ainda alguns pequenos pontos brancos.

– Está nevando?

– Começou. Neve fina, mas áspera.

– Conte.

– A moça, na rua, não devia estar melhor aquecida que eu, ainda mais que calça sapatos leves, e eu ouvia a batida dos saltos na calçada. Primeiro ela permaneceu imóvel junto ao parapeito de pedra, evitando as luzes dos faróis. Pela maneira como estava colocada, adivinhei, embora não visse o rosto, que olhava para as janelas iluminadas. Agora não há muitas assim, no prédio. Eu mesmo as vi se apagarem umas após as outras. De vez em quando, ouviam-se vozes no saguão da entrada. Eu nunca havia notado que nossas vozes, quando saímos daqui, chegam tão longe. Inspetores, em grupos de dois ou três, saíam, despediam-se, separavam-se...

“Ela foi se aproximando imperceptivelmente, como que atraída pelas luzes do seu escritório, e parecia cada vez mais nervosa. Estou certo de que em vários momentos estive a ponto de atravessar a calçada e entrar...”

– Teria imaginado que eu o detivera?

– Não sei. Por fim ele saiu, sozinho, e passou diante do guarda de plantão. Imediatamente olhou ao redor, como se procurasse alguém.

– Ele a estava procurando – disse Maigret. – Eu acabava de anunciar-lhe que ela estava ali.

– Agora compreendo. Foi difícil para ele perceber onde ela estava. Primeiro a procurou do lado da Pont-Neuf, mas ela estava na direção oposta. Ele retornou. Achei que ela fosse aproveitar o momento em que ele virou as costas para ir embora, ou para descer a escada até o rio, mas ele a avistou antes que ela se movimentasse. Não pude ouvir o que disseram. Pela atitude, julguei compreender que ele lhe fazia censuras. Não gesticulava, mas a atitude era a de um homem colérico.

“Ela então enfiou a mão sob o braço dele, indicando-lhe o guarda, e o conduziu em direção à Pont Saint-Michel...”

– Um instante – interrompeu Maigret. – De que maneira ela pôs a mão sob o braço dele?

Se Lucas não pareceu compreender a razão da pergunta, Lapointe, que estava apaixonado, compreendeu.

– De uma maneira natural, como todas as mulheres que vemos na rua com o namorado ou o marido. Ele deve ter continuado a lhe

fazer censuras, com menos energia. Depois, suponho que notou que ela tinha frio e passou o braço ao redor de sua cintura. Os corpos se aproximaram um pouco. Puseram-se a andar no mesmo passo, na mesma cadência...

Lapointe e Maigret se olharam, pensando a mesma coisa.

– Ao chegarem à Pont Saint-Michel, eles hesitaram; depois, atravessando a fila de veículos, sempre abraçados, entraram no bar da esquina. Havia muita gente em volta do balcão. É a hora do aperitivo. Eu podia vê-los através das vidraças embaçadas. Os dois estavam de pé junto à caixa. O garçom preparou um grogue[1] e o pôs no balcão diante da mulher, que pareceu protestar. Marton insistiu. Ela acabou por tomar a bebida, soprando em cima, enquanto ele se contentava com um café.

– Por sinal – perguntou Maigret a Lapointe –, o que foi que ele bebeu, ao meio-dia, no restaurante?

– Água mineral.

Era curioso. De fato, se lhe tivessem feito a pergunta, Maigret teria apostado que o aficionado por trens elétricos não bebia vinho nem álcool.

– Quando saíram – continuou Lucas – foram até o ponto de ônibus e esperaram. Eu os vi subir no veículo. Iam em direção à Porte d’Orléans, e julguei que seria melhor voltar para prestar-lhe contas. Fiz bem?

Maigret assentiu com a cabeça. A neve tinha desaparecido do sobretudo de Lucas que, durante a conversa, aquecera as mãos junto ao radiador.

O comissário também dirigiu-se a ele na segunda pessoa:

– Tens alguma coisa prevista para esta noite?

– Nada de especial.

– Eu também não – apressou-se a dizer Lapointe.

– Não sei a qual dos dois vou pedir que passe a noite fora. Com este tempo, não seria muito agradável...

– Eu!... – disse o jovem inspetor, levantando a mão como na escola.

E Lucas:

– Por que não dividimos a tarefa? Posso telefonar à minha mulher dizendo que não volto para jantar. Comerei um sanduíche num bar, defronte à igreja de Montrouge. Mais tarde, Lapointe poderá me substituir...

– Estarei lá por volta das dez horas – decidiu Lapointe.

– Mais tarde, se quiser. Por que não cortar a noite em duas metades? Digamos, meia-noite.

– Posso ir mais cedo. Enquanto não me deito, gosto de fazer alguma coisa.

– Quais as instruções, chefe?

– Nenhuma, rapazes. E amanhã, se eu precisar prestar contas, terei muita dificuldade de dar um motivo a essa tarefa. Os dois vieram até aqui, o marido e a mulher. Tanto um como a outra fizeram questão de colocar-me a par de seus pequenos problemas. Logicamente, nada deveria acontecer. Mas é justamente porque...

Não concluiu seu pensamento, que não era bastante claro para ser expresso em palavras.

– Talvez eu tenha cometido um erro ao dizer a ele que sua mulher viera. Hesitei. Depois pensei...

Ergueu os ombros, fatigado por essa história; abriu o armário onde estavam o sobretudo e o chapéu, resmungando:

– Enfim! É o que veremos... De todo modo, boa noite, rapazes...

– Boa noite, chefe.

Lucas acrescentou:

– Estarei lá dentro de uma hora.

Lá fora o frio fizera-se mais penetrante, e os flocos de neve, minúsculos e duros, visíveis apenas no foco das luzes, picavam a pele, onde pareciam querer se incrustar, pousavam nos cílios, nas sobrancelhas, nos lábios.

Maigret não teve a coragem de esperar um ônibus e chamou um táxi, em cujo assento se encolheu, envolvido no seu pesado sobretudo.

Todas as investigações que fizera lhe pareciam de uma simplicidade quase infantil comparadas a esta, e isso o irritava. Nunca se sentira tão inseguro, a ponto de telefonar a Pardon, de

procurar o chefe, o procurador, e até mesmo, pouco antes, de buscar a aprovação de Lapointe.

Tinha a impressão de patinar na lama. Depois, no carro que contornava a Place de la République, veio-lhe um pensamento que o serenou um pouco.

Se essa investigação não era como as outras e se ele não sabia como tratá-la, não seria porque desta vez não se tratava de um crime já cometido, que restasse apenas reconstituir, mas de um crime que podia ser cometido de um momento a outro?

Assim como, também, podia não ser cometido! Quantos crimes potenciais, alguns minuciosamente elaborados no cérebro do criminoso, nunca são perpetrados? Quantas pessoas têm a intenção de livrar-se de alguém, consideram todos os meios de chegar a seus fins e, no último momento, desistem?

Vinham-lhe à memória muitos casos de que se ocupara. Alguns nunca teriam chegado a seu desfecho sem a ocasião favorável, muitas vezes sem uma casualidade. Em alguns casos, se a vítima, em determinado momento, não tivesse pronunciado tal frase, adotado tal atitude, nada teria acontecido.

O que ele precisava fazer, desta vez, não era reconstituir os fatos e as ações de um ser humano, mas prever seu comportamento, o que é bem mais difícil.

Os tratados de psicologia, de psicanálise, de psiquiatria, não lhe eram de nenhuma valia.

Ele conhecera outros casais em que uma das partes, por uma razão qualquer, desejava a morte da outra.

Os precedentes tampouco lhe serviam. É somente com os profissionais que os precedentes são utilizáveis, ou com certos maníacos. Mais ainda: com maníacos que já mataram uma ou várias vezes e que reincidem.

Ele não se deu conta de que o táxi estacionara junto à calçada. O motorista falou:

– Chegamos, doutor!

A porta do apartamento se abriu, como de hábito, e Maigret reencontrou a luz, os odores familiares, os móveis e os objetos que estavam em seus lugares havia tantos anos.

Reencontrou também o olhar da sra. Maigret que, como sempre, sobretudo quando o sabia preocupado, continha uma interrogação muda.

– Que acha de irmos ao cinema? – ele propôs.

– Está nevando!

– Tem receio de ficar resfriada?

– Não. Acho até que gostaria de ir ao cinema!

Ela suspeitava que ele não queria ficar em sua poltrona remoendo uma mesma questão na cabeça como na véspera. Uma hora mais tarde, dirigiam-se a pé até a République e o Boulevard Bonne-Nouvelle, e a sra. Maigret pusera a mão sob o braço do marido.

A cunhada de Xavier Marton, Jenny, fizera a mesma coisa quando ele a surpreendera na rua diante do Quai. Maigret se perguntava quanto tempo transcorreria, após o primeiro encontro, até que sua mulher adotasse aquele gesto.

A uma centena de metros do cinema, onde ele não sabia sequer que filme estava passando, fez essa pergunta a ela:

– Isso eu sei – disse ela sorrindo. – Lembro exatamente. Havia três meses que nos conhecíamos. Na semana anterior você me havia beijado junto à escada, e desde então me beijava toda noite no mesmo lugar. Uma terça-feira fomos à ópera, onde representavam *Carmen*. Meu vestido era de tafetá azul e eu poderia dizer que perfume usava. Ao nos dirigirmos para o táxi você não me abraçou, apenas estendeu a mão para me ajudar a entrar no carro.

“Depois do teatro, perguntou se eu estava com fome. Fomos até o Grand Boulevard, onde ainda existia a Taverna Pousset.

“Fingi tropeçar por causa de meus saltos altos e pus a mão em seu braço. Minha audácia me impressionou de tal maneira que estremeci, mas você teve a boa idéia de fingir que não tinha percebido nada.

“Ao deixar o restaurante, fiz o mesmo gesto e desde então continuo fazendo.”

Ou seja, também Jenny tinha esse hábito. Portanto, ela e o cunhado deviam passear juntos freqüentemente pelas ruas.

Seria isso um indício de que não se escondiam e que, contrariamente ao que Marton dera a entender, Gisele sabia o que se passava?

Ele se inclinou ante o guichê, depois dirigiu-se à entrada, com dois tíquetes cor-de-rosa na mão.

Passava um filme policial, com tiroteios, brigas, um herói duro na queda que saltava de uma janela para cair num carro sem capota e que, em plena cidade, golpeando o motorista, tomava seu lugar no volante, partia em disparada, escapando dos carros de polícia que o perseguiram com a sirene ligada.

Ele sorria contra a vontade. No fundo, estava se divertindo. Esquecia os Marton e a cunhada, o tal Harris que se chamava Schwob e os problemas mais ou menos complicados dos dois casais.

No intervalo, comprou bombons para a mulher, o que, há quase tanto tempo como o gesto da sra. Maigret de dar-lhe o braço, era uma tradição. Tradição também, enquanto ela comia os bombons, era fumar um meio-cachimbo no saguão onde olhava vagamente os cartazes dos próximos filmes.

A neve continuava a cair quando eles saíram, e os flocos eram mais espessos, dava para vê-los tremerem um instante no chão antes de se dissolverem.

Caminhavam com a cabeça inclinada, para não recebê-los nos olhos. Na manhã seguinte, certamente, a neve cobriria de branco os telhados e os automóveis estacionados.

– Táxi!

Ele temia que a mulher se resfriasse. Achava que ela já havia emagrecido e, embora soubesse que era por ordens de Pardon, aquilo não deixava de inquietá-lo. Parecia-lhe que ela ficaria mais frágil, que perderia talvez seu otimismo, seu bom humor.

Quando o táxi parou diante da casa deles, no Boulevard Richard-Lenoir, ele murmurou:

– Ficaria muito aborrecida se eu voltasse daqui a uma hora?

Em qualquer outra situação, ele não teria feito a pergunta: simplesmente teria anunciado que tinha coisas a fazer. Esta noite

tratava-se de algo que não era necessário, que não tinha sequer uma razão de ser, e ele sentia a necessidade de justificar-se.

– Eu o espero?

– Não. Deite-se. Posso me atrasar.

Ele a viu atravessar a calçada, buscando a chave do apartamento na bolsa.

– Igreja Saint-Pierre de Montrouge – disse ao motorista.

As ruas estavam quase vazias, a pista, escorregadia, com marcas sinuosas de veículos que haviam derrapado.

– Não muito rápido...

Ele pensava:

“Se deve realmente acontecer alguma coisa...”

Por que tinha a impressão de que seria dentro de um prazo muito curto? Xavier Marton viera vê-lo na véspera. Não uma semana antes, quando a situação era a mesma, mas somente na véspera. Isto não indicava uma espécie de maturação do drama?

Quanto a Gisele, ela também viera ao Quai na véspera.

E o marido voltara hoje mesmo.

Ele procurava lembrar o que era dito a esse respeito no livro de psiquiatria que consultara. Teria ele agido mal em não se interessar mais pelo assunto? Havia várias páginas sobre a evolução das crises, mas ele as saltara.

Ora, uma razão podia precipitar o drama, se drama houvesse. Xavier Marton tinha aceitado submeter-se a um teste, no dia seguinte, às onze da manhã, na enfermaria especial da prisão provisória.

Falaria disso à cunhada? À sua mulher? Comunicaria esta a notícia a seu amante da Rue Saint-Honoré?

Passado o teste, quaisquer que fossem os resultados, parece que seria demasiado tarde para novos desdobramentos.

O táxi parou diante da igreja. Maigret pagou a corrida. Defronte, um bar ainda estava aberto, no qual se viam apenas dois ou três clientes. Maigret empurrou a porta, pediu um grogue, não tanto para se aquecer, mas porque lhe haviam falado de grogue um pouco antes. Quando se dirigia à cabine telefônica, o garçom perguntou:

- Quer uma ficha?
- Só vou dar uma espiada na lista.

Sem uma razão precisa, aliás. Ao pensar no sr. Harris, ele se perguntara se os Marton tinham telefone e ia verificar.

- Não tinham. Havia muitos Morton, Martin, mas nenhum Marton.
- Quanto devo?

Ele entrou na Avenue de Châtillon, que estava deserta e onde havia apenas duas ou três janelas iluminadas. Não via Lucas nem Lapointe, e começava a se inquietar quando, mais ou menos na metade da avenida, um pouco depois da Rue Antoine Chantin, ouviu perto dele uma voz que dizia:

- Aqui, chefe...

Era o jovem Lapointe, encolhido num canto, com um cachecol cobrindo-lhe a metade do rosto, as mãos enfiadas nos bolsos do casaco.

– Reconheci seus passos assim que o senhor dobrou a esquina da avenida.

– É aí? – indagou o comissário, designando com a cabeça um prédio de tijolos amarelos cujas janelas estavam todas escuras.

- Sim. Está vendo aquela entrada, à direita da porta?

Era uma espécie de beco ou passagem, como existem ainda muitos em Paris, mesmo em pleno centro da cidade. Numa passagem desse tipo, no Boulevard Saint-Martin, fora encontrado certa vez um homem assassinado, às cinco horas da tarde, a poucos metros da multidão que transitava pela calçada.

- Vai dar no pátio?

– Sim. Eles podem entrar e sair sem passar pela portaria.

- Foi até lá?

– Vou a cada dez minutos. Se o senhor for, preste atenção. Um enorme gato pardo virá silenciosamente se esfregar nas suas pernas. Da primeira vez, ele miou e tive medo de que os alertasse.

- Estão deitados?

– Ainda há pouco não estavam.

- Que estão fazendo?

– Não sei. Alguém deve estar no primeiro andar, pois há uma luz, mas não se pode ver nada por causa das persianas. Esperei em

vão avistar uma silhueta à contraluz; suponho que a ou as pessoas que estão na peça não se movem ou estão no fundo. O andar de baixo também está iluminado. Só depois de um certo tempo se percebe isso, porque as tiras metálicas estreitamente fechadas quase não deixam vazar a luz.

Maigret atravessou a rua, e Lapointe o seguiu. Os dois evitavam fazer ruído. A passagem, coberta numa extensão de três ou quatro metros, estava fria e úmida como uma caverna. No pátio encontraram uma escuridão absoluta e, como permanecessem imóveis, um gato veio efetivamente se esfregar, não no comissário, mas em Lapointe, que ele parecia já reconhecer.

– Estão deitados – soprou o inspetor. A janela iluminada era aquela bem à sua frente.

Na ponta dos pés, ele se aproximou da persiana do térreo, inclinou-se, voltou para junto do comissário. No momento em que os dois se preparavam para dar meia-volta, uma luz se acendeu, não na casa dos fundos, mas no terceiro andar do prédio.

Os dois ficaram imóveis, na sombra, temendo terem sido ouvidos por um morador, e esperando ver um rosto colar-se à vidraça.

Não foi o que aconteceu. Uma sombra passou atrás da cortina. Eles ouviram uma descarga d'água.

– Xixi... – suspirou Lapointe, tranqüilizado.

Um instante depois, estavam de volta à calçada, na frente. Curiosamente, ambos sentiam uma espécie de decepção. Foi Lapointe que murmurou:

– Eles se deitaram.

Isto significava que nada aconteceria, que o comissário se inquietara sem razão?

– Eu estou me perguntando... – começou Maigret.

Dois guardas de bicicleta apareceram, pedalando em direção a eles. De longe os haviam avistado e, da beira da calçada, um deles os interpelou em voz alta:

– Que estão fazendo aí, vocês dois?

Maigret avançou. O fecho de uma lanterna iluminou seu rosto. O guarda franziu as sobrancelhas.

– O senhor não é...? Oh! perdão, general... Não o reconheci de imediato...

E acrescentou, depois de dar uma espiada ao prédio defronte:

– Precisa de alguma ajuda?

– No momento não.

– De qualquer forma, passamos de hora em hora.

Os dois guardas se afastaram, com suas capas salpicadas de neve, e Maigret voltou para junto de Lapointe, que não se mexera.

– O que é mesmo que eu dizia?

– Que o senhor se perguntava...

– Ah! sim... perguntava-me se a mulher e o marido dormem ainda na mesma cama...

– Não sei. Segundo o que Janvier me disse esta tarde, há um divã no térreo, o que não significa que alguém durma ali. Se alguém dorme, logicamente deveria ser a cunhada, não?

– Boa noite, meu rapaz. Talvez você possa...

Ele hesitava em mandar Lapointe deitar-se. Para que montar guarda diante de uma casa onde nada se passava?

– Se é por mim que o senhor hesita...

No fundo, Lapointe se sentiria vexado de não cumprir sua missão até o fim.

– Se quiser, fique. Boa noite. Não quer ir tomar um trago?

– Confesso que já fui, poucos minutos antes de sua chegada. Do bar da esquina eu podia vigiar a rua.

Quando Maigret chegou na Saint-Pierre de Montrouge, a estação de metrô já estava fechada e não se via nenhum táxi. Hesitou entre dirigir-se até o Lion de Belfort e tomar a Avenue du Maine em direção à Gare Montparnasse. Escolheu a Avenue du Maine, por causa da estação, e no caminho logo chamou um táxi que passava vazio.

– Boulevard Richar-Lenoir.

Ele não tinha a chave do apartamento, mas sabia que a encontraria sob o capacho. Embora chefe da brigada criminal, nunca lhe ocorrera dizer à mulher que esse esconderijo era pelo menos ilusório.

Ela dormia, e ele começou a despir-se na penumbra, deixando apenas a lâmpada do corredor acesa. Alguns instantes depois, uma voz partindo do leito perguntava:

– É tarde?

– Não sei. Talvez uma e meia...

– Não se resfriou?

– Não.

– Não quer que eu prepare um chá?

– Obrigado. Bebi um grogue há pouco.

– E voltou a sair em seguida?

Eram pequenas frases banais que ele ouvira centenas de vezes, mas elas o tocavam, esta noite, porque se perguntava se Gisele Marton alguma vez as havia pronunciado.

Não era justamente por nunca tê-las ouvido que o marido...

– Pode acender a luz.

Ele contentou-se em acender a lâmpada de cabeceira, do seu lado da cama, e em apagar a do corredor.

– Fechou bem a porta da entrada?

Ele não ficaria surpreso se, dentro de alguns minutos, ouvisse a mulher levantar-se para ir se certificar.

Isto também fazia parte de um todo, de um todo que Xavier Marton certamente buscara, que não encontrara, que...

Enfiou-se nos lençóis aquecidos, apagou a luz, encontrou na obscuridade, sem tatear, os lábios da mulher.

Acreditava que teria dificuldade de pegar no sono, mas, alguns instantes depois, estava dormindo. É verdade que, se tivessem acendido bruscamente a luz, teriam visto suas sobrancelhas franzidas, uma expressão concentrada, como se continuasse em busca de uma verdade que se furtava.

Como de hábito, a sra. Maigret levantava-se sem ruído às seis e meia e ia até a cozinha sem que ele percebesse. Só começava a tomar consciência do nascer do dia quando lhe chegava o aroma do café.

Era a hora em que outras janelas se iluminavam no Boulevard Richard-Lenoir e em todos os bairros de Paris, a hora também em que ressoavam nas calçadas os passos dos madrugadores.

Naquele dia, ele não foi tirado do sono pelo odor familiar do café, nem pelos passos acolchoados da mulher. Foi a campainha do telefone que o arrancou subitamente do mundo da noite, e, quando abriu os olhos, a sra. Maigret já estava sentada na cama, sacudindo-lhe o ombro.

– Que horas são? – balbuciou.

Ela tateou para achar o botão da lâmpada de cabeceira; quando a luz iluminou o despertador, os ponteiros marcavam seis e dez.

– Alô!... – disse Maigret com uma voz pastosa. – É você, Lapointe?

– Comissário Maigret?

Não reconheceu a voz, franziu as sobrancelhas.

– Quem está falando?

– Aqui é do Plantão de Polícia, inspetor Joffre.

Sucedia-lhe, em alguns casos determinados, de dar instruções ao Plantão de Polícia para que o avisassem diretamente se tal ou tal coisa acontecesse. Não fizera isso na véspera. Suas idéias ainda não se encaixavam. Estava apenas surpreso.

– Que está havendo, Joffre? Foi Lapointe?

– Como? Lapointe?

– Foi Lapointe que lhe pediu para me chamar?

– Não tive notícias de Lapointe. Apenas um telefonema, há pouco, pedindo que lhe passasse uma mensagem.

– Que mensagem?

– Que vá imediatamente à Avenue de Châtillon... Espere!

Anotei o número...

– Eu conheço. Quem estava na linha?

– Não sei. A pessoa não disse o nome.

– Um homem? Uma mulher?

– Uma mulher. Ela afirma que o senhor está a par e saberá do que se trata. Parece que ela procurou seu número na lista, mas que...

O nome de Maigret não constava da lista telefônica.

– Há algo que eu possa fazer pelo senhor?

O comissário hesitou. Por pouco não pediu a Joffre para telefonar à delegacia do XIV^o *arrondissement*, a fim de que mandassem alguém à Avenue de Châtillon. Refletindo um instante, achou melhor não fazê-lo. Sentado à beira da cama, procurava as pantufas com a ponta dos pés. Quanto à mulher, já estava na cozinha, e ele ouvia o ruído do gás do fogão onde ela punha água para esquentar.

– Nada, obrigado.

O que o surpreendia é que não fosse Lapointe que telefonara, já que estava no local.

Que mulher seria? Gisele? A cunhada?

Se fosse uma das duas, não podia ter saído de casa, pois Lapointe teria percebido e avisado pessoalmente Maigret.

Ora, os Marton não tinham telefone.

Ele chamou a mulher.

– Enquanto me visto, pode ver para mim na lista telefônica de endereços quais são os assinantes da Avenue de Châtillon, 17?

Hesitou em barbear-se, não o fez, apesar da repugnância em sair assim, a fim de ganhar tempo.

– 17... Aqui está... Edifício...

– Bom, isso significa que há um telefone na portaria.

– Estou vendo também uma sra. Boussard, parteira. É tudo. O café estará pronto em dois minutos.

Ele devia ter dito a Joffre que enviasse um dos carros do Quai des Orfèvres, mas agora demoraria mais do que chamar um táxi.

A sra. Maigret encarregou-se disso. Cinco minutos mais tarde, depois de queimar a boca ao tomar o café muito quente, o comissário descia a escada.

– Você me telefona? – perguntou a mulher, inclinada sobre o corrimão.

Era uma coisa que ela raramente pedia. Devia estar mais preocupada que de costume.

Ele prometeu:

– Tentarei.

O táxi chegou. Ele entrou depressa, mal reparou que não nevava mais, que não havia vestígios brancos nas ruas nem nos

telhados, e que uma chuva gelada escurecia os pavimentos.

– Avenue de Châtillon.

Fungou ao sentir um cheiro de perfume no táxi, que certamente acabava de levar para casa um casal que passara a noite dançando num cabaré. Um pouco depois, inclinou-se para juntar uma bolinha de algodão cor-de-rosa, como as que as pessoas ricas jogam umas às outras, de madrugada, ao beberem champanhe.

[1]. Bebida feita preferencialmente com rum ou conhaque, aguardente ou outro destilado diluído em água quente, com açúcar e casca de limão. (N.E.)

CAPÍTULO VII

A ESCADA EM CARACOL

MAIGRET DESCEU do táxi na esquina da Avenue de Châtillon, e, como em seu bairro, as calçadas estavam desertas sob a chuva; como no Boulevard Richard-Lenoir, igualmente, havia algumas luzes nas janelas, três ou quatro por casa; enquanto percorria uma distância de uns cem metros, viu duas delas se acenderem, ouviu, num apartamento térreo ainda às escuras, soar um despertador.

Ele procurava Lapointe com os olhos, não o encontrava, murmurava sílabas a meia-voz, aborrecido, inquieto, mal desperto.

No corredor do prédio de tijolos amarelos, avistou finalmente uma mulher baixinha, de quadris tão largos quanto os ombros, que devia ser a zeladora, um empregado do metrô que segurava na mão uma marmitta contendo seu almoço e uma outra mulher, uma velha, de cabelos brancos enrolados com grampos, vestindo um roupão de lã azul-claro e um xale de um violeta agressivo.

Os três o olharam em silêncio e foi só mais tarde que ele soube o que se passara, a razão da ausência de Lapointe na calçada. Durante alguns instantes, pelo menos, sentiu um vazio no peito, pois pensou que, em razão de circunstâncias que não conseguia adivinhar, seu inspetor talvez fosse a vítima.

A coisa era mais simples, como sempre. Quando Gisele Marton veio telefonar na portaria, a zeladora se levantara e estava preparando o café, mas ainda não havia tirado o lixo. Ela ouviu chamar o Plantão de Polícia, depois a mensagem da moradora, que saiu da portaria sem lhe dar a menor informação.

A zeladora, como toda manhã, fora abrir um dos batentes da porta para arrastar os cestos de lixo até a calçada. Nesse momento, justamente, Lapointe atravessava a rua, com a intenção de dar

uma espiada no pátio, como o fizera várias vezes durante a noite. Por causa do telefonema que acabara de ouvir, a mulher o olhara com suspeita.

– O que deseja?

– Suponho que nada de anormal se passou no prédio, estou certo?

Mostrou a ela seu distintivo profissional.

– O senhor é da polícia? Alguém, no fundo do pátio, acaba justamente de chamar a polícia. O que isso significa? Que está havendo?

É o que levava Lapointe a atravessar o pátio, desta vez sem se esconder, e a bater à porta, sob a qual via um filete de luz. As três janelas do primeiro andar também estavam iluminadas.

Quanto a Maigret, ele não precisou bater. Seus passos foram ouvidos, e o próprio Lapointe, do interior, lhe abriu a porta, um Lapointe pálido de fadiga, e também em razão do que acabava de descobrir. Não disse uma palavra, o espetáculo que se oferecia a seu chefe falava por si mesmo.

O divã da sala-ateliê se transformava em leito noturno, e era Xavier Marton que ali dormia. Viam-se os lençóis em desalinho, o travesseiro atravessado e, no chão, sobre o tapete de juta bege, entre a cama e a escada em caracol que conduzia ao primeiro andar, o corpo do aficionado por trens elétricos, vestindo pijama, de bruços, a face contra o chão.

As listas vermelhas do pijama acentuavam ainda mais sua contorção. Parecia que se prostrara no momento em que se arrastava de quatro; estava todo torcido, com o braço direito à frente, as mãos crispadas, como se, num último esforço, tivesse tentado alcançar o revólver de tambor que se encontrava, também no chão, a uns vinte centímetros de seus dedos.

Maigret não perguntou se ele estava morto. Era evidente. Três pessoas o observavam em silêncio, pois as duas mulheres estavam ali, quase tão imóveis quanto o cadáver, também elas com roupas de dormir, um penhoar sobre a camisola, os pés nus em pantufas. Os cabelos de Jenny, mais escuros que os da irmã, lhe caíam em parte sobre o rosto e ocultavam um dos olhos.

Maquinalmente, sem pensar no que dizia, Maigret murmurou, dirigindo-se a Lapointe:

– Você não tocou em nada?

Lapointe fez sinal que não. Estava com olheiras, e sua barba, como a do morto e como a de Maigret, crescera durante a noite.

– Avise a delegacia do bairro. Telefone para a Identidade Judiciária para que nos enviem imediatamente os fotógrafos e os peritos. Chame também o dr. Paul...

– E a Procuradoria?

– Mais tarde.

Nessa parte do Palácio da Justiça, a vida não começava tão cedo como no Quai des Orfèvres, e Maigret não tinha pressa de encontrar pela frente esses senhores.

Ele espiava as duas mulheres. Nenhuma das duas tivera a idéia de sentar-se. Encostada à parede, junto à mesa do trem elétrico, a cunhada, com um lenço enrolado na mão, ocultava às vezes seus olhos vermelhos, fungava como se estivesse resfriada. Tinha olhos escuros e doces, tímidos, como os de um bicho da floresta, um veado, por exemplo, e dela ainda exalava o odor de seu leito aquecido.

Mais fria ou mais composta, Gisele Marton olhava o comissário, e suas mãos tinham, de tempo em tempo, uma crispação involuntária.

Lapointe havia saído, atravessado o pátio. Devia estar ocupado em telefonar da portaria do prédio. As duas mulheres certamente esperavam que Maigret as interrogasse. Ele hesitou um momento em fazê-lo e, por fim, contentou-se em pronunciar a meia-voz:

– Vão se vestir.

Isto as desconcertou, Jenny ainda mais que Gisele. Ela abriu a boca para falar, mas não disse nada; após um duro olhar de ódio à irmã, decidiu subir a escada primeiro; enquanto subia, o comissário pôde ver suas coxas nuas e brancas.

– A senhora também...

A voz um pouco rouca de Gisele disse:

– Eu sei.

Ela parecia esperar que a irmã se encerrasse no quarto para subir por sua vez.

Maigret ficou alguns instantes a sós com o corpo de Marton e mal teve tempo de fazer, com os olhos, o inventário da peça. Esta já estava, porém, fotografada em seu espírito, nos menores detalhes, e ele sabia que os recuperaria de memória quando tivesse necessidade.

Ouviu um carro que estacionava, um rangido de freios, uma batida de porta. Depois, o ruído de passos no pátio e, como Lapointe fizera para ele, abriu a porta da casa.

Ele conhecia Boisset, o delegado do XIV^o *arrondissement*, que se fazia acompanhar de um guarda de uniforme e de um homenzinho gorducho que trazia uma valise de médico.

– Entrem os três... Acredito, doutor, que terá apenas de constatar o óbito... O dr. Paul não tardará a chegar...

Boisset o indagava com os olhos.

– Um caso de que me ocupo há dois dias – murmurou Maigret.
– Explicarei tudo mais tarde... Por ora, não há nada a fazer...

Eles ouviram passos no andar de cima, um ruído de torneira, uma descarga d'água.

Como Boisset levantasse os olhos surpresos em direção ao teto, Maigret disse ainda:

– A mulher e a cunhada...

Sentia-se tão cansado como se tivesse sido ele, e não Lapointe, que passara a noite fora, no frio e na chuva. O inspetor não demorou a voltar. O médico, após ter-se ajoelhado por um momento, tornou a levantar. Ele focara uma lanterna de bolso sobre as pupilas fixas do morto, depois aproximara o rosto dos lábios deste, aspirando pelo nariz.

– À primeira vista, parece um envenenamento.

– É um envenenamento.

Lapointe fez um sinal a Maigret de que cumprira sua missão. Ouviam-se cochichos no pátio. Várias pessoas haviam se aproximado da persiana que continuava fechada.

Maigret disse ao guarda de uniforme:

– Seria bom ir lá fora afastar os curiosos.

O médico perguntou:

– Ainda precisa de mim?

– Não. Mais tarde lhe daremos as informações de identidade para o atestado de óbito.

– Até logo, senhores. Boisset sabe onde me encontrar...

Gisele Marton foi a primeira a descer e Maigret logo observou que ela vestia seu *tailleur* e trazia o casaco de pele sobre o braço. Segurava também uma bolsa de mão que indicava que ela não esperava voltar tão cedo. Tivera o tempo de se maquiar, de uma forma discreta, aliás. A expressão de seu rosto era grave, pensativa, ainda com traços de estupor.

Quando Jenny apareceu, ela usava um vestido preto.

Reparando no traje da irmã, ela perguntou, depois de umedecer os lábios:

– Devo levar um casaco?

Maigret piscou sem querer. Quem o observava mais intensamente era Lapointe, para quem a atitude do chefe causava uma forte impressão. Ele percebia que não se tratava de uma investigação ordinária, que o comissário não tinha a intenção de empregar meios ordinários, mas não tinha a menor idéia do que ele queria fazer.

Os nervos estavam tão tensos que foi um alívio ver Boisset acender um cigarro. Estendeu o maço a Lapointe, que recusou; depois, vendo que Gisele esperava como numa plataforma de estação, evitando olhar para o morto, ele falou:

– A senhora fuma?

Ela pegou um cigarro. Ele aproximou a chama do isqueiro, e ela pôs-se a tragar nervosamente.

– Tem uma viatura de polícia à porta? – perguntou Maigret ao delegado do bairro.

– Deixei-a ali para qualquer eventualidade.

– Posso utilizá-la?

Continuou a olhar ao redor como para se assegurar de que não esquecia nenhum detalhe. Ia fazer às duas mulheres sinal para que partissem quando mudou de idéia.

– Um instante...

E subiu sozinho ao primeiro andar, onde as lâmpadas continuavam acesas. Havia apenas dois quartos, um banheiro e uma peça de despejo onde se amontoavam valises, velhas malas, um manequim de costureira e, no chão, duas antigas lamparinas, bem como livros empoeirados.

Entrou no primeiro quarto, o maior. Continha uma cama de casal e o cheiro lhe indicou que era o da sra. Marton. O armário confirmou-lhe isso, pois ali encontrou roupas como as que ela usava, simples, elegantes e até mesmo luxuosas. Sobre uma tábua um pouco acima do piso, alinhavam-se uns doze pares de sapatos.

A cama estava desarrumada, como a de baixo. A camisola e o penhoar cor-de-rosa haviam sido jogados ali negligentemente. Sobre a penteadeira, potes de creme, frascos, um estojo de manicure prateado, grampos numa tigela chinesa.

Num outro armário, roupas de homem, dois ternos apenas, um casaco esporte, dois pares de sapatos, alpargatas. Não devia haver armário lá embaixo, e Marton continuava a guardar seus pertences no quarto conjugal.

Abriu as gavetas das cômodas, empurrou uma porta, entrou no banheiro. Sobre a prateleira de vidro, viu três copos, cada qual com uma escova de dentes, que devia pertencer a cada um dos três. Guardanapos de papel amassados com marcas de batom, um deles jogado no chão. E, nos ladrilhos em volta do assento sanitário de louça, pequenas manchas secas, como se alguém, durante a noite, tivesse vomitado.

O outro quarto não dava para o banheiro. Era preciso passar pelo corredor. Era menor, com um papel de parede azul floreado, e a cama era para uma pessoa.

Havia ali mais desordem do que no primeiro quarto. A porta do armário não fora fechada. Um casaco de *tweed* trazia a marca de uma casa de Nova York. Muito menos calçados, apenas quatro pares, dois deles provenientes também da América. Enfim, sobre a mesa coberta de um tecido bordado, que servia de penteadeira, uma série de objetos variados, um lápis de sobancelhas quebrado,

uma caneta, moedas, pentes, grampos de cabelos, uma escova que perdera uma parte dos pêlos.

Maigret registrava tudo. Quando tornou a descer, continuava a sentir-se pesado, com olhos que mal se mexiam.

Percebeu que a cozinha ficava no térreo, atrás de uma divisória erguida num ângulo do que fora uma oficina de carpinteiro. Empurrou a porta, enquanto Gisele Marton continuava a segui-lo com o olhar. A cozinha era exígua. Tinha um fogão a gás, um armário branco, uma pia, uma mesa coberta por um oleado.

Não se viam louças desarrumadas. As que se depunham sobre o oleado estavam limpas.

Ele voltou para junto dos outros, sempre imóveis como num museu de cera.

– Você receberá os senhores da Procuradoria – disse a Lapointe. – Dê minhas desculpas ao dr. Paul por não tê-lo esperado. Peça-lhe que me telefone assim que tiver feito o necessário. Enviarei alguém para substituí-lo, ainda não sei quem...

Virou-se para as duas mulheres.

– Queiram me acompanhar, por favor.

Das duas, a cunhada era a mais assustada, e parecia não querer deixar a casa. Gisele, ao contrário, abriu a porta e, muito empertigada, esperava sob a chuva.

O guarda uniformizado dispersara os curiosos do pátio, mas não pôde impedir que eles formassem um círculo diante do beco, junto à calçada. A velha senhora continuava lá, com seu xale violeta sobre a cabeça à maneira de guarda-chuva. O empregado do metrô tivera, a contragosto, de dirigir-se ao trabalho.

Observavam o que se passava como o público observa sempre essas idas e vindas, que lhe parecem ao mesmo tempo misteriosas e dramáticas. O policial afastou a multidão para permitir o acesso à viatura, e o comissário deixou passar as duas mulheres à sua frente.

Uma voz falou:

– Estão sendo detidas...

Ele fechou a porta atrás delas e contornou o veículo para se instalar ao lado do motorista uniformizado.

– Para a Polícia Judiciária.

O dia começava, muito vagamente, a despontar. A chuva era agora cinzenta, o céu parecia sujo. O carro ultrapassava os ônibus e as pessoas mal despertadas desciam as escadas do metrô.

Quanto chegou às margens do Sena, as luzes quase não emitiam mais brilho, e as torres da igreja de Notre Dame se destacavam contra o céu.

O carro entrou no pátio. Durante o trajeto, as duas mulheres não disseram uma palavra, mas uma delas, Jenny, fungara várias vezes, tendo em certo momento se assoado longamente. Ao descer do veículo, tinha o nariz vermelho, como Marton em sua primeira visita.

– Por aqui, senhoras.

Ele as precedeu na escadaria principal que estavam varrendo, empurrou a porta envidraçada, buscou com os olhos Joseph, que ele não via. Acabou por fazê-las entrar em seu escritório, onde acendeu as lâmpadas; deu uma espiada na sala dos inspetores; havia somente três, três que nada sabiam do caso.

Ele escolheu Janin, ao acaso.

– Pode ficar um momento em meu escritório com estas senhoras?

E, virando-se para elas:

– Sentem-se, por favor. Gostariam de tomar um café?

Jenny não respondeu. A sra. Marton fez que não com a cabeça.

Ostensivamente, Maigret foi até a porta, chaveou-a por dentro e pôs a chave no bolso.

– Acho melhor sentarem-se – repetiu – pois ficarão aqui por um certo tempo.

Foi até a outra sala.

– Baron! Telefone à Brasserie Dauphine. Que tragam um grande bule de café... Café preto... Três xícaras e croissants.

Depois disso, deixou-se cair numa cadeira, junto à janela, pegou o telefone, pediu o número particular do procurador geral. Este mal devia ter levantado e certamente estava se vestindo ou tomando o desjejum. No entanto, não foi um doméstico que atendeu, mas ele próprio.

– Aqui é Maigret, sr. procurador geral... Marton está morto... O homem de quem lhe falei ontem de manhã... Não, estou no Quai des Orfèvres... Deixei um inspetor na Avenue de Châtillon, Lapointe... O dr. Paul está avisado... A Identidade Judiciária também, sim, sim... Não sei... Estou com as duas mulheres em meu escritório...

Falava em voz baixa, embora a porta de comunicação entre as duas peças estivesse fechada.

– Não creio que eu possa ir até lá esta manhã... Vou enviar um outro inspetor para substituir Lapointe...

Ele tinha quase a aparência de um culpado. Terminada a ligação, olhou seu relógio e preferiu esperar, para enviá-lo ao local, a chegada de Janvier, que não tardaria e estava sabendo do caso.

Depois de passar a mão pela face, pediu ao terceiro inspetor, Bonfils, ocupado em redigir um relatório sobre os incidentes policiais da noite:

– Pode ir até meu armário e trazer aqui minha lâmina, meu creme de barbear e uma toalha?

Preferia não fazer isso diante das duas mulheres. Com os objetos de toalete na mão, foi até o corredor e entrou no banheiro. Ali retirou o casaco e barbeou-se sem pressa, como para retardar o momento de fazer o que lhe restava a fazer. Após lavar o rosto com água fria, voltou a encontrar seus colaboradores e também o rapaz da Brasserie Dauphine, que não sabia onde colocar a bandeja.

– Em meu escritório... Por aqui...

Pegou mais uma vez o telefone e foi com sua mulher, desta vez, que falou.

– Vou ter uma manhã ocupada. Não sei ainda se poderei voltar para o almoço.

Ouvindo sua voz fatigada, ela se inquietou:

– Alguma coisa não vai bem?

O que ele podia responder?

– Não se preocupe. Vou tomar meu café-da-manhã.

Ele recomendou, enfim, a Bonfils:

– Quando Janvier chegar, diga-lhe que venha me ver.

Entrou no escritório, de onde saía o rapaz do café, liberou Janin. Depois, sempre devagar, ou como num sonho, despejou café nas três xícaras.

– Açúcar? – perguntou a Gisele Marton, primeiro.

– Duas porções.

Estendeu a xícara, o prato com croissants, mas ela fez sinal que não desejava comer.

– Açúcar?

A cunhada fez não com a cabeça. Também não quis croissants, que ele foi o único, sem apetite, a comer.

O dia já clareara, mas não o bastante para apagar as luzes. Por duas vezes Jenny abriu a boca para fazer uma pergunta, e o olhar do comissário por duas vezes lhe tirara a vontade de falar.

O momento havia chegado. Maigret, que se servira de uma segunda xícara de café, enchia lentamente um cachimbo escolhido entre os que estavam espalhados em sua mesa.

De pé, olhou sucessivamente para suas interlocutoras.

– Creio que vou começar pela senhora – murmurou, dirigindo-se à sra. Marton.

Jenny estremeceu e, uma vez mais, teve vontade de dizer alguma coisa.

– Quanto à senhora, vou pedir que aguarde numa outra peça em companhia de um de meus inspetores.

Ele chamou Janin.

– Conduza a senhora até a sala verde e fique com ela até que eu o chame.

Não era a primeira vez que isso acontecia. Eles já estavam acostumados.

– Certo, chefe.

– Janvier ainda não chegou?

– Acho que ouvi a voz dele no corredor.

– Diga-lhe para vir em seguida.

Janin afastou-se com a cunhada, Janvier entrou um instante depois, deteve-se, confuso, ao reconhecer a sra. Marton sentada numa cadeira, com uma xícara de café na mão.

– Marton está morto – anunciou Maigret. – Lapointe está na casa. Passou a noite lá, e seria bom que você fosse rendê-lo.

– Alguma instrução, chefe?

– Lapointe dirá o que deve fazer. Se for de carro, chegará ainda antes da Procuradoria.

– O senhor não virá?

– Acho que não.

As duas portas finalmente se fecharam e não havia mais ninguém, no escritório, senão Maigret e a sra. Marton. Parecia que ela também esperara aquele momento e, enquanto ele permanecia silencioso à sua frente, tragando o cachimbo, ela se animou lentamente, saindo aos poucos de seu torpor, ou melhor, de sua rigidez.

Era curioso ver seu rosto voltar a ser humano, sua pele colorir-se levemente, seus olhos exprimirem algo mais que a espera.

– O senhor pensa que o envenenei, não é mesmo?

Ele se manteve calado. Não era a primeira vez que, como acabava de fazer, evitava, no momento da descoberta de um crime, fazer perguntas. Em geral é preferível evitar que as pessoas falem logo, suspeitos ou testemunhas, pois lhes acontece, se no primeiro momento se pronunciaram, de em seguida se calarem por receio de serem acusados de mentira.

Conscientemente ele dera um tempo, tanto a uma quanto à outra, de refletirem, de decidirem sua atitude e as declarações que fariam.

– Não penso nada – ele murmurou enfim. – A senhora observou que não chamei o estenógrafo. Não tomarei notas do que vai me dizer. Conte-me apenas o que aconteceu.

Ele sabia que sua calma, a maneira simples como lhe falava, a deixariam sem reação.

– Comece, por exemplo, por ontem à noite.

– Que quer saber?

– Tudo.

Era constrangedor. Ela se perguntava por onde começar sua história, e ele acabou por ajudá-la um pouco.

– A senhora voltou para casa...

- Como todas as noites, evidentemente.
- A que horas?
- Às oito. Depois de fechar a loja, tomei um aperitivo num bar da Rue Castiglione.
- Com o sr. Harris?
- Sim.
- E depois?
- Meu marido havia chegado antes de mim. Minha irmã também estava em casa. Comemos juntos à mesa.
- Foi sua irmã que preparou o jantar?
- Como sempre.
- Vocês comem embaixo, na sala que serve ao mesmo tempo de ateliê e de quarto de dormir para seu marido?
- De uns meses para cá, ele decidira dormir lá.
- Quantos meses?
- Ela fez a conta mentalmente. Seus lábios se mexiam.
- Oito meses – disse por fim.
- O que comeram?
- Primeiro sopa... A mesma da véspera... Jenny prepara sempre a sopa para dois dias... Depois presunto e salada, queijo e frutas...
- Café?
- Nunca tomamos café à noite.
- Não observou nada de anormal?
- Ela hesitou, fitando-o diretamente nos olhos.
- Depende do que chama anormal. Não sei bem o que lhe dizer, pois suspeito que há certas coisas que o senhor conhece melhor que eu. A prova é que havia um inspetor à porta. Antes de passar à mesa, subi para tirar meu casaco e calçar pantufas. Soube assim que minha irmã havia saído e que mal acabara de chegar.
- Como soube?
- Porque abri a porta de seu quarto e vi calçados ainda molhados. Seu casaco também estava úmido.
- Que foi fazer no quarto dela?
- Justamente certificar-me de que havia saído.
- Por quê?

Sempre sem desviar os olhos, ela respondeu:

– Para saber.

– Jenny tirou a mesa?

– Sim.

– É sempre ela que faz isso?

– A contribuição dela é ocupar-se das tarefas domésticas.

– É também ela que lava a louça?

– Às vezes meu marido a ajuda.

– A senhora não?

– Não.

– Continue.

– Ela preparou o chá, como nas outras noites. Foi ela que nos habituou a tomar chá à noite.

– De cidreira? Camomila?

– De anis-estrelado. Minha irmã tem o fígado preguiçoso.

Desde os Estados Unidos, toma todas as noites uma xícara de chá de anis-estrelado, e meu marido quis experimentar, depois eu. O senhor sabe como é...

– Ela trouxe as xícaras numa bandeja?

– Sim.

– Com o bule?

– Não. Encheu as xícaras na cozinha e veio em seguida colocar a bandeja sobre a mesa.

– O que seu marido fazia nesse momento?

– Procurava uma estação no rádio.

– De modo que, se recordo bem a peça, ele estava de costas para vocês.

– Sim.

– E a senhora, o que fazia?

– Tinha aberto uma revista.

– Junto à mesa?

– Sim.

– E sua irmã?

– Voltou à cozinha para lavar a louça. Sei onde o senhor quer chegar, mas mesmo assim lhe direi a verdade. Não despejei nenhum produto nas xícaras, nem na do meu marido nem nas

outras. Contentei-me com uma precaução que tomo há algum tempo, sempre que possível.

– Qual?

– Girar discretamente a bandeja, de modo que a xícara que me é destinada passe a ser a de meu marido ou de minha irmã.

– E, ontem à noite, sua xícara passou a ser...?

– A de meu marido.

– Ele a tomou?

– Sim. Levou-a consigo e colocou-a sobre o rádio...

– A senhora em nenhum momento deixou a peça? Não pode ter havido alguma outra substituição?

– Tenho pensado nisso nas últimas duas horas.

– A que conclusão chegou?

– Antes que minha irmã trouxesse a bandeja, meu marido foi até a cozinha. Jenny negará isso, provavelmente, mas é a verdade.

– O que ele foi fazer?

– Supostamente, ver se seus óculos não estavam lá. Ele usa óculos para ler. Precisa deles também para ver o mostrador do rádio. Do ateliê ouve-se tudo o que se diz na cozinha. Ele não falou à minha irmã, voltou quase em seguida e trouxe os óculos para perto do trem elétrico.

– Foi durante essa ida à cozinha que a senhora mudou as xícaras de lugar?

– Talvez. Não necessariamente. Já lhe disse que faço isso com freqüência.

– Porque temia que ele a envenenasse?

Ela o olhou sem responder.

– Que se passou a seguir?

– Nada de diferente das outras noites. Minha irmã veio beber seu chá e voltou para a cozinha. Xavier escutava um programa, enquanto consertava um pequeno motor elétrico destinado a não sei quem.

– E a senhora continuou lendo?

– Durante uma hora ou duas. Eram cerca de dez horas quando subi.

– Foi a primeira a subir?

– Sim.

– O que fazia sua irmã nesse momento?

– Preparava a cama do meu marido.

– Tinha o hábito de deixá-los a sós?

– Por que não? Que diferença faria?

– Acha que eles aproveitavam para se beijar?

– Para mim tanto faz.

– Tem razões para acreditar que seu marido era o amante de sua irmã?

– Ignoro se eram amantes. Duvido. Ele se comportava com ela como um apaixonado de dezessete anos.

– Por que acaba de dizer: *duvido*?

Ela não respondeu imediatamente. O olhar de Maigret insistia. Ela acabou respondendo por uma outra pergunta.

– Por que acha que não tivemos filhos?

– Porque a senhora não quis.

– Foi o que ele lhe disse, não é? E provavelmente é o que contava aos colegas. Um homem não gosta de confessar que é praticamente impotente.

– Era o caso dele?

Ela assentiu com a cabeça, não sem desgosto.

– Está vendo, sr. comissário, há ainda muitas coisas que ignora. Xavier lhe forneceu sua versão de nossa vida. Eu, quando fui vê-lo, não me dei o trabalho de entrar nos detalhes. Esta noite se produziram acontecimentos que não compreendo e sei que, quando os contar, o senhor não acreditará em mim.

Ele não a pressionava a falar. Ao contrário, fazia questão de dar-lhe o tempo de pesar suas frases.

– Ouvi o médico, há pouco, afirmar que Xavier foi envenenado. Talvez seja verdade. Mas eu também fui.

Ele não pôde impedir um estremecimento, passando a olhá-la com mais acuidade.

– A senhora foi envenenada?

Vinha-lhe uma lembrança que o inclinava a acreditar nela: as manchas, já secas, no assento sanitário e nos ladrilhos.

– Despertei no meio da noite com uma terrível ardência no estômago. Quando levantei, fiquei surpresa de me sentir zozza e com as pernas moles. Precipitei-me em direção ao banheiro e enfiei dois dedos na boca a fim de vomitar. Perdoe-me se o que lhe conto é desagradável. Era como um fogo, com um ressaibo que eu reconheceria sem dificuldade.

– Chamou sua irmã, seu marido?

– Não. É provável que tenham me ouvido, pois acionei várias vezes a caixa de descarga. Duas vezes lavei o estômago, expelindo a cada vez um líquido que conservava o mesmo gosto ruim.

– Não teve a idéia de chamar um médico?

– Para quê? Quando me senti melhor...

– Voltou a se deitar?

– Sim.

– Não foi tentada a descer?

– Apenas escutei. Ouvei Xavier virar-se na cama como se tivesse um sono agitado.

– A senhora se dá conta de que foi a xícara dele que bebeu?

– Suponho que sim.

– Continua a afirmar que mudou de lugar as xícaras na bandeja?

– Sim.

– E que a seguir não tirou mais os olhos dessa bandeja? Seu marido, ou sua irmã, podem ter feito uma nova substituição?

– Minha irmã estava na cozinha.

– Seu marido então tomou a xícara que era destinada à senhora?

– Devo supor que sim.

– O que significa que foi sua irmã que tentou envenená-la?

– Não sei.

– Ou ainda, já que seu marido foi envenenado também, que ela quis envenenar a ambos?

Ela repetiu:

– Não sei.

Eles se olharam longamente em silêncio. Por fim, Maigret levantou-se e foi até a janela onde, olhando o Sena correr sob a

chuva, pôs-se a preparar um novo cachimbo.

CAPÍTULO VIII

UMA MANCHA NA BANDEJA

COM A TESTA colada à vidraça fria, como quando era pequeno e a mantinha assim até a pele ficar branca e ele sentir agulhadas na cabeça, Maigret, sem prestar atenção, seguia com os olhos os movimentos de dois operários que, do outro lado do Sena, trabalhavam num andaime.

Quando se virou, seu rosto tinha uma expressão resignada, e, ao dirigir-se à mesa para retomar seu lugar, ele disse, propositalmente sem olhar para Gisele Marton:

– Tem ainda algo a me dizer?

Ela não hesitou por muito tempo, e, quando falou, ele não pôde deixar de levantar a cabeça, pois ela pronunciou com uma voz calma, comedida, sem provocação e como que sem pesar:

– Eu vi Xavier morrer.

Sabia ela a impressão que produzia assim no comissário? Dava-se conta de que inspirava nele uma admiração involuntária, técnica, de certo modo? Ele não se lembrava de ter visto, naquela sala onde tanta gente desfilara, uma criatura dotada de tanta lucidez e sangue-frio. Tampouco se lembrava de alguém que fosse tão *indiferente*.

Não se percebia, nela, nenhuma vibração humana. Não havia falha.

Com os cotovelos apoiados na mesa, ele suspirou:

– Conte.

– Eu tinha voltado a deitar e estava com dificuldade para adormecer de novo. Tentava em vão compreender o que acontecera. Não tinha mais uma noção real do tempo que transcorria. O senhor sabe como é. Tem-se a impressão de seguir

um pensamento contínuo, mas, em realidade, há buracos. Devo ter cochilado várias vezes. Em uma ou duas ocasiões, pareceu-me ouvir um ruído na sala de baixo, o ruído que meu marido fazia ao virar-se bruscamente na cama. Pelo menos foi o que pensei.

“Num momento, estou certa disso, surpreendi um gemido e disse a mim mesma que ele estava tendo pesadelos. Não era a primeira vez que ele falava e se debatia durante o sono. Ele contara-me que, quando garoto, era sonâmbulo, e isto acontecera várias vezes enquanto dormia comigo.”

Ela continuava a escolher as palavras, sem mais emoção do que se contasse uma história.

– Num certo momento, ouvi um ruído mais forte, como se uma coisa pesada caísse no chão. Hesitei em me levantar, assustada. Com os ouvidos tensos, acreditei perceber um estertor. Então me levantei, vesti o robe e, sem ruído, fui até a escada.

– Não viu sua irmã?

– Não.

– Nem ouviu ruído no quarto dela? Não havia luz debaixo da porta?

– Não. Para ver na peça de baixo, eu precisava descer alguns degraus e hesitei, consciente de um perigo. Mesmo assim o fiz, contra a vontade, e me inclinei.

– Quantos degraus desceu?

– Seis ou sete. Não contei. Havia luz no ateliê, somente da lâmpada de cabeceira. Xavier estava estendido no chão, mais ou menos a meio caminho entre a cama e a escada em caracol. Era como se tivesse rastejado, ou tentasse ainda rastejar. Estava erguido sobre um cotovelo, o esquerdo, com o braço estendido à frente para pegar o revólver que se achava a uns trinta centímetros de sua mão.

– Ele a viu?

– Sim. Com a cabeça levantada, fitava-me com ódio, o rosto desfigurado, espuma ou baba nos lábios. Compreendi que, quando ele se dirigia à escada, já enfraquecido, com a arma na mão, para me matar, suas forças o abandonaram, que ele caíra e o revólver rolara fora de seu alcance.

De olhos semicerrados, Maigret revia o ateliê, a escada que subia até o teto, o corpo de Marton tal como fora encontrado.

– A senhora continuou a descer?

– Não. Fiquei ali, incapaz de tirar meus olhos dele. Não podia saber qual a quantidade exata de energia que lhe restava. Estava fascinada.

– Quanto tempo ele ficou assim até morrer?

– Não sei. Ele tentava pegar a arma e falar, lançar-me seu ódio ou fazer ameaças. Ao mesmo tempo, tinha medo de que eu descesse, me apoderasse do revólver antes dele e disparasse. É em parte a razão pela qual não descii. Não sei exatamente. Eu não estava refletindo. Ele ofegava, espasmos o sacudiam. Achei que ele também fosse vomitar. Depois emituiu um urro, o corpo foi sacudido várias vezes, as mãos se crispavam e, por fim, de repente, ficou imóvel.

Sem desviar o olhar, ela acrescentou:

– Compreendi que havia acabado.

– Foi então que desceu para se certificar de que ele estava morto?

– Não. Eu sabia que estava. Ignoro por que, mas era uma certeza para mim. Voltei a subir até meu quarto e sentei-me à beira da cama. Sentia frio. Pus o cobertor sobre os ombros.

– Sua irmã continuava ainda no quarto dela?

– Sim.

– No entanto acaba de dizer que ele emituiu um urro.

– Exato. Ela com certeza ouviu. Não podia não ouvir, mas permaneceu no quarto.

– A senhora não pensou em chamar um médico? Nem em telefonar à polícia?

– Se houvesse telefone em casa, talvez o tivesse feito. Não estou certa disso.

– Que horas eram?

– Ignoro. Não pensei em olhar o despertador. Eu continuava tentando compreender.

– Se tivesse telefone, não é a seu amigo Harris que teria ligado?

– Certamente não. Ele é casado.

– Não sabe me dizer, mesmo aproximadamente, o tempo que transcorreu entre o instante em que viu seu marido morrer e aquele, por volta das seis da manhã, em que foi telefonar na portaria? Teriam se passado uma, duas, três horas?

– Mais de uma hora, com certeza. Menos de três.

– Esperava ser acusada?

– Não tinha ilusões quanto a isso.

– E perguntava-se o que ia responder às perguntas que lhe fariam?

– É possível. Mas não sei exatamente no que estava pensando. Pensei muito. Depois ouvi o ruído familiar dos cestos de lixo arrastados no pátio e desci.

– Ainda sem encontrar sua irmã?

– Sim. Ao passar, toquei a mão de meu marido. Já estava fria. Procurei o número de seu telefone na lista e, já que não o encontrei, liguei para o Plantão de Polícia, pedindo que o avisassem.

– E depois voltou para casa.

– Do pátio, avistei luz no quarto de minha irmã. Quando empurrei a porta, Jenny descia a escada.

– Ela já tinha visto o corpo?

– Sim.

– E não disse nada?

– Talvez tivesse falado, se quase em seguida não tivessem batido à porta. Era o seu inspetor.

Ela acrescentou, após uma pausa:

– Se houver ainda um pouco de café...

– Está frio.

– Não importa.

Ele a serviu, servindo-se também uma xícara.

Para além da porta, da janela, a vida continuava, a de todos os dias, a vida tal como os homens a organizaram para se tranquilizarem.

Ali, entre as quatro paredes, era um outro mundo que se sentia palpitar por trás das frases, das palavras, um mundo obscuro e

inquietante, onde, no entanto, aquela mulher parecia manobrar sem dificuldade.

– A senhora amou Marton? – perguntou Maigret a meia-voz, quase contra a vontade.

– Não. Acho que não.

– No entanto casou com ele.

– Eu tinha vinte e oito anos. Estava desanimada por todas as tentativas que fizera.

– O que queria era respeitabilidade?

Ela não se mostrou melindrada.

– Queria calma, pelo menos.

– Escolheu Marton, de preferência a outros, porque ele era mais maleável?

– Talvez, inconscientemente.

– Já sabia que ele era mais ou menos impotente?

– Sim. Não era isso o que eu buscava.

– Nos primeiros tempos, foi feliz com ele?

– Feliz não é bem a palavra. Nós nos entendíamos razoavelmente.

– Porque ele fazia o que a senhora queria?

Ela fingiu não perceber a agressividade que vibrava na voz do comissário, nem a maneira como ele a olhava.

– Não me coloquei essa questão.

Nada a abalava, no entanto ela começava a mostrar algum cansaço.

– Quando conheceu Harris, ou, se preferir, Maurice Schwob, chegou a amá-lo?

Ela refletiu, com uma espécie de honestidade, como se fizesse questão de ser precisa.

– O senhor usa sempre essa palavra. A princípio Maurice podia mudar minha situação, e nunca achei que meu lugar fosse atrás do balcão de um grande magazine.

– Ele logo se tornou seu amante?

– Depende do que quer dizer com logo. Alguns dias, se lembro bem. Não demos importância a isso, nenhum dos dois.

– As relações de vocês eram mais no plano dos negócios?

– Se quiser. Sei que, entre duas hipóteses, o senhor escolherá a mais suja. Eu diria, isso sim, que Maurice e eu nos sentíamos de uma mesma espécie...

– Porque tinham as mesmas ambições. Nunca lhe ocorreu a idéia de divorciar-se para casar com ele?

– Para quê? Ele é casado, com uma mulher mais velha que ele, que é rica e graças a quem pôde montar seu negócio da Rue Saint-Honoré. Quanto ao resto...

Ela dava a entender que o resto tinha pouca importância!

– Quando começou a suspeitar que seu marido estava com o espírito perturbado? Pois teve essa impressão, não é mesmo?

– Não é uma impressão, é uma certeza. Desde o início eu sabia que ele não era inteiramente normal. Tinha períodos de exaltação, durante os quais falava de seus trabalhos como o faria um homem de gênio, e outros nos quais se queixava de ser apenas um fracassado de quem todos zombavam.

– Inclusive a senhora.

– É claro. As pessoas sempre agem assim. Durante esses últimos períodos, ele se mostrava taciturno, ansioso, me observava com desconfiança, para, de repente, no momento em que eu menos esperava, me criticar com raiva. Outras vezes, ao contrário, fazia insinuações.

– Isto não lhe dava vontade de deixá-lo?

– Acho que eu sentia pena dele. Era um homem infeliz. Quando minha irmã chegou dos Estados Unidos, de luto fechado, como as viúvas inconsoláveis, ele começou por mostrar-se contrariado. Ela perturbava seus hábitos, e ele não a perdoava por isso, ficava dias inteiros sem dirigir-lhe a palavra.

“Pergunto-me ainda como ela pôde suportar tal situação. O que lhe valeu, certamente, foi ser vista como uma pobre criatura sem dono.

“Assim, meu marido tinha finalmente sob controle alguém mais fraco que ele. Pelo menos é o que pensava. O senhor compreende? Com minha irmã, ele tinha a impressão de ser um homem, um ser sólido, superior...”

– Não lhe ocorreu então divorciar-se para deixar-lhes o campo livre?

– De qualquer jeito teriam sido infelizes juntos, pois minha irmã, em realidade, não é dócil, submissa. Pelo contrário.

– A senhora a detesta?

– Nunca nos amamos.

– Por que então a acolheu em sua casa?

– Porque ela me obrigou a isso.

Se Maigret sentia um peso sobre os ombros e como que um gosto amargo na boca, era por perceber que tudo aquilo era verdade.

A vida, na casa de fundos da Avenue de Châtillon, transcorria exatamente na atmosfera descrita em algumas frases pela sra. Marton, e ele podia imaginar as noitadas quase silenciosas durante as quais cada um permanecia encerrado em seu ódio.

– O que a senhora esperava? Que isso não durasse muito tempo?

– Fui procurar um médico.

– Steiner?

– Não, um outro. Contei-lhe tudo.

– Ele não a aconselhou a pedir a internação de seu marido?

– Aconselhou-me a esperar, dizendo que os sintomas não eram ainda bastante precisos, que uma crise mais violenta não tardaria a acontecer...

– De modo que a senhora previa essa crise, e estava prevenida?

Ela alçou imperceptivelmente os ombros. Depois de um silêncio, falou:

– Respondi a todas as suas perguntas?

Maigret procurava o que perguntar mas nada lhe ocorria, praticamente não restavam mais pontos obscuros.

– Quando se deteve na escada e viu seu marido caído no chão, não foi tentada a socorrê-lo?

– Eu não sabia se lhe restavam forças suficientes para pegar o revólver...

– Está convencida de que sua irmã estava a par de tudo o que acaba de me dizer?

Ela o olhou sem responder.

Para que continuar? Ele gostaria de tê-la colocado em contradição consigo mesma, gostaria de tê-la acusado. Mas não havia por onde pegá-la, e ela tampouco se esquivava.

– Alguma vez – ele murmurou lançando uma última flecha – teve a intenção de se desembaraçar de seu marido?

– Matando-o?

Ela salientava a distinção entre matar e fazê-lo internar. Como ele dissesse sim, ela declarou simplesmente:

– Se eu tivesse resolvido matá-lo, nada deixaria ao acaso e não estaria aqui.

O que ainda era verdade. Se alguém tinha a capacidade de cometer um crime perfeito, era essa mulher.

Mas infelizmente ela não havia matado Marton. Maigret tornou a acender o cachimbo, olhando-a com rancor, depois levantou-se pesadamente, com o corpo e o espírito embotados, e dirigiu-se à porta da sala dos inspetores.

– Liguem-me para a Avenue de Châtillon, 17... Cabine da portaria... Janvier está na casa dos fundos, no pátio... Gostaria de falar com ele ao telefone...

Voltou a seu lugar. Enquanto ele esperava, ela punha um pouco de pó-de-arroz no rosto, como teria feito no teatro durante o intervalo. A campainha do telefone tocou.

– Janvier?... Eu gostaria que fosse até a casa dos fundos, sem desligar o telefone, e examinasse atentamente uma bandeja que deve estar na cozinha...

Virou-se para Gisele Marton.

– Uma bandeja redonda ou quadrada?

– Uma bandeja retangular, de madeira.

– Uma bandeja de madeira, retangular, de tamanho suficiente para três xícaras e três pires... O que desejo saber é se existe uma marca qualquer, um arranhado, qualquer sinal que permita saber se a bandeja foi colocada num sentido ou noutro... Compreende o que quero dizer?... Um instante... Os homens da perícia continuam aí?...

Está bem...! Peça-lhes para examinar um frasco que se acha no armário das vassouras e que contém um pó esbranquiçado... que verifiquem as impressões digitais...

Janvier pôde responder imediatamente à segunda pergunta.

– Não há impressões, eles já verificaram. O frasco foi limpo com um pano úmido, levemente engordurado, certamente um esfregão de louça.

– A Procuradoria já chegou?

– Sim. O juiz de instrução não está contente.

– Porque não o esperei?

– Sobretudo porque levou as duas mulheres.

– Diga-lhe que, quando chegar a seu gabinete, o caso certamente estará resolvido. Quem é o juiz?

– Comélieu.

Maigret não ia com a cara dele, e vice-versa.

– Vá depressa ver a bandeja. Eu fico na linha.

Ouviu a voz de Gisele Marton, a quem não prestava mais atenção.

– Se tivesse me perguntado, eu teria lhe dado essa informação. Existe uma marca, não foi feita de propósito. É o verniz que formou uma bolha, num dos lados pequenos do retângulo.

Alguns instantes mais tarde, de fato, Janvier lhe dizia, um pouco ofegante:

– Há uma dilatação no verniz.

– Obrigado. Alguma coisa mais?

– No bolso de Marton foi encontrado um papel amassado, contendo fosforito de zinco.

– Eu sei.

Não que o papel estivesse no bolso do morto, mas que o encontrariam em alguma parte da peça.

Ele desligou.

– Quando viu seu marido ir até a cozinha, suspeitou o que ele ia fazer, não é mesmo? Foi por isso que mudou as xícaras de lugar?

– Eu as mudava sempre que podia.

– E ele costumava fazer o mesmo?

– Sim. Só que ontem à noite não pôde fazer, pois não tirei os olhos da bandeja.

No Boulevard Richard-Lenoir também havia uma bandeja, não de madeira, mas prateada, e que fora um presente de casamento. A xícara de Maigret e de sua mulher eram idênticas, com a única diferença que a do comissário tinha uma rachadura quase imperceptível.

Mas eles nunca se enganavam. Quando a sra. Maigret punha a bandeja na mesinha de centro junto à poltrona do marido, este tinha certeza de que sua xícara estava a seu lado, ao alcance da mão.

Ele levantou-se mais uma vez. A sra. Marton o seguia com os olhos, curiosa, mas sem ansiedade.

– Pode vir aqui um instante, Lucas? Encontre uma sala vazia, qualquer uma, e vá até lá com ela. Fique até eu chamá-lo. No caminho, diga que me tragam a cunhada.

A sra. Marton acompanhou o inspetor sem fazer nenhuma pergunta ao comissário. Este, ao ficar só, foi até o armário, pegou uma garrafa de conhaque, que guardava menos para si do que para alguns de seus clientes que às vezes tinham necessidade disso, e despejou uma dose no copo.

Quando bateram à porta, ele fechava a do armário e mal teve tempo de enxugar os lábios.

– Entre!

Jenny foi introduzida. Tinha o rosto pálido, inchado, com marcas vermelhas, de alguém que havia chorado.

– Sente-se.

A cadeira que a irmã ocupara ainda estava quente. Jenny olhava ao redor, desorientada por se achar sozinha com o comissário.

Ele permanecia de pé, dando voltas, não sabendo como atacar; por fim, postando-se diante dela, falou:

– Que advogado vai escolher?

Ela ergueu bruscamente a cabeça, com os olhos úmidos, arregalados. Os lábios se mexiam, mas ela não conseguia falar.

– Prefiro interrogá-la em presença de seu advogado, para que não tenha a impressão de que a trato como uma criminosa.

Ela acabou por balbuciar, com lágrimas nas faces:

– Não conheço nenhum advogado.

Ele pegou, numa das prateleiras da biblioteca, um anuário da Ordem dos Advogados e estendeu-lhe.

– Escolha nesta lista.

Ela sacudia a cabeça.

– De que adianta?

Ele teria preferido tanto que fosse a outra!

– A senhora confessa?

Ela fez sinal que sim, buscou o lenço na bolsa, assoou-se ruidosamente e seu nariz ficou ainda mais vermelho.

– Admite que teve a intenção de envenenar sua irmã?

Ela desatou então a chorar.

– Não sei mais... Não me torture... Quero que tudo acabe logo.

Os soluços a sacudiam. Não lhe ocorria a idéia de ocultar o rosto molhado.

– A senhora amava seu cunhado?

– Não sei. Não sei mais. Acho que sim...

Seus olhos suplicavam.

– Ande depressa com isso, comissário! Não agüento mais...

Agora que sabia, ele tomava o caminho mais curto. Sucedeu-lhe mesmo, ao passar ao lado dela, de tocar seu ombro com a mão, como se compreendesse que ela precisava de um contato humano.

– A senhora dava-se conta de que Xavier não era uma pessoa normal?

Ela fez que sim com a cabeça. Fez que não. Debatia-se com problemas complicados demais para ela. Por fim bradou:

– Era ela que não o compreendia e o deixava louco!...

– De propósito?

– Não sei. Ele tinha necessidade...

As palavras não lhe vinham.

– Eu tentei...

– Confortá-lo?

– O senhor não pode saber em que atmosfera vivíamos...
Somente quando estávamos a sós, ele e eu... Pois comigo ele se sentia bem, confiante...

– Quando a encontrou na rua, ontem à noite, ele lhe disse que se submeteria a um teste esta manhã?

Surpresa de que Maigret estivesse a par, ela ficou por um momento a olhá-lo, de boca aberta.

– Responda... Eu também estou tentando livrá-la o mais rápido possível...

Essa frase, ela compreendeu. Não imaginou que o comissário falasse de colocá-la em liberdade, mas de livrá-la dela mesma, de algum modo.

– Ele me disse – ela admitiu a custo.

– Isto a deixou com medo?

Ela disse que sim, fungando, e acrescentou, novamente a ponto de chorar:

– Ele imaginou que ela havia ganho...

A escolha das palavras traía a desordem de seu pensamento.

– Pois foi ela que o levou a tudo isso... Ela previra que ele encontraria o veneno, que começaria a ter idéias...

– Ele a odiava?

Ela fitou o comissário com temor, sem ousar responder.

– E a senhora também, não é mesmo? Passou a odiar sua irmã.

Ela sacudia a cabeça. Isto não queria dizer nem sim nem não. Ela procurava, antes, afastar o pesadelo.

– Ontem à noite, ao sair daqui – prosseguiu Maigret –, Marton imaginou que depois do exame médico não lhe devolveriam a liberdade... Restava-lhe então somente uma noite... Era sua última chance...

O comportamento do vendedor de brinquedos podia parecer incoerente, mesmo assim tinha uma certa lógica, e Maigret começava a compreender algumas passagens do tratado de psiquiatria. Mas o que o autor do livro expunha em termos difíceis, com frases complicadas, não era senão o humano, afinal de contas.

– No momento em que ele foi à cozinha, quando a senhora estava lá...

Ela estremeceu, com vontade de fazê-lo calar-se.

– O chá já estava nas xícaras?

Ele tinha certeza, não havia necessidade de resposta.

– Não o viu despejar o pó?

– Eu estava de costas para ele. Ele abriu a gaveta dos talheres e pegou uma faca. Ouvei o ruído das facas...

– E acreditou que ele não tinha a coragem de despejar o veneno?

Maigret revia a faca, de cabo de madeira escura, perto do rádio sobre o qual estava colocado um catálogo.

Sob o olhar do comissário, Jenny debateu-se ainda um pouco antes de gemer:

– Fiquei com pena...

Ele poderia ter replicado:

“Mas não da sua irmã!”

E ela continuou:

– Eu tinha certeza de que iriam interná-lo, de que Gisele ganhara a partida... Então...

– Então pegou o frasco de fosforito e despejou uma boa dose na xícara de sua irmã. Teve a presença de espírito de limpar o frasco.

– Eu estava com um pano molhado na mão.

– Certificou-se de que a xícara destinada à sua irmã estava do lado apropriado da bandeja.

– Eu lhe suplico, comissário!... Se soubesse a noite que passei...

– A senhora ouviu tudo?

– Como poderia não ter ouvido?

– E não desceu?

– Estava com muito medo.

Ela tremia ao recordar o que acontecera, e foi para acalmá-la que Maigret se dirigiu novamente até o armário.

– Beba.

Ela obedeceu, engasgou-se, por pouco não cuspiu o conhaque que lhe ardia na garganta.

Parecia ter chegado a um ponto em que era tentada a deitar-se no chão, a ficar imóvel sem nada mais querer ouvir.

– Se seu cunhado tivesse dito tudo à senhora...

Entorpecida, ela se perguntava o que ainda lhe faltava saber.

E Maigret, que se lembrava das palavras que Xavier Marton dissera naquela mesma sala, explicou:

– Não era com veneno que ele tinha a intenção de se livrar de sua mulher ou de se vingar dela, mas com seu revólver.

Não havia quase conseguido? Não falam os psiquiatras da lógica rigorosa de alguns dementes?

Fora em sua *própria* xícara que ele despejara o fosforito, enquanto remexia nas facas, tão depressa que a cunhada, de costas para ele, pôde pensar que ele fraquejara no último momento.

Ele calculara uma dose de veneno capaz de causar-lhe uma indisposição e explicar o gesto que realizaria a seguir, mas não o suficiente para morrer. Não era sem razão que, havia meses, freqüentava as bibliotecas públicas, pesquisando tratados de medicina e de química.

Essa dose, fora Gisele Marton, ao mudar o lugar das xícaras na bandeja, que a bebera, e que só lhe provocara vômitos.

Não fora isso que Jenny compreendera na interminável noite que passou em seu quarto, a espreitar os ruídos da casa?

A prova de que ela finalmente o sabia, é que se encolheu ainda mais na cadeira, com a cabeça baixa, balbuciando, como se não tivesse mais energia de articular:

– Fui eu que o matei...

Ele a deixou com sua prostração, evitando fazer ruído, temendo apenas vê-la cair no chão. Depois, quase na ponta dos pés, foi até a sala dos inspetores.

– Alguém a conduza até lá embaixo... Delicadamente...

Primeiro à enfermaria...

Ele preferia não se encarregar disso. Plantado diante da janela, não se preocupou sequer em saber qual inspetor se dirigia até seu escritório.

Não era culpa dele. Ele não podia, depois da primeira visita de Marton, conduzi-lo até o psiquiatra. E este, certamente, não teria assumido a responsabilidade de uma internação.

Existe, entre a responsabilidade e a irresponsabilidade, uma zona imprecisa, uma região de sombras onde é perigoso aventurar-se.

Duas personagens, pelo menos, haviam se debatido nessa região, enquanto uma terceira...

– Que fazemos com a outra, chefe?

Ele estremeceu, virou-se, olhando a ampla sala dos inspetores como um homem que voltasse à vida.

– Que ela vá embora.

Por pouco não pronunciou:

“Que ela se f...”

Ele esperava que seu escritório ficasse livre. Sentindo então o resto de odores estranhos, abriu a janela.

Estava aspirando profundamente o ar úmido, quando ouviu a voz de Lucas às suas costas:

– Não sei se fiz bem. Antes de partir, a sra. Marton pediu-me a permissão para dar um telefonema. Consenti, achando que poderíamos obter alguma informação.

– O que ela disse a ele?

– O senhor sabe com quem ela falou?

– Harris.

– Ela o chama Maurice. Desculpou-se por não ter ido abrir a loja. Não deu detalhes. Disse apenas: “Explicarei daqui a pouco...”

Maigret tornou a fechar a janela, e Lucas, depois de tê-lo observado, perguntou, preocupado:

– Que houve, chefe?

– Nada. Que poderia haver? Foi o que ela disse, e não é uma mulher que se engane. Neste momento ela está num táxi, segurando um espelhinho diante do nariz e refazendo a maquiagem...

Esvaziou o cachimbo no cinzeiro.

– Chame a Procuradoria e, se Comélieu tiver voltado, anuncie que vou vê-lo em seguida.

Para ele, estava terminado. O resto competia aos juízes, e ele não tinha vontade nenhuma de estar no lugar deles.

FIM

Noland, 16 de dezembro de 1957.

SOBRE O AUTOR

GEORGES JOSEPH CHRISTIAN SIMENON nasceu na cidade belga de Liège, em 12 de fevereiro de 1903, filho de Desiré Simenon, contador de uma companhia de seguros, e Henriette. A família era católica, e o comparecimento a rituais da Igreja foi uma constante na infância do autor. Christian, filho mais novo do casal, era o preferido de Henriette, enquanto Georges venerava o pai, um homem paciente que não desperdiçava palavras. Era adolescente quando Liège foi ocupada pelos alemães durante a Primeira Guerra Mundial.

Ainda na juventude do autor, seu pai adoeceu gravemente do coração. Georges abandonou a escola e começou a trabalhar. Passou por vários empregos, até que, em janeiro de 1919, foi admitido como office-boy no *Gazette de Liège*, sendo posteriormente promovido a repórter. Escreveu sob vários pseudônimos, até chegar ao nome de Georges Sim, que usaria por doze anos. Na atividade jornalística adquiriu várias habilidades que muito lhe valeriam na carreira de romancista: escrever rápido e respeitar prazos. Paralelamente ao trabalho, nesse período Simenon aplicou-se no estudo de medicina forense. Também nessa época começou suas primeiras experimentações literárias e conheceu Régine Renchon, a quem apelidou de Tigy, sua futura mulher.

Seu pai morreu em 1921, e, após cumprir o serviço militar, Georges mudou-se para Paris, em 1922, onde se sustentou graças ao salário como secretário particular. Nos anos seguintes, ele se estabeleceria como autor de literatura *pulp*, além de freqüentar artistas da cena francesa, como o cineasta Jean Renoir, de quem se tornou amigo, e a cantora americana Josephine Baker, de quem foi

amante. Já nessa época estava em gestação aquele que se tornaria um dos mais famosos personagens da literatura ocidental, o inspetor Jules Maigret.

Entre 1929 e 1930, Simenon escreveu sob pseudônimo vários textos que prenunciavam o surgimento da série em que o comissário da Polícia Judiciária francesa desvenda uma série de crimes. Os anos de 1930 e 1931 foram dedicados à redação dos romances que comporiam a série Maigret e que seriam publicados já com o nome do autor, pela editora francesa Fayard a partir de 1931. *Pietr-le-Letton (O assassino sem rosto)* foi o primeiro desses romances a ser escrito, mas *Monsieur Gallet, décédé* foi o primeiro a ser publicado, obtendo sucesso imediato, como os demais livros que se seguiriam. Todo o universo e a ética de Maigret já estavam estabelecidos nos primeiros livros da série. As histórias protagonizadas pelo inspetor Maigret – parisiense, fumante de cachimbo, usando sempre um sobretudo de gola de veludo e chapéu – compõem uma categoria *sui generis* da literatura policial: o êxito junto ao público deve-se menos ao enredo e à descoberta do mistério do que ao misto de ceticismo e esperança com o qual o taciturno Maigret vê a sociedade – visão psicológica que é a principal arma desse humanista no combate contra o crime. Com o passar dos anos, a composição dos personagens secundários se tornaria mais complexa e o tom dos romances, mais filosófico.

Em 1933, já havia escrito seis romances em um estilo diferente do que praticara até então, que ele chamou de *roman durs*: romances que não necessariamente giram em torno de um crime e que se apóiam, sobretudo, na riqueza psicológica dos personagens. A essa altura a família já estava vivendo na propriedade em La Rochelle, na costa oeste da França.

Em 1945, Simenon – já com problemas de coração –, Tigy e o filho do casal, Marc, deixaram a Europa em direção à América. Lá, ele conheceu Denyse Ouimet, que se tornaria sua segunda mulher. Em 1953, nasceu Marie-Jo, a única filha do autor, que acabaria se suicidando em 1978. Em 1955 a família retornou à Europa, estabelecendo-se na Suíça.

A década que se seguiu foi turbulenta: Denyse sofreu de problemas psiquiátricos que a levaram à internação, em 1962, e em 1964 abandonou a recém-construída residência familiar, na cidade suíça de Épalinges. Em 1970, morreu a mãe de Simenon, com quem ele sempre tivera relações problemáticas, e nesse mesmo ano ele escreveu seu último *roman dur*, *Les Innocents*, além de *Maigret et monsieur Charles*, o último romance protagonizado por Jules Maigret. A partir de 1973, Simenon ditou e escreveu apenas livros de memórias, que, como seu textos autobiográficos, são vistos com reservas por muitos estudiosos de sua obra, no que diz respeito à veracidade dos fatos. Nos últimos anos, o escritor viveu recluso, fazendo aparições públicas apenas ocasionalmente, das quais a mais famosa foi a entrevista dada ao cineasta e amigo Federico Fellini, na qual afirmou ter mantido relações com 10 mil mulheres. Morreu aos 86 anos, no dia 4 de setembro de 1989, em Lausanne.

Simenon, no mais emblemático caso de proficuidade literária do século XX, é autor de mais de 200 romances (75 dos quais protagonizados pelo inspetor Maigret), 155 contos (30 com Maigret) e 25 textos autobiográficos. Esses números são apenas aproximativos, já que vários escritos foram publicados apenas em periódicos, sob até 29 pseudônimos. Dezenas de seus livros foram adaptados para a tevê, cinema e quadrinhos, e a sua venda mundial é estimada em 1,5 bilhão de exemplares, em mais de 50 línguas. Atestando a sua permanência literária e a excelência de sua ficção, foi recentemente eleito o segundo melhor autor de livros de mistério pelo jornal *The Times*, após Patricia Highsmith.

Título original: *Les scrupules de Maigret*

Capa: Ivan Pinheiro Machado. Foto: © Erich Hartmann/Magnum Photos

Tradução: Paulo Neves

Preparação: Jó Saldanha

Revisão: Lia Cremonese

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

S599e

Simenon, Georges, 1903-1989

Os escrúpulos de Maigret / Georges Simenon; tradução de Paulo Neves. – 1.ed. - Porto Alegre, RS: L&PM, 2011.

(Coleção L&PM POCKET ; v. 766)

Tradução de: *Les scrupules de Maigret*

ISBN 978.85.254.2430-3

1. Ficção francesa. I. Neves, Paulo. II. Título. III. Série.

09-0863. CDD: 843

CDU: 821.133.1-3

Les scrupules de Maigret © 1958 Georges Simenon Limited, a
Chorion Company. All rights reserved.

Os escrúpulos de Maigret © 2009 Georges Simenon Limited, a
Chorion Company. All rights reserved.

Todos os direitos desta edição reservados a L&PM Editores
Rua Comendador Coruja 314, loja 9 – Floresta – 90220-180
Porto Alegre – RS – Brasil / Fone: 51.3225.5777 – Fax: 51.3221-
5380

Pedidos & Depto. Comercial: **vendas@lpm.com.br**
Fale conosco: **info@lpm.com.br**
www.lpm.com.br